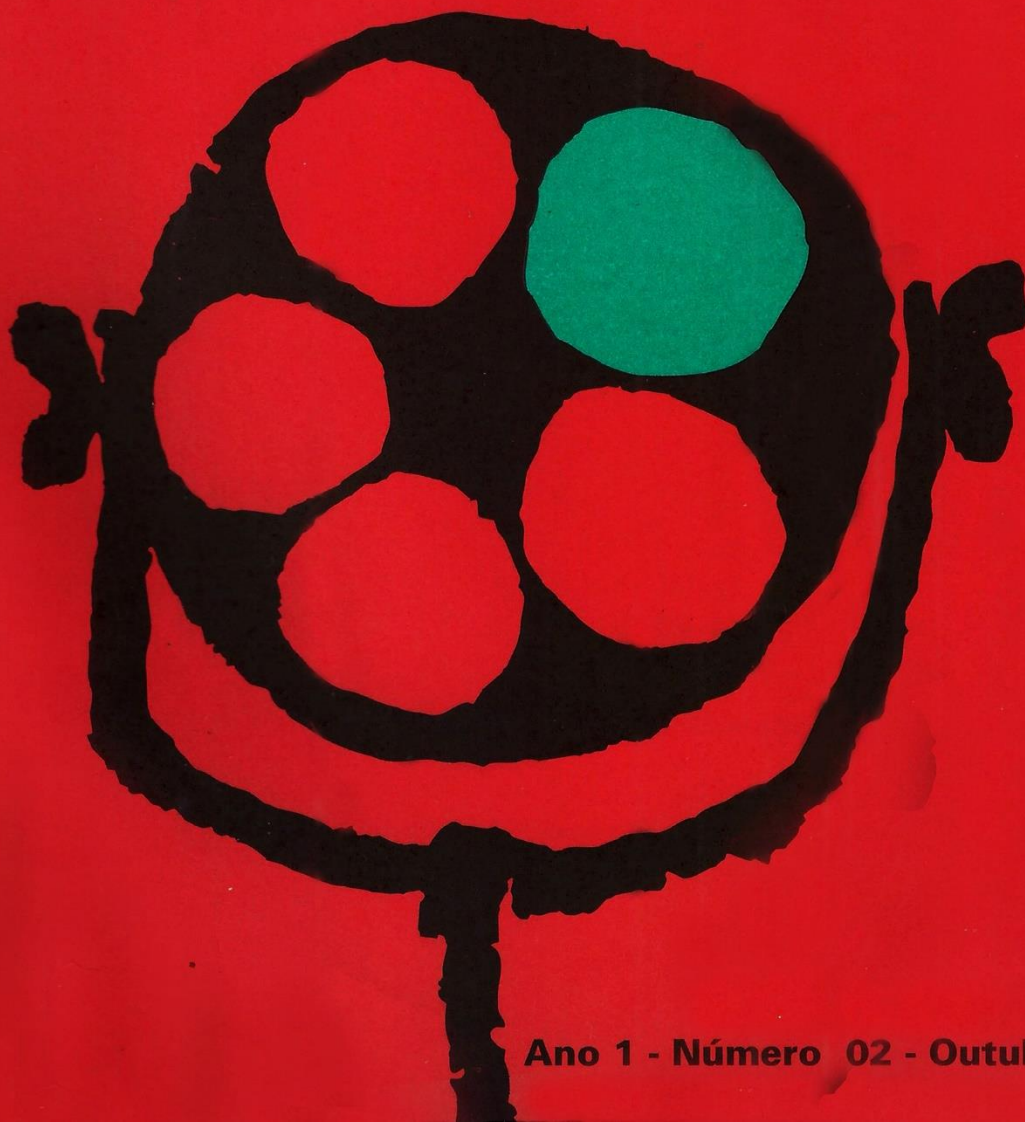


teatro da juventude



Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Cultura



Ano 1 - Número 02 - Outubro de 1995

Teatro da Juventude

Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Cultura

Secretaria de Estado da Cultura

Governo do Estado de São Paulo

Mário Covas

Secretário de Estado da Cultura: Marcos Mendonça

Assessora de Artes Cênicas: Analy Alvarez

Comissão Estadual de Teatro

Afonso Gentil

Analy Alvarez

Carlos Mecení

Efrén Colombani

Luiz Amorim

Vera Nunes

Zecarlos de Andrade

Teatro da Juventude

Ano 1 - número 02 - Outubro de 1995

Supervisão geral: Tatiana Belinky

Editora: Ernê Vaz Fregni

Revisão: Cely Arena

Produção: Camila Machado

Editoração: Ziza Mádio

Impressão: Imprensa Oficial do Estado S. A. - IMESP

Tiragem: 10 mil exemplares

Distribuição: gratuita a estabelecimentos de ensino e entidades culturais, da Capital e do Interior, mediante solicitação por escrito à Comissão Estadual de Teatro.

A revista **Teatro da Juventude** é uma publicação bimestral de peças e textos sobre artes cênicas destinada a jovens atores e encenadores. As matérias assinadas não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

Capa: Flávio Império

Comissão Estadual de Teatro

Rua da Consolação, 2333, - 9º Andar - São Paulo - SP

CEP: 01301-100 Tel.: (011) 258-7445 Fax.: (011) 259-9495.

No jogo da vida, a magia do teatro promove a liberdade de ser, de sentir, de escolher..

E, na brincadeira do faz-de-conta, tão necessária ao desenvolvimento da criança, o despertar do prazer de criar. Nessa edição, na seção “*Como fazer*”, você encontrará dois artigos sobre o teatro que mais estimula a capacidade de imaginar e de criar - o Teatro de Animação.

Jogando com luzes e sombras, com gestos e silêncios, com objetos, bonecos e cores, o Teatro de Animação, “é o desdobramento dos jogos infantis, dos rituais de transformação mais primitivos da humanidade”, afirma o mestre no assunto ILO KRUGLI. Autor de um dos artigos, ele exemplifica contando algumas de suas deliciosas experiências e sugere como fazer a Animação na própria sala de aula.

No outro artigo, assinado por ANA MARIA AMARAL, autora de livros sobre o tema, você será introduzido, de forma didática, a esse fantástico e poético mundo do não-realismo.

A revista traz como novidade, duas seções: *Livros*, com indicações sobre literatura de teatro e peças publicadas e *Glossário* da arte cênica. Quanto às peças dessa segunda edição, considerando que estamos à dois meses do final do ano e que você já deve estar se preparando para as festividades, selecionamos sete textos especiais. Três deles, surpreendentemente diferentes entre si, se referem ao Natal. São de autoria de RENATA PALLOTTINI, JAIR THEREZINHA AGUINSKY DÂNIA e AGAR AGUIAR CARUSO.

E, para contracenar com o clima de festa, três comédias: *Pinóquio*, de ALCEU NUNES, inspirada na história original de Collodi; *Os dois tímidos*, de EUGÈNE LABICHE, traduzida por OSMAR CRUZ e *Uma consulta*, de ARTHUR AZEVEDO. E mais: *Teatro da Juventude* traz ainda a peça *O gigante*, de WALTER QUAGLIA, que envolve, de um modo inteligente, a participação da platéia.

Bom divertimento!

Erné Vaz Fregni

CARTAS

Escrava para "Teatro da Juventude", opinando, sugerindo, criticando e, ainda, colocando suas dúvidas sobre tudo que se referir a artes cênicas. Adoraremos receber e responder sua carta, através de profissionais especializados no assunto. Por uma feliz coincidência, mal começávamos a cuidar da reedição da revista, chegou às nossas mãos a carta que reproduzimos ao lado, de Carlos dos Santos Amaral, presidente do Teatro de Cultura Artística - TECA, de Londrina, que solicita ao Secretário de Cultura textos de teatro, como os que recebia há alguns anos. Para exemplificar, Amaral anexou à carta xerox do índice e de outras páginas da Revista "Teatro da Juventude" N.º 25, de dezembro de 1968.

Lorena, 13 de junho de 1995

Ilmo. Sr.
Deputado Marcos Mendonça
DD. Secretário da Cultura do Estado
Secretaria de Estado da Cultura
Rua da Consolação, n.º 2333 - 5.º Andar
São Paulo - SP.
CEP: 01301-100

Prezado Senhor:

Contamos com a colaboração de V.Sa. e deste órgão a fim de que nos enviem textos de teatro, conforme recebíamos há alguns anos; estamos precisando de textos, sendo o nosso grupo de teatro um dos mais antigos da cidade e em atividade.

Sendo só para o momento, atenciosamente subscrevo-me.

Carlos dos Santos Amaral
Presidente

TEATRO DE CULTURA ARTÍSTICA - TECA
Tel: (0125) 52-6679
Rua 21 de abril, n.º 402
Lorena - SP. 12600-000

Resp. - A fim de atender muitos outros profissionais da área que, como você, carecem de textos e também aqueles que estão iniciando-se na arte cênica e precisam de informações é que a Revista Teatro da Juventude está sendo reeditada.

SUMÁRIO

Como fazer

"Uma introdução ao teatro de animação"	08
Ana Maria Amaral	
"Animação, jogo de liberdade"	10
Ilo Krugli	

Livros	13
--------------	----

Glossário	15
-----------------	----

Textos

6 a 9 anos - (Aproximadamente)

Pinóquio	19
Collodi - Texto de Alceu Nunes	

10 a 14 anos - (Aproximadamente)

O Gigante	37
Walter Quaglia	

15 a 18 anos - (e para amadores adultos)

Os Dois Tímidos	57
Eugène Labiche - Trad: Osmar Cruz	

Uma Consulta	73
Artur Azevedo	

Peças de Natal

Cena de Natal	83
Renata Pallottini - (a partir de 10 anos)	

Boa Noite, Felipe	91
Jair Therezinha Aguiar Dânia - (a partir de 6 anos)	

O Segredo de Natal	103
Hagar Aguiar Caruso - (a partir de 6 anos)	

TEATRO DE ANIMAÇÃO: UMA INTRODUÇÃO

Gestos, símbolos e movimentos no poético mundo do não-realismo

Ana Maria Amaral*

A arte expressa a necessidade que todo homem tem de ultrapassar sua condição temporal. E na reprodução artificial da vida, alguma coisa surge que a ultrapassa. Frases e fatos corriqueiros, objetos e imagens do cotidiano, quando re-apresentados, fazem surgir uma outra realidade. Como se no repeti-los um outro sentido deles surgisse.

Teatro sempre existiu. Desde o início o homem imitava o mundo que o rodeava: a natureza, os animais, os feitos heróicos de seus antepassados; reproduzia seres, fatos e feitos, como que querendo trazê-los de volta. E nessa re-apresentação sentia adquirir as forças e o poder daquilo que imitava. Por exemplo, sentia que adquiria a habilidade dos animais, a força de seus heróis, pois o que se imita, o que se repete e se representa, tende a se realizar. É o mesmo processo do jogo lúdico da criança que, brincando de "fazer de conta que", transforma a sua fantasia em realidade, numa transferência de planos. A criança avança, e o homem prepara-se para a caça ou para a luta, e vence.

Dar vida à matéria é refletir-se nela

Vemos aí a função primordial do teatro: a de educar, concretizar desejos, modificar o presente, preparar situações novas para o futuro.

O teatro reflete, assim, a pessoa e a comunidade. E no que reflete as amplia e transforma.

Nosso tema aqui é o Teatro de Animação - um teatro que se utiliza de bonecos, máscaras, objetos, formas concretas ou abstratas, sendo esses elementos o foco principal de atenção do público.

Um objeto animado é um objeto que recebe vida através do ator-manipulador. Animar um boneco é dar vida à matéria, e dar vida à matéria é deixar-se refletir nela. Nesse processo a matéria se humaniza, torna-se uma extensão do ator manipulador, que passa a se expressar *através de*.

Ar, terra, água e fogo no jogo teatral

Existem etapas a seguir? Se quiséssemos ser assim metódicos, diríamos que a primeira etapa está em nossa própria mente, e depois em nosso próprio corpo. O jogo de "fazer de conta" começa na brincadeira de ser vento, pedra, ser o vilão da história, a mocinha frágil, o monstro de 10 cabeças que engole toda uma população; no sentir-se folha ao vento, uma casa vazia, uma bola que salta e pula, um pássaro voando sobre o oceano ou uma cristaleira apavorada diante da ameaça de um martelo. Isso é teatro. Percebe na pele a diferença entre ser um triângulo tri-partido ou um ponto único, mais que perfeito; uma parede branca e vazia ou uma complexa cratera que pede socorro, querendo luz.

Tudo começa pela imitação dos fatos concretos, simbolicamente corporificados através de idéias abstratas.

Teatro é reflexo, não é vida.

Para se entrar no jogo teatral, nada melhor do que partir de si, do próprio corpo, e só depois de ele transformado ou refletido em

um objeto, iniciar-se o diálogo dos elementos fundamentais. O ar que nos dá vida, e tudo ocupa, a terra que nos apóia e nos sustenta, o diálogo entre o galho inerte e o vento que o agita, a água que pesa e

puxa, o fogo que ebuliciona, lança e transforma. Perceber

esses elementos em nós mesmos é fundamental porque temos, dentro de nós, todas as suas características, e neles podemos encontrar pontos comuns entre nós e os outros.

A segunda etapa seria voltar-se para fora, para o mundo que queremos expressar. O fazer teatral aí seria um trabalho de coordenação de vários elementos e as tramas em que se envolvem - sejam essas tramas expressas pelo próprio

ator, por seus simulacros (máscaras, bonecos) ou símbolos (objetos e formas).

O boneco entra quando as essências são questionadas

Em última instância se procuraria um texto ou tema. O tema pode vir pronto num texto, mas nem sempre isso acontece (e é até bom que não aconteça.) Textos pretensamente classificados como textos para Teatro de Bonecos possuem características próprias. Ao mesmo tempo muitas histórias, fatos ou poemas têm muito mais a ver com a especificidade do Teatro de Animação. E como sabê-lo? O que é específico do Teatro de Bonecos ou de Animação?

Antes de mais nada, Teatro de Animação é ação e movimento. Sua característica está nessa capacidade de se comunicar mais pelos gestos do que por palavras. É ritmo, e

o ritmo precisa de pausa. Apóia-se no visual e no mecanismo de suas figuras.

Teatro sempre é uma imagem não-real

Quando e por que fazer Teatro de Bonecos e não apenas com atores? Para respondermos essa pergunta, devemos lembrar que o Teatro de Animação caracteriza-se pelo não-realismo. Situações muito racionais, concretas e razoáveis são sempre melhor expressas no teatro de ator.

O boneco entra quando o movimento e o silêncio são mais importantes, quando o símbolo fala mais que as palavras. O boneco entra nas situações *aparentemente* absurdas e, por isso mesmo, mais poéticas. Quando as essências são questionadas. O que é um objeto animado? Qual a diferença entre máscaras, bonecos e objetos? Qual a diferença entre um ator e um ator-manipulador? Qual a relação com os seus respectivos personagens? Sobre isso

deve-se refletir antes

de se fazer uma escolha entre teatro e Teatro de Animação.

Pode-se escolher textos, poemas ou histórias por suas relações com a linguagem do inanimado. Mas o fazer teatral depende sempre de quem o faz, das condições que possui, enfim, depende da vivência de cada um.

Teatro é reflexo, é alguma coisa criada e interpretada por uma pessoa, grupo ou sociedade, mas é sempre uma imagem não-real - como a imagem projetada num rio que passa: a imagem se mantém em seus traços essenciais, é semelhante, mas é sempre uma imagem transmutada.

"O fazer teatral depende da vivência de quem o faz"

*Ana Maria Amaral é diretora, autora e produtora de Teatro de Animação. Diretora do Grupo Casulo e professora da ECA-USP, é autora de livros sobre Teatro de Animação.

ANIMAÇÃO, JOGO DA LIBERDADE

No inventar e reinventar, a transformação que quebra o cotidiano e abre espaço para o novo, para o sonho...

Ilo Krugli*

A natureza se movimenta através da luz, da sombra... As respirações das nuvens, do vento e da chuva. Os objetos que rolam, caem, os seres que voam, pulam, correm...
Os movimentos da tristeza e da alegria dos homens.
Tudo isso, observado e recriado depois pela memória, liberta a imaginação, liberta e desenvolve as imagens poéticas...
As crianças se perguntam: "Por quê?"
Outras vezes, junto com os adultos e os velhos, elas tentam descobrir: "Se parece com quê?"; "Lembra o quê?"; "Como se fosse o quê?"
Os jogos das crianças desenvolvem essas liberdades, essas possibilidades, com muito sentimento, às vezes com paixão, mas nem por isso desprovidas de alegria...
Tudo se anima... Toma significados surpreendentes.
No entanto, a palavra animação dificilmente será utilizada à toa com diminutivos (felizmente).
Como "animaçãozinha"...
A maior parte das adjectivações, nos jogos e no fazer das crianças, acabam minimizando, reduzindo, e surgem os "teatrinhos", as "casinhas", os "bonequinhos",

as "musiquinhas" etc. Perde-se nessa diminuição a profundidade infinita da alma humana.

Dos jogos infantis ao teatro de animação

No inventar e reinventar histórias que são corporificadas em formas, objetos, imagens concretas, parece que a própria natureza se reflete num espelho enorme onde os sentimentos e os desejos amadurecem com o "tamanho" certo.
O teatro de animação é apenas o desdobramento dos jogos infantis, dos jogos necessários, dos rituais de transformação mais primitivos da humanidade.
Porém, essa experiência de tão longe encontra manifestações que ainda fazem parte de uma expressão contemporânea, como os palhaços, os

"O mais importante não é o truque, mas conseguir que o público acredite"

desenhistas de cartuns, revistas em quadrinhos, os poetas, os mágicos, para que o mais importante não é o truque, mas conseguir que os outros, o público, acredite. Injetar no dia-a-dia nova vida, com o diferente, o inusitado, quebrando o

cotidiano e tudo que é estático nele... Dar espaço para tudo que não é muito lógico, nem muito caro, nem tão real, como o sonho.

Cores e transparências das bolas de gude caracterizam personagens

O meu primeiro teatro era formado por umas vinte bolas de gude que rodavam numa bandeja de metal, com leves movimentos, toques, oscilações, inclinações das minhas mãos na bandeja e nas bolas. As cores, as transparências do vidro e também as opacidades da louça caracterizavam-se como personagens. Assim, eram reis os mais dourados, ou os bichos, ou as fadas os mais cintilantes e escuros; às bolas verdes e azuis eram reservados os papéis mais doces ou jovens; às bolas machucadas,

quebradas, arranhadas, os de mendigos ou velhos.

Era um teatro quase de olhos, olhares dos meus personagens e fantasias. Eu tinha oito anos...

Mas é evidente que esses jogos tomam forma, tornam-se teatro quando passam a ser feitos para alguém assistir, olhar.

O prazer, a intensidade e a liberdade de criar uma forma artística acontece quando colocamos a intenção no objeto, nas formas, nas palavras e, sobretudo, no movimento. E na intenção, a relação com o público.

Esquecemos o lobo. O que fazer?

Uma vez, faz muito, muito tempo, quando fazíamos teatro de bonecos andando pelos caminhos e povoados da América Latina, tínhamos rodado mais de cem quilômetros para chegarmos ao lugar onde apresentaríamos um espetáculo. Foi então que percebemos a

falta de um fantoche que tinha um papel importante numa das histórias a serem apresentadas: era "O Lobo". Que fazer? Como realizar a história sem o personagem terrível e devorador, sem o medo que criavam suas orelhas, seus olhares e suas mandíbulas poderosas?... A decisão foi difícil e acabamos utilizando um boneco abandonado no fundo de uma

das malas. Um velho Arlequim colorido e espalhafatoso, que entrou no palco meio se escondendo e olhando desconfiado

para todos os lados, que sussurrava para o público: "Estou me escondendo, não quero ser reconhecido, de favor, não falem para ninguém que vocês me viram! Eu estou fantasiado, mas a verdade é que eu sou o lobo..." E foi saindo.

Dali em diante, cada vez

que ele aparecia o público gritava... "O lobo! Cuidado, o lobo!"...

Com as mãos, o barquinho, a borboleta, a aranha...

A animação pode ser realizada com bonecos, objetos em movimento, ou apenas com gestos das mãos convencionadas em personagens e histórias.

Na "História do Barquinho", publicada na edição anterior, realizávamos o espetáculo com uma representação de objetos, panos, papéis, cadeiras, tintas e, principalmente, com os gestos das mãos, que definiam os personagens e ações.

A mão espalmada pra cima com uma bandeirinha e uma corda que pendia balançando uma âncora era o protagonista - "o pequeno barquinho".

Os barcos maiores eram feitos com as duas mãos, varas e muitas bandeiras.

A mão em movimentos circulares e com dois lenços transparentes e leves entrelaçados entre os dedos

"Na intenção, a relação com o público"

criava o clima de uma borboleta. Com dois anéis brilhantes colocados nos dedos e pintando riscos escuros em todos eles, movimentando a palma para o chão e mantendo os dedos arqueados para formar as perninhas, criávamos uma aranha sedenta de poder e presentes; as duas mãos também formavam

uma flor rodando circularmente, carregada pelas águas de um rio leve de gaze e tule.

O mar podia ser ainda um enorme lençol ou uma bacia com água, espirrando uma tempestade irresistível e irreverente em qualquer teatro atapetado ou mais simples, ou na grama de um parque.

A resposta do público também acontecia sobretudo nas mãos dos pequenos,

ávidos de aventuras, querendo tocar, submergir, nadar ou "afogar-se" na bacia junto com o barco e o seu marinheiro.

Imagem do espectador no espelho reflete personagem

Às vezes, fechávamos o espetáculo andando entre o público com um espelho, perguntando se queriam ver o barco, o marinheiro, a flor, a aranha ou a borboleta; permitíamos que o espectador visse a sua própria imagem no espelho, já que poderíamos ser qualquer um destes personagens.

Efeitos de iluminação, luz e sombra com papéis transparentes, panos e velas

Tentando centrar o teatro de animação em torno do jogo infantil e da liberdade, a essência dessa etapa de expressão da criança, é importante falar sobre o espaço

onde poderá ser apresentado. É certo que uma das grandes conquistas dos espaços cênicos e da tecnologia teatral neste século é a iluminação. Mas, tratando--se da realidade do Brasil e do teatro feito com jovens, pode-se utilizar recursos tão criativos quanto os outros elementos já comentados. Pode-se trabalhar em espaço aberto à luz do dia, em salas de aula com alguns holofotes, abajures e, às vezes, durante o

dia, usando até a luz das janelas, colocando papéis transparentes para colorir e climatizar o espaço. Panos e lençóis, com uma lâmpada ou vela, criam efeitos de sombra interessantes, quando parte da representação passa a ser realizada atrás desses tecidos.

O importante em toda essa manifestação é que o ator tanto vá ao encontro do público, como também da sua alegria e liberdade de criar.

*Ilo Krugli é autor, diretor e ator e sempre esteve ligado à arte-educação. É diretor-fundador do Teatro Vento Forte, um teatro-escola para crianças, jovens e professores de teatro que, funciona em São Paulo há 21 anos.

PEÇAS E LITERATURA SOBRE ARTES CÊNICAS

Das análises de autores e de peças
aos textos de teatro infantil,
juvenil e adulto, um roteiro fascinante e
irresistível

No reino da desigualdade, de Maria Lúcia de Souza B. Pupo, Editora Perspectiva, Coleção Debates (Livraria Cena Brasileira), revela a produção cênica dirigida às crianças na década de 70. O estudo, por realizar um resgate histórico do teatro infantil no Brasil, contribui para a compreensão da realidade atual.

O ator no século XX, de Odete Aslan, Editora Perspectiva (Livraria Cena Brasileira). Analisando a arte do ator e do mundo nos palcos, o livro fornece ensinamentos objetivos para quem atua, dirige, escreve peças ou leciona teatro.

Brecht no Brasil, experiências e influências, Editora Paz e Terra. Coordenado por Wolfgang Bader, o livro contém textos de Fernando

Peixoto, Gerd Bornheim, Geir Campos, Pedro Paulo Cava, Sábato Magaldi, João das Neves, Leandro Konder, Willi Bolle, Raul Antelo, Willy C. de Oliveira, Yan Michaski e Augusto Boal. Os autores analisam a chegada da obra de Brecht ao Brasil, o interesse pelos aspectos de sua múltipla linguagem, as adaptações, o contexto político, as influências no teatro, no cinema e na crítica.

Expressão dramática do homem em Shakespeare, de Bárbara Heliodora, Editora Paz e Terra. Análise das peças históricas de Shakespeare, mostrando o autor como alguém acessível, de ampla visão política e extremamente impregnado pelas questões do seu tempo.

TEXTOS DE PEÇAS DE TEATRO INFANTIL

Teatro III, de Maria Clara Machado,
Editora Agir (Livraria Cultura).

Peças: A volta do Camaleão, O
embarque de Noé, O cavalinho
azul, Camaleão na lua.

Teatro V, de Maria Clara Machado
Editora Agir (Livraria Cultura).

Peças: As cigarras e as formigas,
Camaleão e as batatas mágicas,
Quem matou o leão?,
O patinho feio.

**Gang de gatos - Tem guerra no
telhado**, de Thadeu Santos (Livraria
Cena Brasileira). Coletânea de
cinco textos; o autor cede fita com
as músicas do espetáculo.

TEXTO DE PEÇA DE TEATRO JUVENIL

Confissões de adolescente, de Maria
Mariana, Editora Relume Dumará
(Livraria Cultura)

TEXTOS DE PEÇAS DE TEATRO ADULTO

**Coleção Teatro Completo de Bertold
Brecht**, em 12 volumes, publicada
pela Editora Paz e Terra.

Vol. 01: Baal (1918/19), Tambores
na noite (1919), O casamento do
pequeno burguês (1919), O
mendigo ou o Cachorro morto
(1919), Luz nas trevas (1919), A

pescaria (1919), Ele expulsa um
diabo (1919).

Vol. 02: Na selva das cidades
(1921/23), A vida de Eduardo II da
Inglaterra (1923/24), Um homem é
um homem.

Vol. 03: A ópera dos três vinténs
(1928), Ascensão e queda da
cidade de Mahagonny (1928/29),
O vôo sobre o oceano (1928/29), A
peça didática de Baden-Baden
sobre o acordo (1929), Aquele que
diz sim é aquele que diz não (1929/
30), A decisão (1929/30).

Vol. 04: A Santa Joana dos
matadouros (1929/31), A exceção
e a regra (1929/31), A mãe (1931),
Os sete pecados capitais dos
pequenos burgueses (1933).

Vol. 05: Os cabeças redondas e os
cabeças pontudas (1931/34), Os
Horácios e os Curiácios (1934),
Terror e miséria no terceiro Reich
(1935/38).

Vol. 06: Os fuzis da senhora Carrar
(1937), Vida de Galileu (1938/39),
Mãe Coragem e seus filhos (1939)

Vol. 07: O julgamento de Luculus
(1938/39), A boa alma de Setsuan
(1939/40), Quanto custa o ferro?.

Vol. 08: O sr. Puntilla e seu criado
Matti (1941), A resistível ascensão
de Arturo Ui (1941).

Vol. 09: As visões de Simone
Machard (1941-1943), Schweyk na
Segunda Guerra Mundial (1943), O
círculo de giz caucasiano (1942-
1945).

Vol. 10: Os dias da comuna (1948-
1949), Turandot ou o Congresso

das lavadeiras (1954), A Antígona de Sófocles (1948).

Vol. 11: O preceptor (de Jakob Michael Reinhold Lenz, adaptada em 1950), Coriolano (de Shakespeare, adaptada entre 1951 e 1953), O processo de Joana d'Arc em Rouen, 1431 (1952).

Vol. 12: Don Juan (de Molière, adaptada em 1953), Tambores e Trombetas (adaptação da peça "The Recruiting Officer", de George Farguhar, escrita em 1954),

Fragmentos (contém peças escritas entre 1922-1950);

LIVRARIAS PESQUISADAS

Livraria Cena Brasileira

Al. Barão de Limeira, 1204, cj. 11 -
São Paulo, SP - CEP 01202-002.
Tel.: (011) 221-9524.

Livraria Cultura

Av. Paulista, 2073, lj. 153, Conj. Nacional
São Paulo, SP - CEP 01311-940.
Tel.: (011) 285-4033. Fax.: 285-4457.

Livraria da Editora Paz e Terra

Rua do Triunfo, 177,
São Paulo, SP - CEP 01212-010.
Tel.: (011) 223-6522. Fax.: 223- 6290.

GLOSSÁRIO

É muito ampla a terminologia utilizada no mundo cênico. Para que você se habitue a ela, a partir desta edição publicaremos sempre cerca de dez termos sobre o assunto. A seguir, você conhecerá alguns deles relacionados especificamente ao palco

ALÇAPÃO: tampa quadrada, embutida na quartelada, que se usa para aparições e desapareições súbitas de personagens.

CAMARIM: espaço onde os atores fazem maquilagem, trocam de roupas e descansam.

CAIXA: "caixa" formada pelo palco e seus componentes.

COXIA OU BASTIDOR: local no palco, fora do cenário, no qual os atores aguardam o momento de entrar em cena.

MAQUETE: modelo em miniatura de um ambiente cênico, com todos os detalhes.

PORÃO: parte inferior do palco.

QUARTELADA: quartéis de madeira que formam o assoalho do palco.

ROTUNDA: pano de fundo em tecido grosso (veludo ou flanela) e escuro, suspenso por tubo de ferro e destinado a impedir a passagem de luz.

URDIMENTO: resistente grade de madeira, situada na parte inferior do palco, na qual se movimentam as roldanas, gornos (roldanas de madeira) ou moitões com que são acionadas as manobras que suspendem ou baixam os cenários.

VARANDA: balcão em toda a extensão do urdimento.

6 a 9 anos

(Aproximadamente)

Pinóquio

Collodi - Texto de Alceu Nunes

PINÓQUIO

Comédia infantil em dois atos, inspirada em Collodi

de Alceu Nunes

Para as séries iniciais do Primeiro Grau (1.º a 4.º)

PERSONAGENS:

GEPETO
FÍGARO
FADA
PINÓQUIO
GRILO
RAPOSO
STRÔMBOLI

CENÁRIOS:

Em todo o palco, três elementos: à direita, a Oficina de Gepeto, fabricante de brinquedos, com, pelo menos, uma mesa e uma cadeira. À esquerda, a fachada de um Teatro de Marionetes. Essa fachada, sendo retirada no segundo ato, mostrará os bastidores do Teatro. No centro, uma fonte ou um monumento, para que todo o cenário dê a idéia de uma praça pública.

Quando se abre o pano, Gepeto e o Gato estão em cena: o Gato brincando, e Gepeto terminando de pintar Pinóquio, o boneco de pau.

PRIMEIRO ATO

GEPETO: Pronto, Fígaro. Acabei de pintar o boneco mais bonito que já fiz. Você não acha que está perfeito? (Na realidade, Pinóquio não está muito perfeito: tem nariz comprido demais, o rosto muito branco e é totalmente desajeitado).

FÍGARO (Resmungando): Nããão!

GEPETO: Você não sabe nada, Fígaro. (Tenta pôr Pinóquio de pé sobre a mesa; Pinóquio cai). Parece de verdade, não parece?

FÍGARO: Pois eu acho um boneco muito feio e igual a todos os outros.

GEPETO: Mas as crianças não vão achar, você vai ver. É o melhor boneco que já fiz.

FÍGARO: Não é, é feio!

GEPETO: Fígaro, não seja teimoso!

FÍGARO: É feio!

GEPETO: Fígaro!

FÍGARO: É feio!

GEPETO: É bonito!

FÍGARO: É feio, é horrível, é pavoroso!

GEPETO (Agarrando uma orelha de Fígaro): Fígaro!

FÍGARO: Ai, ai, ai,!

GEPETO: É bonito!

FÍGARO: É... É... É bonito, é bonito, é bonito!

GEPETO (Soltando a orelha): Assim é que eu gosto... Sempre bonzinho, o meu Fígaro...

FÍGARO: Grande vantagem! Ou a gente acha bonito, ou o senhor me arranca a orelha! (Gepeto volta a Pinóquio, que caiu de qualquer jeito)

GEPETO (Olhando o boneco): Está perfeito mesmo... (Pensando) Vou pôr-lhe o nome de Pinóquio, e esse nome vai dar sorte. Conheci uma família inteira de Pinóquios: o pai era Pinóquio, a mãe era Pinóquia, e os filhos eram todos Pinoquinhos; e viviam todos muito bem: o mais rico pedia esmolas. Que pena que você não passa de um boneco de pau! Poderia ser meu filho. Eu nunca tive, e gostaria tanto de ter um filho...

FÍGARO: Ih, o velho ficou bobo! Quer ser pai de um boneco de pau, feio, horrroso que nem esse.

GEPETO (Ameaça): Fígaro!

FÍGARO (Segurando as orelhas): É bonito, é bonito, é bonito! (Corre. Gepeto guarda Pinóquio junto aos outros bonecos)

GEPETO: Vamos dormir, Fígaro... (Saem os dois).
(A luz diminui. Ouve-se uma música. Entra a Fada, com uma varinha iluminada - na ponta da varinha, uma lampadazinha de lanterna, com uma pequena pilha. No escuro dará a impressão de uma luz que se movimenta. A luz volta um pouco, até mostrar a Fada inteiramente)

FADA (Chamando): Boneco... Boneco de pau... Levante-se... (Aponta-lhe a varinha. Pinóquio ergue a cabeça

e se levanta, encostando-se à parede para não cair). Vamos cumprir o desejo do pai Gepeto. Ele é muito bom e merece um prêmio pela sua bondade. Você vai andar, vai falar e, quando for um boneco bem ajuizado, eu o transformarei num menino.

PINÓQUIO: Dona Fada... Num menino?

FADA: Você será o filho que Gepeto tanto deseja. Vamos, venha até aqui.

PINÓQUIO: Não... não posso...

FADA: Pode, sim. Vamos, venha... (Pinóquio esforça-se e anda, com as pernas duras).

PINÓQUIO: Dona Fada! Eu posso, sim! Estou andando, andando, que nem gente! Que beleza! (Trança as pernas e cai).

FADA: Vamos, levante-se.

PINÓQUIO (No chão, esforçando-se, desajeitado): Não... não consigo.

FADA: Consegue, sim. Vamos. Vamos! Uuuupa! Isso! Muito bem! Viu como é fácil?

PINÓQUIO (Entusiasmado): Ééé! Dona Fada, eu não posso ser um menino agora, posso?

FADA: Ainda não! Você só poderá ser um menino quando aprender a distinguir o bem e o mal.

PINÓQUIO: E como é que eu vou saber disso?

FADA: Através de sua consciência.

PINÓQUIO: Consciência?

FADA: Amanhã o Grilo Falante virá aqui. Ele será seu amigo, será a sua consciência. Trate bem dele. Seus amigos, de hoje diante, serão seu pai, o Gato Fígaro e a sua consciência, o Grilo Falante.

PINÓQUIO (Repetindo, como uma lição) - Meu pai, o Gato Fígaro e minha consciência, o Grilo Falante...

FADA: Isso mesmo. Mas, para ajudá-lo agora, antes de ir embora, eu vou lhe dar três conselhos.

PINÓQUIO (Achando ruim) - Conselhos, Dona Fada?

FADA (Rindo): Eu sei que os meninos não gostam de receber conselhos, mas é necessário. Preste atenção: para ser um bom filho, em primeiro lugar, seja obediente. Você deve aprender a obedecer e respeitar seus pais e as pessoas mais velhas. Em segundo lugar, não minta. As crianças não devem mentir.

PINÓQUIO: Não devem mesmo? E em terceiro lugar?

FADA: Em terceiro lugar, você deve estudar bastante, ser muito estudioso.

PINÓQUIO (Não gostou): Ihhh!

FADA: Bem, agora, boa noite. Durma bem, meu filho! (Efeito de luz. A Fada sai. Música).

PINÓQUIO: Dormir? Eu? Que nada! Vou é brincar um pouco. (Faz algumas estrepolias e acaba derrubando alguma coisa, com grande barulho. Corre para seu lugar e finge estar dormindo. Aparecem Gepeto e Fígaro. Fígaro, apavorado, carrega uma grande vela).

GEPETO: Eu acho que foi ladrão! Eu ouvi barulho! O que ele veio roubar aqui eu não sei. Aqui não tem nada para roubar.

FÍGARO (Apavorado): Não foi nada, pai Gepeto, vamos embora. Agora está muito escuro. Amanhã, a gente vem ver o que foi.

GEPETO: Não, eu quero ver agora. (Fígaro treme, e a vela treme com ele). Pára de tremer, Fígaro; assim eu não enxergo nada.

FÍGARO: Para que enxergar? Pode ser

algum fantasma, Pai Gepeto, vamos embora.

GEPETO: Fantasmas não derrubam coisas, Fígaro. Me dá aqui a vela. (Fígaro vai entregar a vela, mas treme demais, e a vela se apaga. Pinóquio põe um pano qualquer na cabeça e dá um susto nos dois).

PINÓQUIO: Buuuu! (Os dois largam tudo e saem correndo. Pinóquio dá uma risadinha e pisca para a platéia) (Música. Black-out rápido). (Voltam as luzes. É de manhã. Entra Fígaro com muita cautela, trazendo uma vassoura, um pano e um espanador, para fazer a limpeza da oficina).

FÍGARO (Espionando, cauteloso): Será que o fantasma já foi embora? (Entra) O pai Gepeto é teimoso. Eu vi um fantasma ontem aqui. Eu sei que não era fantasma, que foi ilusão minha. Eu nunca vi ilusão com cara de fantasma. Claro que era fantasma! (Pinóquio senta-se na cadeira). (Ele vê Pinóquio) Uai, quem foi que colocou este boneco aqui? Lugar de boneco é no chão. (Coloca Pinóquio no chão, junto com os outros bonecos) O pai Gepeto está ficando cada vez mais distraído. Pôs o boneco na cadeira, como se fosse gente. (Esfrega o espanador no nariz de Pinóquio, que espirra) Uai! Será que esse boneco espirrou? Tive a impressão de ouvir um espirro! Acho que foi ilusão minha. (Pega no rosto de Pinóquio, examinando-o) E o pai Gepeto ainda diz que esse boneco é bonito. (Afasta-se) Eu nunca vi um coisa ruim mais feio do que esse. (Pinóquio, revoltado, vai por trás dele e lhe dá um tapa na cabeça)

Quem foi que me bateu? Quem foi? (Vê Pinóquio, que correu para sentar-se na cadeira) Que é isso? Será que eu estou ficando louco? Quem foi que pôs outra vez esse boneco aí?

PINÓQUIO: Fui eu mesmo, e daí?

FÍGARO: Nossa! Esse boneco horroroso fala!

PINÓQUIO: Horroroso é você, ouviu?! (Dá-lhe um tapa. Fígaro cai de susto)

FÍGARO: N-n-nossa! So-so-soco-corro! Pai Gepeto! (Levanta-se e cai, novamente. Levanta-se, Pinóquio o faz cair. Grita:) - Pai Gepeto! Pai Gepeto! (Gepeto entra).

GEPETO: Que barulho é esse, Fígaro?

PINÓQUIO (A Gepeto): Ele me chamou de boneco horroroso, pai Gepeto!

GEPETO (Só agora vendo Pinóquio): P-pinóquio! Você vive! Você está vivo! Meu filho! O filho que eu sempre desejei! (Abraça Pinóquio)

PINÓQUIO (Desvencilha-se dele e aponta Fígaro): Bate nele, pai Gepeto! Ele me chamou de horroroso!

GEPETO: Não vamos brigar, hein? Graças a Deus, ganhei um filho. O meu filho Pinóquio!

FÍGARO (Que já se levantou): Essa coisa feia aí é seu filho? (Pinóquio avança para Fígaro, mas Gepeto o segura).

GEPETO: Pois então, Fígaro. Você não se lembra que eu queria ter um filho de verdade? Pois é ele, Pinóquio!

FÍGARO: Isso não é filho que se apresenta. Isso é um monstrengo!

PINÓQUIO: Monstrengo é você, ouviu?, seu cara de coruja seca!

FÍGARO: Coruja seca é você!

PINÓQUIO: É você! (Solta-se de Gepeto e avança para Fígaro).

PINÓQUIO: É você! (Brigam. Gepeto consegue separá-los).

GEPETO: Parem com isso! Não briguem, não briguem! Que é isso? Brigar é muito feio! Venham aqui, fiquem de bem, os dois. Os dois serão meus filhos, agora. Não quero mais vê-los brigar. Façam as pazes, vamos. (Os dois, relutantes, dão-se as mãos) Bem, agora fiquem aí, bem quietinhos. Eu vou sair para comprar umas roupas para o Pinóquio. Eu quero que hoje mesmo ele vá para a escola, e fica muito feio assim, sem roupa.

FÍGARO (Rindo): É mesmo, parece uma barata descascada!

PINÓQUIO (Avança): Fica quieto, senão eu te dou um bofetão!

GEPETO: Pinóquio, não seja malcriado!

PINÓQUIO: Mas ele me chamou de barata descascada, pai!

GEPETO: Foi brincadeira. (Ameaçando) Não foi, Fígaro?

FÍGARO: É, foi sim. Desculpe, barata descascada! (Pinóquio avança) Quer dizer, desculpe, Pinóquio!

PINÓQUIO: Ah, ainda bem!

GEPETO: Bom, não briguem, hein, crianças? Eu já volto. (Apanha um casaco que está pendurado num prego) Fígaro, vá arrumar o meu quarto. Daqui a pouco estou de volta. (Aos dois) Até logo. (Sai pela porta da rua).

PINÓQUIO (Logo que Gepeto sai): Você não ouviu? Vá arrumar o quarto.

FÍGARO: Eu vou quando eu quero!

PINÓQUIO: Vá e já! Senão apanha!

FÍGARO: Você não ouviu o que o pai Gepeto disse? Para a gente não brigar.

PINÓQUIO: Eu brigo quando eu quero, e ninguém tem nada com isso!

FÍGARO: Você é malcriado, mesmo, hein?

PINÓQUIO: O quê? Repita isso, se

tem coragem!

FÍGARO: Eu vou sair daqui. O pai Gepeto falou para a gente não brigar.

PINÓQUIO (Provocando): Medroso! Medroso! Medroso!

FÍGARO: Não adianta me provocar, não. Eu não vou brigar com você!

PINÓQUIO: Então saia já daqui! (Bate com alguma coisa na mesa. Fígaro sai correndo. Ao mesmo tempo, ouve-se um "Cri-Cri". Pinóquio assusta-se).

PINÓQUIO: Quem é que está aí?

GRILO: Sou eu. (Aparece. É o Grilo Falante)

PINÓQUIO: O Grilo Falante!

GRILO: Sim, sou eu o Grilo Falante. A Fada não lhe disse que eu ia aparecer?

PINÓQUIO: Que é que você quer aqui?

GRILO: Eu sou a sua consciência. Sou eu que vou a dizer a você o que deve e o que não deve fazer.

PINÓQUIO (Faz que não ouve. O Grilo continua): Você ainda é um boneco de pau. Antes de se transformar num menino ainda precisa aprender muita coisa. E eu vou lhe dar uns conselhos!

PINÓQUIO: Conselhos, outra vez? Ora, se você me chatear com conselhos, eu vou embora de casa e não volto nunca mais! A dona Fada já me deu conselhos!

GRILO: Ai dos meninos que fogem de casa! Nunca serão felizes no mundo! E, mais cedo ou mais tarde, vão se arrepender!

PINÓQUIO (Põe as mãos nos ouvidos): Pode falar à vontade, que eu não escuto! Pode falar! Já que é assim, eu vou embora de casa hoje mesmo! Meu pai quer me mandar para a escola, mas eu não quero ir! Eu não gosto de estudar!

E não adianta!

GRILO: Se você não for para a escola, vai ser burro quando crescer!

PINÓQUIO: Não adianta! Eu não gosto de estudar! Não gosto! E você, vai embora daqui, seu Grilo! Não quero saber de você! Vai embora!

GRILO (Escapando): Eu vou, sim, eu vou. Mas antes quero preveni-lo de um perigo.

PINÓQUIO: Que perigo?

GRILO: Cuidado com o Raposo.

PINÓQUIO: Que Raposo?

GRILO: O Raposo é um sujeito muito mau, que não gosta de crianças. Ele vai querer enganar você. Muito cuidado com ele.

PINÓQUIO: Não preciso dos seus conselhos. Eu sei agir sozinho.

GRILO (Rindo): Está bem. Mas não diga, depois, que eu não o avisei!

PINÓQUIO: Já ouvi.

GRILO (Antes de sair): Se precisar de mim, é só chamar que eu apareço. Não se esqueça! Até logo!

PINÓQUIO: Até logo. (Empurra o Grilo para fora e fecha a porta) Que sujeito aborrecido! Só quer me dar conselhos! Já ia querer me proibir de fazer uma porção de coisas. Eu não quero conselhos de ninguém... (Chama) Fígaro! Venha cá! (Abre a porta do interior, Fígaro cai, pois estava espiando pelo buraco da fechadura)

FÍGARO: Opa! Que foi?

PINÓQUIO: Você viu o Grilo Falante?

FÍGARO: Vi.

PINÓQUIO: Ele veio aqui para me dar conselhos! Eu não preciso de conselhos de ninguém!

FÍGARO: Ele tem toda razão. Você precisa de conselhos, sim! Você é um boneco de pau muito malcriado.

PINÓQUIO: Não me provoque, Fígaro.

Malcriado é você!

FÍGARO: Não, é você!

PINÓQUIO: É você! (Começam a brigar novamente. Nesse momento, entra pai Gepeto, sem o casaco que levou e carregado de embrulhos)

GEPETO: Brigando outra vez! Que é isso? Parem, meninos, senão ficam os dois de castigo! (Eles não o escutam e acabam por derrubar Gepeto, que se esparrama pelo chão. Ao ver o que fizeram, param imediatamente de brigar, arrependidos).

PINÓQUIO e FÍGARO (Ajudando Gepeto a se levantar): Oh, desculpe, pai Gepeto, nós não vimos o senhor! O senhor se machucou? Perdão, perdão! Nós prometemos não mais brigar! Nós juramos!

GEPETO: Vocês são impossíveis, não têm jeito mesmo. Bem, ajudem a me levantar. Vamos abrir tudo isto aqui. (Vão abrindo os pacotes. Pinóquio vai se admirando com cada coisa) Vá se vestindo, Pinóquio. (Pinóquio se veste, ajudado por Fígaro e Gepeto).

FÍGARO: Pai Gepeto, onde foi que o senhor arranjou dinheiro para isso tudo? (Gepeto encabula) Cadê o seu casaco?

GEPETO: Eu não gostava daquele casaco. Joguei fora.

FÍGARO: Jogou fora? Que nada! O senhor vendeu! O senhor vendeu seu casaco para comprar as coisas para o Pinóquio, para esse boneco feio aí!

PINÓQUIO (Abraça o pai): Ah, papai, por que o senhor fez isso? Agora, sem o casaco, o senhor vai sentir frio! Muito obrigado, muito obrigado!

GEPETO: Ora, meu filho, não me

agradeça. (Mostra a cartilha que também comprou) Tome, comprei também esta cartilha para você. Quero que vá à escola, para estudar e aprender a ser um bom menino.

PINÓQUIO: Mas eu preciso mesmo estudar, pai Gepeto?

GEPETO: Precisa, sim. Eu quero que você seja um menino inteligente e bem educado. (Fígaro caçoa, Pinóquio olha feio) Eu não posso acompanhá-lo porque tenho muito serviço, mas a escola é lá em cima na ladeira, você pode ir sozinho. Eu já o matriculei. Quando você chegar lá, diz que é Pinóquio, o filho de Gepeto. (Termina de arrumá-lo) Vamos, vá para a escola, Pinóquio. E vá direitinho, hein? Não se distraia pelo caminho. Muito cuidado.

PINÓQUIO: Sim, senhor, até logo. (Faz uma careta a Fígaro, que está se divertindo com a obrigação do amigo. Sai. Gepeto e Fígaro retiram-se também). (Escurece a casa de Gepeto e ilumina-se o centro do palco, onde aparece o Raposo, por trás da fonte. Pinóquio segue seu caminho, passando pelo Raposo e chegando à porta do teatro de marionetes, que se ilumina também).

RAPOSO (logo que Pinóquio passa por ele, mostra-se novamente): Ora, vejam só!... Um boneco de pau que anda sozinho, sem cordões!... Que coisa formidável! Se eu conseguir vendê-lo para o Teatro de Marionetes do Strômboli, vou ganhar um bom dinheiro... (Ri) E, ainda por cima, ele tem cara de bobalhão... Ah, ah, está pra mim! (Às crianças) E vocês, fiquem

quietos, heim? Não contem a ele quem sou eu! Primeiro, vou me disfarçar. (Vai para atrás da fonte, de onde sairá com um disfarce qualquer: óculos escuros, um chapéu e um cachecol, talvez).

PINÓQUIO (Ficou admirando os cartazes coloridos da porta do teatro): Que beleza é a entrada de um teatro! Eu gostaria tanto de conhecê-lo por dentro! (Olha para um relógio, imaginário ou real, no centro da praça) A hora da aula ainda demora. Acho que posso ficar por aqui, olhando um pouco...

RAPOSO (Já disfarçado, aparece perto de Pinóquio): Bom dia!

PINÓQUIO: Quem é o senhor?

RAPOSO: Sou um amigo seu.

PINÓQUIO (Lembrando-se dos conselhos da Fada): Meus amigos são meus pais, o gato Fígaro, dona Fada e o Grilo Falante. O senhor eu não conheço. E deixe eu passar, porque eu preciso ir para a escola. (Passa)

RAPOSO: Espere! Você não gostaria de assistir ao Teatro de Marionetes? (Pinóquio pára) Eu posso levá-lo até lá. O teatro, por dentro, é uma beleza...

PINÓQUIO: É que eu preciso ir à escola. A dona Fada vai brigar comigo, se eu não for.

RAPOSO: Eu o levo para conhecer o palco, as luzes coloridas, os artistas bonecos de pau, as marionetes, que são iguazinhas a você. A banda de música, não quer?

PINÓQUIO: É mesmo?...

RAPOSO: Vamos. Você não gostaria de ser artista? De brincar com as crianças? De cantar? De ouvir o público batendo palmas para você?

PINÓQUIO (Quase convencido): É... Eu acho que seria bom. Mas será que a dona Fada não vai brigar comigo? Não é melhor eu ir à escola? (Às crianças) Este senhor parece ser muito bonzinho, não?

RAPOSO (Puxando-o para o fundo): Não escute os conselhos dos outros. A gente nunca deve escutar conselhos de ninguém. Ninguém manda em você, não é mesmo?

PINÓQUIO (Convencido totalmente): É, é isso mesmo!

RAPOSO: Então, quer ou não quer se divertir?

PINÓQUIO: Eu vou, sim, eu vou!

RAPOSO: Ótimo! Só que você precisa pagar a entrada...

PINÓQUIO: Mas eu não tenho dinheiro!

RAPOSO: E essa cartilha? Entregue-a para mim, que eu a venderei. Dará um bom dinheiro, justinho para comprar a entrada.

PINÓQUIO: Mas é a cartilha que meu pai comprou para eu estudar. Ele até vendeu o único casaco que tinha para ...

RAPOSO: Estudar é muito aborrecido... No Teatro de Marionetes você não vai precisar disso... (Acaba pegando a cartilha das mãos de Pinóquio. Nesse momento o Grilo aparece atrás da fonte).

PINÓQUIO: Mas a dona Fada me disse...

RAPOSO: Não importa o que a dona Fada disse. Ela não sabe de nada. Ela mesma não vai à escola, e quer que você vá. Então?

PINÓQUIO: É isso mesmo! Eu vou assistir ao Teatro. Não me interessa mais a escola.

RAPOSO: Isso, muito bem. Você é um menino inteligente. Vamos! (Vão saindo, o Grilo chama).

GRILLO: Pinóquio, não vá! Pinóquio, volte!

Você precisa ir à escola!

RAPOSO: Quem é?

PINÓQUIO: Ninguém, não. Eu não conheço esse sujeito. (Raposo e Pinóquio saem. Antes de sair, porém, Pinóquio volta-se para o Grilo e lhe mostra a língua).

GRILO: Pinóquio! (Continua chamando; Pinóquio nem se volta) Pinóquio! Pinóquio! (Desiste) Não adianta. Ele saiu justamente com o Raposo! Tanto que eu avisei! Eu vou chamar o pai Gepeto. (Ilumina-se agora, também, a oficina de Gepeto) Pai Gepeto! Pai Gepeto! (Chega correndo) O Raposo levou o Pinóquio! Depressa, pai Gepeto!

GEPETO (Aparece, com Fígaro): Que foi que houve?

GRILO: O Raposo levou o Pinóquio! Eu o chamei, mas ele não quis me ouvir!

GEPETO: O Raposo? Pobre do meu filho!

FÍGARO: E por que você não salvou Pinóquio?

GRILO: Não pude! Ele saiu correndo! Eu o chamei, mas ele não quis me ouvir!

(Nesse momento, Gepeto sai correndo pela platéia chamando "Pinóquio"!).

FÍGARO (Nenhum dos dois dá pela falta de Gepeto): É mentira sua! Você é que o deixou fugir! E a Fada vai brigar com você!

GRILO: Mas ele não quis me ouvir!

FÍGARO: É mentira! Você estava encarregado de tomar conta dele e não tomou! Vai ser castigado!

GRILO: Você não sabe de nada!

FÍGARO: Você ficou com medo do Raposo!

GRILO: Não fique!

FÍGARO: Ficou sim! Você é medroso!

GRILO: Medroso é você!

FÍGARO: É você!

GRILO: É você!

OS DOIS JUNTOS: Medroso! Medroso! Medroso! (E brigam. No meio da briga, percebem que Gepeto saiu).

GRILO (Os dois param): Espere aí! E o pai Gepeto?

FÍGARO: É mesmo! Onde será que ele foi?

GRILO: Acho que saiu para procurar Pinóquio. Mas não sabe onde ele está! Ele não vai encontrá-lo!

FÍGARO: Chii, e agora?

GRILO: Agora, temos que procurar os dois: pai Gepeto e Pinóquio! Ih, como será que vai acabar tudo isso? Você vai por lá que eu vou por aqui. (Saem os dois: Fígaro pela platéia, correndo e chamando "Pai Gepeto", e o Grilo pelo fundo, chamando "Pinóquio". Música).

FIM DO PRIMEIRO ATO

SEGUNDO ATO

(Ao abrir-se o pano, ilumina-se o interior do Teatro. Cordas, coisas velhas, uma cadeira de braços e uma gaiola suficientemente grande para conter Pinóquio, com um cadeado exagerado. Entram Strômboli e o Raposo).

STRÔMBOLI (grandalhão, com longas barbas, procurando-se que seja mais cômico que assustador): E você o trouxe, Raposo?

RAPOSO: O boneco está aí. É um boneco maravilhoso. Fala, anda, canta, parece gente!

STRÔMBOLI: Ótimo! Será perfeito para o meu Teatro de Marionetes. E ele obedece?

RAPOSO: Ora, se não obedecer... Para que foi que você comprou aquele chicote formidável?

STRÔMBOLI: (Gargalhada): Há, há, há! É isso mesmo. Se não obedecer, chicote nele! (Os dois riem).

RAPOSO: E agora o meu dinheiro. (Strômboli lhe entrega um punhado de moedas) Isso, quarenta moedas de ouro. Mas não diga a ele que você me conhece, heim?

STRÔMBOLI: Não digo, não, pode ficar descansado.

RAPOSO (Olhando para fora): Ele vem vindo!

STRÔMBOLI: Então, vá embora. Quando ele entrar aqui, eu o prendo na gaiola!

RAPOSO: Adeus!... (Sai pela porta. Pelo fundo, ao mesmo tempo, aparece Pinóquio).

PINÓQUIO (Vendo Strômboli): Bom dia, meu senhor.

STRÔMBOLI: Boa noite, menininho.

PINÓQUIO: O senhor não viu por aí o meu amigo?

STRÔMBOLI: Quem é seu amigo?

PINÓQUIO: É um senhor muito simpático, que me trouxe aqui para eu ser artista.

STRÔMBOLI: Ah! E você quer ser artista?

PINÓQUIO: Quero, sim, senhor. A vida de artista é muito bonita, muito divertida, a gente brinca o tempo inteiro!...

STRÔMBOLI: Ah, você acha, é?

PINÓQUIO: É, sim, senhor. Foi o que meu amigo disse. Eu, agora, sou um boneco de pau, mas logo a dona Fada vai me transformar num menino, e... (Lembra-se) A dona Fada vai achar ruim comigo.

STRÔMBOLI: Por quê?

PINÓQUIO: Porque eu desobedei a meu pai. Ah, mas, também, ele queria

que eu fosse para a escola. E escola é um lugar muito aborrecido. Eu prefiro ficar aqui, me divertindo.

STRÔMBOLI: É. Divertir-se é melhor do que estudar. Todo mundo acha isso! Pois bem, agora você vai se divertir! (Vai avançando para ele).

PINÓQUIO (Com medo): Por que é que o senhor está me olhando desse jeito?

STRÔMBOLI: Porque você, de agora em diante, vai trabalhar para mim. Vou trancá-lo naquela gaiola e você só sairá quando eu quiser. E, se não me obedecer, apanha de chicote. (Pinóquio tenta fugir, mas é apanhado e trancado na gaiola).

PINÓQUIO: Ah, bem que o Grilo me avisou! Se ele estivesse aqui... (Nesse instante aparece o Grilo, ao fundo. Apenas Pinóquio o vê)

STRÔMBOLI: E se tentar fugir, eu o ponho no fogo, para esquentar o meu jantar. (Pinóquio chora) Agora eu quero cochilar um pouco. (Pinóquio chora) E não chore, senão apanha. (Pinóquio fica soluçando. Strômboli começa a cochilar. O Grilo faz sinal a Pinóquio para ficar quieto.

Cena de mímica: Grilo aproximando-se da gaiola, Strômboli se mexendo, Grilo voltando a se esconder. Grilo tentando pegar a chave que está pendurada no pescoço de Strômboli, não conseguindo etc... Por fim, o Grilo acaba derrubando alguma coisa e acorda Strômboli).

STRÔMBOLI: Que está acontecendo? (O Grilo consegue se esconder) Ah, ia fugir, heim? Eu já lhe ensino! Vou te atirar no fogo, para cozinhar minha comida!

PINÓQUIO: Não, não, por favor! Eu

preciso voltar para casa! Meu pai está esperando!

STRÔMBOLI: Agora é que você pensa nisso, não é? Agora é tarde! (O Grilo fica tentando agarrar Pinóquio no seu esconderijo, mas não consegue).

PINÓQUIO: Me perdoe. Eu nunca mais vou desobedecer a meu pai. Não faça isso comigo! Meu pai é velho! Tenha pena! (Strômboli espirra violentamente)

STRÔMBOLI: Espere aí! Eu vou buscar meu chicote para ensiná-lo a ser obediente. (Sai. Grilo tenta abrir o cadeado mas não consegue)

GRILO: Não consigo. Este cadeado não abre de jeito nenhum. Olhe, não tem importância. Continue chorando. Ele já espirrou duas vezes. Se ele espirrar bastante, você estará salvo!

PINÓQUIO: Como, salvo?

GRILO: Quando ele espirra, é porque está se comovendo. Se ele espirrar cinco vezes seguidas, vai soltá-lo. Continue chorando. Eu vou procurar seu pai, para vir ajudá-lo. Se você conseguir sair daqui antes, vá correndo para casa.

PINÓQUIO: Vou, sim, pode ficar descansado.

GRILO: Não deixe de ir, heim, Pinóquio? Os meninos sempre prometem tudo, mas não cumprem nada.

PINÓQUIO: Eu não sou como os outros. Quando eu prometo uma coisa, eu cumpro.

GRILO: Veremos! Se você desobedecer, pior para você. Os meninos que não escutam os conselhos dos que sabem mais do que eles, acabam sempre mal! (Barulho dentro)

PINÓQUIO: Depressa, ele vem vindo!

GRILO: Até logo! (Sai correndo.

Entra Strômboli)

STRÔMBOLI: Vamos ver, agora, quem é o desobediente, vamos, vamos! (Abre a gaiola) Saia! Agora, você vai apanhar!(Pinóquio sai e imediatamente se ajoelha, em posição de súplica).

PINÓQUIO: Não, por favor, me perdoe. O senhor é bonzinho, não pode fazer isso comigo.

STRÔMBOLI: Sou bonzinho, coisa nenhuma! Eu sou muito ruim! Aatchim!

PINÓQUIO: Viva, está dando certo!

STRÔMBOLI: O que é que está dando certo?

PINÓQUIO: Nada, nada!

STRÔMBOLI: Você vai aprender a obedecer!

PINÓQUIO: Sim, senhor, eu prometo que nunca mais vou desobedecer a ninguém!

STRÔMBOLI: Pare com essa choradeira! Não adianta! Aatchim! Pare! Esse choro está me fazendo cosquinhas aqui por dentro! Me dá vontade de... Aatchim! Aatchim!

PINÓQUIO (Cada vez mais comovedor): Se o senhor me bater, meu pai vai morrer de desgosto! Ele gosta muito de mim, coitadinho!

STRÔMBOLI: Coitadinho! Seu pai teria um grande desgosto, se eu te batesse! Eu não posso... (Agora começa a espirrar mais forte, em série) Aatchim!

PINÓQUIO: Saúde! (Contando) Um!

STRÔMBOLI: Ob... Aatchim!

PINÓQUIO: Saúde! Dois!

STRÔMBOLI: Ob... Aatchim!

PINÓQUIO: Saúde! Três!

STRÔMBOLI: Ob... Aatchim!

PINÓQUIO: Saúde! Quatro!

STRÔMBOLI: Ob... Aatchim!

PINÓQUIO: Saúde! Cinco! Estou

salvo! Saúde! Saúde!

STRÔMBOLI: Obrigado! Você é um bom menino! Pode ir embora!...

PINÓQUIO: Muito obrigado. (Vai sair)

STRÔMBOLI: Espere! Leve estas moedas para seu pai, coitado. Pobre velho, eu tenho muita pena dele! (Entrega-lhe 10 moedas) Mas não me apareça mais aqui, heim?

PINÓQUIO: Não, senhor, nunca mais. Adeus, "seu" Strômboli! Dá lembrança para sua esposa, a dona Strombólíca! (Sai correndo pelo fundo).

(Escurece).

(Pai Gepeto aparece ao fundo da platéia, procurando Pinóquio. Enquanto isso, Strômboli, espirrando, fecha o teatro e sai).

GEPETO (na platéia): Pinóquio, onde está você? Alguém viu meu filho Pinóquio? Onde é que ele está? Pinóquio! Eu não o encontro em parte alguma! Pinóquio! Pinóquio! Pinóquio! (Sai por uma das portas laterais).

(No exato momento em que Gepeto sai da platéia, no palco Pinóquio abre a porta de sua casa, chamando:)

PINÓQUIO: Pai Gepeto! Pai Gepeto! (Não vê ninguém) Ué, ninguém? (Sai pelo fundo da casa. Pela porta da rua, entra Raposo. Pinóquio volta, mas não o reconhece, pois Raposo agora está sem disfarce). Quem é o senhor?

RAPOSO: Sou um amigo, Pinóquio.

PINÓQUIO: Como sabe meu nome?

RAPOSO: Conheço seu pai.

PINÓQUIO: Onde é que ele está?

RAPOSO: Está lhe procurando. Aliás, deve estar morrendo de frio, em mangas de camisa.

PINÓQUIO: Coitado do meu pai! Mas, se

Deus quiser, de hoje em diante, nunca mais há de sentir frio! Eu estou rico!

RAPOSO: Você, rico? Como assim?

PINÓQUIO (Mostra-lhe o dinheiro que recebeu de Strômboli): Ganhei 10 moedas de ouro!

RAPOSO: E o que vai fazer com isso?

PINÓQUIO: Primeiro vou comprar roupas para o meu pai, e depois vou comprar uma cartilha para mim.

RAPOSO: Cartilha? Que idéia infeliz!... Para que uma cartilha?

PINÓQUIO: Para ir à escola e estudar. Eu prometi ao Grilo...

RAPOSO: Em vez de gastar todo esse dinheiro à toa, na escola, por que você não o usa para uma coisa realmente útil? Por exemplo, um passeio a um lugar que você nunca visitou antes?

PINÓQUIO: Passeio? Eu não posso passear agora. Eu preciso encontrar meu pai. Ele está me procurando.

RAPOSO: Eu sei. Ele me disse que, quando encontrar você, vai castigá-lo.

PINÓQUIO: Me castigar?

RAPOSO: Sim, porque você fugiu de casa.

PINÓQUIO (Após pensar um segundo): Mas eu mereço mesmo ser castigado. Eu não devia ter desobedecido a meu pai.

RAPOSO: Você gosta de apanhar, é?

PINÓQUIO: Eu não! Quem é que gosta?

RAPOSO: Pois então... Se ele o pegar, vai obrigá-lo a ir à escola todos os dias, amarrado, e vai fazê-lo estudar à força, e vai bater em você com vara de marmelo! E você não gosta de estudar. Isso eu sei.

PINÓQUIO: E não gosto mesmo. Mas é

que a dona Fada... e o Grilo Falante, ele é meu amigo... Ele...

RAPOSO: Se você for comigo, eu o levarei a um lugar maravilhoso. E com as 10 moedas de ouro que o Strômboli lhe deu...

PINÓQUIO: Como é que o senhor sabe que foi o "seu" Strômboli quem me deu?

RAPOSO (À parte): Oh! diabo! (Normal) Não importa. Venha comigo à Terra da Folia! Lá não é preciso estudar. Saiba que, lá, a semana se compõe de 5 domingos e 2 feriados. As aulas não existem!

PINÓQUIO: É mesmo?

RAPOSO: As férias começam no dia 1.º de janeiro e terminam no dia 31 de dezembro!

PINÓQUIO: Mas não há escolas?

RAPOSO: Não.

PINÓQUIO: Nem professores?

RAPOSO: Nem um só.

PINÓQUIO: E a gente não tem de estudar nunca?

RAPOSO: Nunca!

PINÓQUIO: Como é que se chama mesmo esse lugar?

RAPOSO: A Terra da Folia! Lá, ninguém faz nada, os meninos passam o tempo inteiro brincando e se divertindo, de manhã à noite! E depois, quando você virar burro, entra num circo e...

PINÓQUIO: O quê? Eu, virar burro?

RAPOSO: Não, não, não! Eu quis dizer "inteligente", quando você ficar "inteligente".

PINÓQUIO: O que não vai dizer a dona Fada? E o Grilo?... E meu pai!

RAPOSO: Teu pai quer te castigar!

PINÓQUIO: Mas eu mereço, eu fugi de casa!... E, depois, ele é muito bom para mim. Ele até vendeu o casaco para me comprar

roupas e uma cartilha!...

RAPOSO: Merece nada! Você fez muito bem em fugir de casa. Vamos, venha comigo. A Terra da Folia é uma beleza! Vamos!... (Pinóquio está quase aceitando. Ouve-se, muito ao longe, um ruído de parque de diversões e música alegre). Não pense em coisas tristes, pense que você terá liberdade para fazer algazarra de manhã à noite! Vamos... (Pega Pinóquio pela mão e o vai puxando).

(A música da Terra da Folia torna-se mais forte).

(Nesse momento, aparece o Grilo no fundo da platéia).

GRILO: Pinóquio!

PINÓQUIO: Quem é que está me chamando?

GRILO: Sou eu, o Grilo Falante! Não vá com o Raposo! Não vá para a Terra da Folia! (Vem correndo até o palco)

PINÓQUIO: Você não tem nada com isso! Vamos, "seu" Raposo (Os dois saem. A música atinge o máximo. O Grilo chega ao palco e sobe. A música pára. Na platéia, por outro lado, ao mesmo tempo, entra Fígaro).

FÍGARO (Às crianças): Alguém viu o Pinóquio? Onde é que ele foi? O quê? À Terra da Folia? (Chega ao palco. Aparece o Grilo)

GRILO: Não adianta. Não os encontrei mais. Ele foi com o Raposo para a Terra da Folia!

FÍGARO: E agora? Ele vai se arrepender tanto, ele vai virar burro! Naquela terra ninguém estuda, passa o tempo inteiro brincando!

GRILO: Deixa. É capaz que um dia ele volte. Vamos esperar.

FÍGARO: A culpa é sua!

GRILO: A culpa não é minha, não. Ele é que não quis me atender. Eu corri, mas eles tomaram um barco e foram embora...

FÍGARO: Ah, não vem com desculpa, agora. Já é a segunda vez que você deixa ele fazer uma travessura.

GRILO (Chegando à casa de Gepeto): O remédio é esperar. (Vai sentar-se, Fígaro puxa a cadeira, ele cai). Por que você fez isso?

FÍGARO: Essa cadeira é minha! Além disso, você não merece sentar. Merece ficar de pé, aí de castigo, porque deixou Pinóquio fugir. (E vai, por sua vez, sentar-se na cadeira. Grilo a puxa e Fígaro cai). Não faz isso comigo, não, hein?

GRILO: Foi você quem provocou. (Fígaro vai sentar-se novamente, o Grilo puxa novamente a cadeira. Fazem esse jogo até que acabam brigando).

(De repente começa a escurecer. Música. Eles continuam brigando, em câmara lenta, até que surge a Fada sob um foco de luz).

FADA: Grilo!... (Grilo volta-se, Fígaro leva um susto)

FÍGARO: Uai! Um fantasma. (Sai correndo)
Socorro!

FADA: Grilo!...

GRILO (Sem jeito, e ao mesmo tempo desesperado): Dona Fada!... O Pinóquio foi para a Terra da Folia, faz muito tempo, e nunca mais voltou! Pai Gepeto também sumiu, para procurá-lo!

FADA: Eu sei. E já trouxe Pinóquio de volta. Ele está aqui.

GRILO: É mesmo?

FADA (Chamando): Pinóquio! (Pinóquio entra - está com um rabo de burro

e um capuz enterrado na cabeça)

GRILO (Felicíssimo): Pinóquio! Até que enfim! (Reparando) Mas o que é isso que você tem na cabeça?

PINÓQUIO (Rapidamente, começa a mentir): Estou com febre: acho que foi gripe que eu apanhei, por causa de um monstro verde que apareceu na minha frente, quando estava fazendo muito frio, e eu não tinha agasalho e... (A Fada puxa o nariz de Pinóquio, que cresce).

FADA: Pinóquio, não minta.

PINÓQUIO (Rápido, ainda): Mas é verdade, dona Fada. Eu até pus este capuz porque bati com força a cabeça na parede sem querer e cresceu um galo, eu juro! (Fada puxa seu nariz, que cresce mais).

FADA: Por que é que você está mentindo, Pinóquio? Isso é tão feio! Veja como o seu nariz aumentou! (Pinóquio olha e se assusta) Vamos, agora conte a verdade. Onde foi que você esteve?

PINÓQUIO (Triste): Na Terra da Folia. (A música do parque de diversões volta, lenta e triste) O Raposo me levou para lá. Agora eu sei que ele é o mesmo sujeito que me levou para o Teatro e quis me vender para o Strômboli. (Tom) Lá naquela terra, ninguém estuda, só brinca o tempo inteiro... (Tira o capuz e mostra suas orelhas de burro) E depois, como não estudou e não sabe fazer nada, só sabe brincar, a gente tem de puxar carroça. (Abraça a Fada). Mas a dona Fada me salvou a tempo, antes de eu me transformar completamente em burro. (Quase chora) E eu estou arrependido!...

FADA (Depois de uma pausinha): Pinóquio, você quer ser um menino?

PINÓQUIO: Quero. O que é que eu preciso fazer?

FADA: Aprender a ser bom.

PINÓQUIO: A senhora acha que eu não sou bom?

FADA: Os meninos bons são obedientes. Mas você...

PINÓQUIO: Eu não obedeço nunca.

FADA: Os meninos bons dizem sempre a verdade, mas você...

PINÓQUIO: Eu digo sempre mentiras...

FADA: Os meninos bons gostam de ir à escola...

PINÓQUIO: Eu não gosto. Mas, de hoje em diante, prometo mudar de vida.

GRILO: Promete mesmo?

PINÓQUIO: Prometo. Eu vou ser um menino bom, e vou ajudar meu pai, e vou fazer tudo para que ele seja feliz.

FADA: Então, venha comigo. Vou transformá-lo num menino de verdade. (Pinóquio sai. A Fada vai saindo, volta-se para o Grilo) Grilo, vá chamar pai Gepeto. Diga que Pinóquio está aqui, esperando por ele.

GRILO: Sim, senhora. (Chama) Pai Gepeto! Pai Gepeto! (Gepeto aparece no fundo da platéia).

GEPETO: Que foi que aconteceu? (Às crianças) Encontraram meu filho? Onde é que ele está? (Chega ao palco)

FÍGARO (Aparecendo também): Cadê o Pinóquio? Onde é que ele está?

GRILO: O senhor não sabe, pai Gepeto, a grande surpresa que preparamos para o senhor!

GEPETO: Mas digam logo: encontraram meu filho?

GRILO: Sente-se aqui! (Apresenta-lhe uma cadeira) Tenha calma! Logo o senhor vai ver!

GEPETO: Como é que eu posso ter calma? Eu quero o meu filho! Onde é que ele está?

FADA (Entrando): Pinóquio agora é um menino. Não é mais um boneco de pau. Ele está arrependido e promete nunca mais fugir de casa. (A Fada tem uma cartilha na mão) (Chama) Pinóquio!

(Música. Pinóquio entra, transformado em menino).

PINÓQUIO: Papai!

GEPETO: Pinóquio! (Todos se cumprimentam na maior alegria, festejam admirando a transformação de Pinóquio etc. Nesse momento, o Raposo aparece do lado oposto do palco).

PINÓQUIO (depois de todos os cumprimentos): Dona Fada, por favor, dá minha cartilha. Eu vou para a escola agora mesmo.

GRILO: Agora mesmo?

PINÓQUIO: Agora mesmo. Estou resolvido. Eu fiz uma promessa para a dona Fada e vou cumpri-la.

FÍGARO: Cuidado, heim?

GEPETO: Cuidado, meu filho.

PINÓQUIO (Saiu à porta e já viu o Raposo): Não se incomodem. Se eu encontrar o senhor Raposo, eu já sei como fazer. Fiquem aqui. Quando eu gritar, vocês vêm correndo!

TODOS: Até logo, Pinóquio. Pode contar conosco. Combinado etc etc... (Pinóquio sai. Eles ficam na expectativa)

RAPOSO (Logo que Pinóquio passa por ele): Pinóquio...

PINÓQUIO (Muito alegre): Oba, como vai, senhor Raposo?

RAPOSO: Assim, assim. E você vai indo para a escola?

PINÓQUIO: Vou, por quê?

RAPOSO: Ora, nada não... É que eu queria lhe pedir um favor.

PINÓQUIO: Pode dizer, "seu" Raposo...

RAPOSO: Você não queria ir comigo até o Campo dos Milagres?

PINÓQUIO: Campo dos Milagres?

RAPOSO: É. É um lugar maravilhoso, sabe? Lá a gente enterra algumas moedas, depois põe um pouquinho de água, e, quando é, meia-noite, cresce uma árvore cheia de dinheiro!

PINÓQUIO: É?

RAPOSO: Você não quer ir?

PINÓQUIO: De verdade mesmo?

RAPOSO: De verdade! Assim você ficará rico!... (Pinóquio, de repente, lhe dá um pontapé na canela)

RAPOSO (pula): Ai! Por que você fez isso? Com seu amigo!

PINÓQUIO: Amigo, é? (Chamando, aos

gritos) Pai Gepeto! Grilo! Dona Fada!

RAPOSO: Quem é que você está chamando?

PINÓQUIO: Estou chamando todo mundo para conhecer o Campo dos Milagres!

(Todos correm. Raposo tenta fugir, formando-se uma grande algazarra, com alguns que caem, outros que escorregam, até que, por fim, conseguem pôr o Raposo em fuga).

(Felicidade geral. "Vivas").

(Juntam-se todos, cantando e dançando).

TODOS: A nossa história acabou Pinóquio vai estudar! Será um menino bem bom, Para o seu pai alegrar! (Dançam e se despedem)

10 a 14 anos

(Tempo de leitura)

FIM

10 a 14 anos

(Aproximadamente)

O Gigante

Walter Quaglia

O GIGANTE

Peça Infantil em dois atos

de Walter Quaglia

À minha filha Giovanna

PERSONAGENS:

REI: Baixo, gordo e do tipo bonachão.

MINISTRO: Bem alto, um pouco pedante.

BOBO: Alegre, irrequieto e de estatura mediana.

SOLDADO: Medieval, vestido como arqueiro.

MENINO: Um menino como qualquer outro.

BOI (TUTUCA): É uma fantasia movida por duas pessoas, de preferência com recursos de marionetes, ou seja, poderá mexer a cabeça, abrir e fechar os olhos, sorrir etc.

MENINA: Seu tipo é etéreo e estranho, sua roupa pode ser leve e adornada com flores.

MESTRE: Muito velho, curvado e do tipo esquecido.

GIGANTE

CENÁRIO:

O cenário, de preferência, deve envolver toda a platéia. Ao lado do público há uma floresta onde está também a casa do Mestre, descrita no texto. Do lado do palco onde está o palácio do Rei com o trono, há um púlpito e uma enorme torre de portas bem altas. Entre o palácio e a floresta existe uma jaula que faz parte do zoológico do Rei.

1.º ATO

I

O foco de atenção deve ser mantido no local do cenário onde estão o palácio, o púlpito e a torre que encerra o Gigante. O Reizinho, em seu trono, dorme um sono profundo e de bons sonhos. O Ministro, inquieto, anda nervosamente de um lado para o outro. O Bobo, aos pés do Rei, vela seu sono.

MINISTRO: Bobo! Faça alguma coisa, está quase na hora do discurso diário e Sua Majestade ainda não

acordou. O povo já se acumula na praça e nosso Rei ainda dorme. Vamos, Bobo, mexa-se! (O Bobo mexe-se todo, tilintando seus guizos; dá uma cambalhota e senta-se novamente) Bobo, mas que bobo que você é. Disse "mexa-se" mas foi para acordar o Rei.

BOBO: Bobo sou mas tão somente
Longe estou de ser demente
O Rei eu posso acordar
Só depois que despertar

MINISTRO: Não faça gracinhas, vamos com isso! Está na hora do discurso!

REI (acordando): Discurso! (Bocejo) Não posso perder o meu discurso! Bobo, ajude-me a calçar os sapatos. Ministro! Já está na hora?

MINISTRO: Sim, Majestade, o povo já está a sua espera.

REI: Mandê preparar o púlpito. Onde está o discurso que eu lerei hoje?

MINISTRO (entregando o pergaminho): Aqui, Majestade. Eu preparei pessoalmente, mas repete todas as idéias de sua Alteza.

REI: Ótimo. Ótimo.

MINISTRO: Soldado! Prepare o púlpito. (O soldado traz o púlpito para a frente, e o Rei se apruma para subir)

MINISTRO: Trombetas! (Soam as trombetas. O Rei, que acaba de colocar a coroa, sobe ao púlpito com simpatia. O Ministro bate com um bastão, anunciando o Rei com grande pompa)

MINISTRO: Atenção! Como todos os dias, nós teremos a honra de ouvir as palavras de nossa querida Majestade, do nosso Rei, bom e justo!

REI: Meus queridos súditos! Povo amado desta amada terra minha! (Abre o pergaminho) Hoje eu quero vos revelar as grandes realizações que tenho feito por este reino. De como tenho ajudado os pobres distribuindo até mesmo minhas riquezas pessoais! Sou defensor dos fracos e comprimidos, (dá um ligeiro engasgo) quero dizer, dos oprimidos. (Quebra o tom eloqüente, pois tem dificuldade de ler) Quero vos falar... Quero vos falar... (Meio à parte ao Ministro) Você não podia ter escrito com letra maior? E agora? (O Ministro faz inúmeras medidas,

desculpando-se. O Rei fecha o discurso).

REI: Eu quero falar a vocês...

BOBO: Do Gigante. Conte-nos do Gigante!

REI (tomando atitude inteiramente informal): Sim, hoje eu irei contar a história do terrível Gigante que eu próprio aprisionei nesta torre.

BOBO (para alguém na platéia): Essa história ele conta todo dia, mas é muito interessante...

REI: Quando eu era jovem, há muito, muito tempo atrás, havia num reino muito distante um terrível Gigante. (O bobo começa a representar por mímica a narração) Sua altura era maior do que a de sete homens, e sua força era tão grande, que com um só assoprão era capaz de derrubar várias casas. Esse Gigante tinha uma fome tamanha, que por onde passava comia todas as plantas e todos os animais. Bebia de tal forma, que secava os rios, e ninguém ousava desafiá-lo, porque os poucos que tentaram, tiveram triste fim. A população, apavorada e sem ter o que comer, fugia, abandonando suas terras. Assim, tudo acabou ficando deserto, e nem o próprio Gigante tinha mais o que comer.

BOBO: Foi daí que ele resolveu vir para este reino?

MINISTRO: O Gigante veio para este reino e ia destruir tudo. E se não fosse o nosso Rei, agora vocês não estariam aqui. Sim, porque foi nossa Majestade que construiu essa torre que vocês estão vendo e conseguiu adormecer e depois aprisionar o Gigante dentro dela, salvando este país. Por isso vocês devem tudo ao nosso Rei...

REI: Não fiz mais que o meu dever.

MINISTRO: Mas salvou nossa pátria. Viva o Rei!

VÁRIOS: Viva!!!

BOBO: Majestade, Majestade!

REI: Sim, meu bobo.

BOBO: Será que hoje Vossa Majestade poderia contar como fez para o Gigante dormir?

REI: Meu bobo, você bem sabe que esse é um segredo que eu não posso revelar.

BOBO: Mas por quê?

REI: Porque se alguém for mau, e souber como eu adormeci e aprisionei o Gigante nesta torre, poderá também acordar e até mesmo soltar o monstro. E hoje, como sempre, é meu dever zelar pela segurança deste reino.

BOBO: Ah! Que pena! Será então que a gente podia ver o Gigante?

MINISTRO: Nunca! Todos que ousaram olhar para ele sumiram misteriosamente.

BOBO: Ah! Então não quero ver não. Posso virar anão!

REI: O quê?

BOBO: Prefiro uma canção
A sofrer do coração
Vou tocar minha viola
Assim ninguém me amola

REI: Você tem razão, meu bobo. É muito melhor cantar. (Tom) Bem, Ministro, estou aqui à disposição do meu querido povo.

MINISTRO (À platéia): Nosso Rei está aqui a sua disposição para receber os presentes. Não esqueçam que ele nos salvou do Gigante e precisa da ajuda de vocês para mantê-lo preso. (A alguém do público) Você aí, não quer oferecer a sua Majestade essa (bolsinha ou relógio, etc...)? Tão bonitinho... (Neste trecho o texto é livre. O Ministro deverá dialogar com a platéia tentando induzir o público a dar objetos ao rei; o rei apanhará o objeto com simpatia; se ninguém

quiser dar nada, o Ministro insistirá no perigo do Gigante; nesse meio tempo o Bobo desce à platéia e conversa com três crianças, explicando-lhes a sua participação na cena a seguir. Esta participação consistirá em colocar um chapéu, apanhar um dos bichos de brinquedo escondidos em qualquer local e ir entregar ao Rei)

MINISTRO: Agora nosso Rei receberá os animais para o Zoológico Real.

BOBO: Essa menina de boina xadrez Veio trazer um gato siamês

REI: Oh! Que gatinho mais lindo! Muito obrigado, minha menina. Ele terá lugar de destaque no meu Zoológico. Muito obrigado.

BOBO: Esse simpático cavalheiro Precisa de algum dinheiro E ao rei um animal quer vender Se bom preço lhe oferecer. (O menino leva um cachorro)

MINISTRO: Mas esse cachorro você devia dar ao rei! Não quer homenagear sua Alteza?

BOBO: Ele precisa de algum dinheiro.

REI: É um cachorro muito original! Ministro! Ofereça-lhe uma moeda!

MENINO DA PLATÉIA OU O BOBO: Só uma moeda? É muito pouco...

MINISTRO: Mais tarde receberá o resto. Pode ir saindo. (Tom) Obrigado a todos que colaboraram. E os outros não deixem de colaborar amanhã.

REI: Bem, meu querido povo, creio que hoje não tenho mais nada a dizer. Só quero acrescentar que estou aqui para ajudá-los em tudo que vocês precisarem. (O Bobo canta uma canção enquanto as luzes se apagam)

O foco da atenção deve estar no local que representa a floresta, de preferência na própria platéia. O Boi, tropegamente, vem andando puxado pelo menino.

MENINO: Vamos, meu boizinho, não desanime, ainda temos muito caminho pela frente. Sei que você está cansado, mas precisamos chegar até o palácio do Rei. (O boi vai amolecendo, até cair) Por favor, Tutuca, não seja preguiçoso. (O menino tenta erguer o boi aos poucos, perna a perna. Ao puxá-lo, o boi se desmelingue)

Tutuca! Você sabe, o Rei tem hora certa. Eu não quero vender você, mas é preciso. (O boi faz um gesto triste) Sei que você está triste, eu também estou, Tutuca, mas o que é que se vai fazer? Vamos, levante. (O boi levanta-se com dificuldade. Entra a menina apanhando flores e observa a cena sem ser notada)

Isso! Assim está bem. Mas faça uma cara mais alegre. Você parece doente, com essa cara o Rei não vai querer comprá-lo, e nós sabemos que você é um boizinho valente. (O boi dá um sorriso amarelo). É, melhorou. Vamos indo. (Ao andar, o boi vai murchando e se deita, inteiramente frouxo)

Tutuca! Por favor! (O boi levanta ligeiramente a cabeça e desfalece) Tutuca! O que é que você tem?... E agora o que eu faço?... Tutuca, por favor...

MENINA: Posso ajudar?

MENINO: Hem?

MENINA: Posso ajudar?

MENINO: Meu boizinho está doente e eu precisava mesmo de alguém para me ajudar. Se você puder...

(A menina se abaixa e acaricia o boi)

MENINA: Não está doente, não. Só um pouco cansado, mas logo vai estar andando novamente. Vocês vêm de longe?

MENINO: De bem longe, e ainda temos muito caminho pela frente. Vamos ao palácio do Rei.

MENINA (intrigada): Do Rei?

MENINO: Sim, vou vender o meu boizinho.

MENINA: Que pena! Ele é tão lindo!

MENINO: Bem que eu gostaria de não vender, mas é preciso. Sabe, eu moro sozinho com minha mãe e ela está doente. Preciso vender o Tutuca para comprar comida e remédio.

MENINA: E você vai vendê-lo ao Rei?

MENINO: Isso mesmo.

MENINA: E se ele não comprar?

MENINO: Há de comprar. O nosso Rei é bom e justo e sempre ajuda aos que estão em dificuldade.

MENINA: Então espero que seja bem sucedido.

MENINO: Obrigado. (O boi se ergue)

MENINA: Seu Tutuca já está bom, agora vocês podem continuar andando.

MENINO: É, acho que já vou indo.

MENINA: Espere! Quero lhe dizer uma coisa.

MENINO: O que é?

MENINA (pausa): Nada. Não é nada.

MENINO: Fale!

MENINA: Desejo que você possa ver a verdade das coisas.

MENINO: Não estou entendendo.

MENINA: Não faz mal. Em outra ocasião talvez entenda. É melhor você se apressar, senão vai chegar atrasado.

MENINO: Espero vê-la outra vez.

MENINA: Tome isto. Se precisar de mim, toque este apito, bem suavemente, como se fosse um passarinho.

MENINO (vai experimentar o apito):

Assim...

MENINA (segurando sua mão): Não. Só toque se você precisar.

MENINO: Obrigado por tudo. Até logo.

MENINA: Até!

(Menino e boi se afastam. A menina acena, e a luz cai)

III

O Menino está chegando ao palácio, onde o Rei se diverte fazendo bolinhas de sabão. O Soldado está no caminho do Menino e barra a sua entrada.

MENINO: Queria falar com o Rei... Por favor, deixe-me passar!

SOLDADO: Vá andando.

MENINO: Venho de longe.

SOLDADO: Não posso falar com o público, mas tenho ordens de não deixar ninguém entrar.
(O Ministro entra. O Soldado toma posição firme)

MINISTRO: O que está acontecendo? (Ao Menino) O que é que você quer?

MENINO: Queria falar com o rei.

MINISTRO: Impossível!

MENINO: Mas eu venho de longe e trazendo o meu bozinho...

MINISTRO: As audiências por hoje já estão terminadas. Volte amanhã.

MENINO: É que eu preciso...

(O rei persegue uma bola até a entrada e dá com o boi)

MENINO: Vim trazê-lo a sua Majestade.

REI (com apetite): Mas que ótimo. Deixe-o entrar. (Todos entram) Que belo animal!

MINISTRO: É como eu dizia: é um ótimo presente, daí sua Majestade pode concluir como seus súditos o amam.

REI: Muito obrigado, meu menino. Esse

presente me agrada muito.

MINISTRO: Sua Alteza sem dúvida o merece.

MENINO: Desculpe... Acho que está havendo um engano. Eu trouxe o boi, mas foi para vender.

MINISTRO: O quê? Então quer insinuar que sua Majestade não merece esse animal como presente?

MENINO: Não é que não mereça... Mas é que eu gosto tanto do Tutuca! Tutuca é o nome do boi, sabe?

REI: Eu sei, meu bom menino, você quer mostrar que seu boi lhe é caro, assim o presente tem mais valor, eu sei...

MENINO: Gostaria de poder dá-lo a sua Majestade, mas não posso, preciso vendê-lo. Só assim terei dinheiro para comprar comida e remédio para a minha mãe, que está doente.

REI: Hum... Pobrezinho. Ministro, dê-lhe o dinheiro.

MINISTRO (tirando uns níqueis): Tome lá. Agradeça a sua Majestade e vá andando.

MENINO: Mas aqui só tem duas moedas, e esse boi vale mais de dez.

MINISTRO: Ridículo! Duas moedas por um boi como esse é muito dinheiro.

MINISTRO: Você sabe como eu sou caridoso, dê três moedas ao menino.

MENINO: Mas, Majestade, minha mãe me disse para vender o boi só por mais de dez moedas.

REI: Ele está muito magro e feio, não vale mais que três moedas.

MENINO: Mas, Majestade...

REI: Palavra de rei não volta atrás. Seu boi só vale três moedas, e já o dou por comprado.

MENINO: Por favor...

MINISTRO: Assunto encerrado. Vá andando. Soldado! Acompanhe o menino até lá fora.

(O Soldado leva o Menino, mas o boi o segue. O Ministro segura o boi pelo rabo, e este dá meia volta, investindo contra o Rei)

REI: Socorro!

(O Rei sai correndo, perseguido pelo boi, que arrasta o Ministro)

MINISTRO: Pare! Pare!

REI: Socorro!

MINISTRO: Socorro!

REI: Segurem-no! Prendam o animal!

(O Soldado também procura agarrar o boi, enquanto o Menino tenta soltá-lo. Há toda uma pantomima e os gritos mais variados)

MENINO: Fuja, Tutuca! Salve-se!

MINISTRO: É o fim! Onde já se viu?

REI: Esse boi é inimigo do reino, prendam-no!

MENINO: Cuidado! (O boi e o Menino estão agarrados)

SOLDADO: Peguei! Peguei!

MINISTRO: Firme!

REI: Foi fácil dominá-los. Ninguém desacata as minhas ordens. Declaro que o Menino deverá ficar preso até que eu decreto o contrário. E o boi irá para o Zoológico Real.

MINISTRO: Prendam-no!

(Ao levarem o boi, há uma ligeira confusão, e o Menino consegue escapar)

MINISTRO: Está fugindo! Atrás dele! Não o deixem escapar!

(O Menino entra correndo pela platéia com o Soldado atrás; ouvem-se ruídos de cavalos)

IV

(O Menino, ofegante, chega à floresta)

MENINO: Puxa!!! Quase me apanharam...

(Respira fundo) E agora, o que eu faço? Ficaram com o Tutuca e não me deram nenhum dinheiro. Como vou comprar o que é preciso? A menina tinha razão, agora começo a ver a verdade das coisas. O Rei não é tão bom como parecia... Ele roubou meu boi, sim! Foi isso que ele fez: ele roubou meu boi! (Pausa) O apito! Talvez a menina possa me ajudar. (Tira o apito do bolso e toca imitando passarinho. Entra o Soldado. O Menino se esconde. O Soldado está prestes a encontrá-lo quando entra a Menina)

MENINA: Hei! Perdeu alguma coisa?

SOLDADO: Você viu um menino?

MENINA: Menino?

SOLDADO: Isso mesmo, veio correndo para cá. Você o viu?

MENINA: Loiro, de camisa azul?

SOLDADO: Isso!

MENINA: Vi, correndo para lá.

(O Soldado sai correndo em direção errada. O Menino sai do esconderijo)

MENINO: Por um triz! Você chegou em cima da hora.

MENINA: O que aconteceu?

MENINO: Tive que fugir do palácio.

MENINA: E o Tutuca?

MENINO: O rei ficou com ele. Queria dar só três moedas e acabou não dando nada.

MENINA: Ele é assim mesmo.

MENINO: Você tinha razão. O Rei não é tão bom como todos pensam...

MENINA: É verdade. Ele nunca paga o preço justo e às vezes até rouba. (Tom) E agora, como você vai comprar as coisas para sua mãe?

MENINO: Não tenho coragem de voltar para casa assim... Sem os remédios e sem o Tutuca. Não sei o que fazer.

MENINA: Ele também me roubou muita coisa.

MENINO: O Rei?

MENINA: Ele mesmo. (Pausa) Vou lhe contar um segredo. Posso confiar em você?

MENINO: É claro.

MENINA: Meu pai era o Rei antes desse, e no seu tempo o povo vivia feliz. Mas peço-lhe que não conte isso a ninguém.

MENINO: Por quê?

MENINA: Se souberem que estou aqui, vão me aborrecer, e isso eu não quero. Sabe? Vivo aqui na floresta tão tranqüilamente...

MENINO: Mas se o seu pai era o Rei, então você é princesa. Onde está ele agora?

MENINA: Meu pai... Não sei. Ouvi dizer que ele foi devorado pelo Gigante, e o Rei que aí está, vencendo o Gigante, subiu ao trono. Mas naquele tempo eu era muito pequena, e não sei bem o que se passou...

MENINO: Mas por que você não ficou no palácio?

MENINA: Isso eu não sei explicar. Tenho a sensação de que sempre vivi aqui...

MENINO: Mas você é a princesa e tem o direito de morar no palácio.

MENINA: Para isso eu não ligo, gosto de viver aqui na floresta, onde se vive sem pressa, onde posso colher uma flor ou deitar no musgo para descobrir a raiz de alguma planta.

MENINO: Fico alegre em saber que você é feliz com sua vida.

MENINA: Mas não sou inteiramente feliz: toda vez que fico sabendo de alguma injustiça feita pelo rei, me revolto e quero ajudar as pessoas. Como quero, agora, ajudar você.

MENINO: Você já me ajudou. Sabe? Eu estava muito triste por ter perdido o Tutuca, mas vendo, agora, que você perdeu muito mais do que eu

e ainda tem tempo para pensar nos outros, fico até encabulado.

MENINA: Meus problemas são do passado, mas os seus são de agora e ainda podem ser resolvidos.

MENINO: Não sei, não.

MENINA: Você não gostaria de soltar o Tutuca?

MENINO: Soltar o Tutuca? Seria bom!

MENINA: E por que não?

MENINO (Incrédulo): Você acha que daria?

MENINA: Não custa experimentar.

MENINO: Mas de que jeito?

MENINA: Podemos encontrar algum.

MENINO: Entrar no palácio do Rei! Vai ser muito difícil...

MENINA: Sei de alguém que pode nos ajudar, é um amigo que tenho. Ele conhece mil truques, sem dúvida terá algum para entrarmos no palácio!

MENINO (entusiasmado): E é fácil encontrá-lo?

MENINA: Mora aqui perto, vamos até lá.

MENINO: Vamos!... (Começam a sair)
Mas e depois?

MENINA: Calma, depois você vai ver.

FIM DO 1º ATO

2.º ATO

I

Local da floresta onde está a casa do Mestre, que é vista por dentro. É uma casa exótica, onde estão inúmeros bichos grandes de brinquedo e livros amontoados por toda parte. O Mestre está com o ouvido colado ao chão quando chegam o Menino e a Menina. Batem à porta. Como não são atendidos, insistem.

MENINA: Mestre!... Mestre!
MENINO: Vai ver que ele não está.
MENINA: Ele nunca sai de casa. Só se não estiver ouvindo... Mestre! (Tom) Sabe? Ele é muito distraído, acho melhor entrarmos. (Entram e dão com o Mestre deitado no solo)
MENINA (apreensiva): Mestre!
MESTRE: Psiu...
MENINA: O Sr. está bem?
MESTRE (concorda com a cabeça): Chiiiu... Não faça barulho.
MENINA: O que é?
MESTRE (em tom secreto): Estou ouvindo o risinho de uma pulga.
MENINA: Hem?
MESTRE: Venha ouvir... É um risinho bem fraquinho.
MENINA: Oras, por que a pulga iria rir?
MESTRE: Acho que deve haver uma pulga de pulga que está lhe fazendo cócegas.
MENINA: Pulga de pulga?
MESTRE: Sim... São tão pequenas que parecem pensamentos.
MENINA (com carinho): Mestre, o Sr. é sempre o mesmo.
MESTRE: Mas o que é que você quer?
MENINA: Este é meu amigo...
MESTRE: Nosso amigo!
MENINO: Muito prazer.
MENINA: Precisamos de sua ajuda.
MESTRE: Podem contar comigo. Sei tudo sobre pulgas.
MENINA: Não se trata de pulgas.
MESTRE: Percevejos?
MENINA: Não.
MESTRE: Então já sei. Mos-qui-tos!
MENINA: Não, nada disso. Trata-se do Rei.
MESTRE: Hum... Tenho um livro completo sobre leões... Deixe-me ver... Onde está... (Procura o livro)
MENINO: Tem certeza que ele pode ajudar a gente?
MENINA: Não se espante, apesar de meio biruta ele vai ter o que nós precisamos.

MESTRE: Não sei onde está o livro sobre leões. Mas o que você quer saber?
MENINA: Não é sobre leões.
MESTRE: Sobre o que então?
MENINA: O meu amigo...
MESTRE: Nosso amigo! (Cumprimenta-o)
MENINA: Mestre! Nós queríamos saber como podemos entrar no palácio do Rei e soltar o boi dele que está lá no Zoológico.
MESTRE: Ah, bom! Então por que não falou logo? Tenho aqui umas maravilhosas asas voadoras. Vocês se vestem de passarinho e entram voando.
MENINO: Estupendo!
(O Mestre dá asas ao menino. Elas têm um aspecto de geringonça)
MESTRE: Vamos! Coloque-as. Assim... Esse braço por aqui... Essa perna para lá... Não, não, para lá... Assim... (O Menino mal consegue vesti-las) Hum... Suba aqui... Fique na ponta dos pés... Mais alto... Mais alto... Não, não; não, não...
MENINO: E agora?
MESTRE: Não servem. São grandes demais! Tenho medo, porque, se você voar com elas, poderá entrar em órbita... Que pena! Tire-as. Vamos experimentar outra coisa. Deixe-me ver... Ah! Tenho um minissubmarino!
MENINO: Mas no palácio do Rei não tem nenhum rio.
MESTRE: Palácio do Rei?
MENINA: Precisamos entrar no palácio para soltar o boi!
MESTRE: É verdade, já ia me esquecendo. Poderíamos experimentar, então, a pílula da invisibilidade.
MENINO: Essa é ótima! Podemos entrar invisíveis no palácio e soltar o Tutuca.
MESTRE: Só que não estão inteiramente prontas, e isso é um

problema muito sério.

MENINO: Por quê?

MESTRE: As pessoas tomam a pílula, somem e nunca mais aparecem.

MENINO: Ah...

MENINA: Mestre, nós gostaríamos de alguma coisa mais simples, e alguma coisa que funcionasse.

MESTRE: Sim, mas o quê?

MENINA: Um disfarce, talvez...

MENINO: Isso! Ali está um cavalo de brinquedo (aponta o cavalo). É tão perfeito que poderia passar por real.

MENINA (tendo a mesma idéia): É mesmo!

MENINO: Irei fantasiado de cavalo, e você irá vender. Na certa o rei vai me colocar no Zoológico, assim poderei ficar perto do Tutuca e depois soltá-lo!

MENINA: É uma ótima idéia. Só que é bom eu também ir disfarçada para ninguém me reconhecer.

MENINO: Isso!

MENINA: Mestre, o Sr. pode emprestar um disfarce para mim e o cavalo para ele?

MESTRE: Mas é claro! (Tiram o disfarce e o cavalo das prateleiras)

MENINA: Só que falta um detalhe... Se você ficar preso no Zoológico, como vai poder sair das grades?

MESTRE: Com isso não se preocupe. Tenho uma chave-mestra que abre qualquer fechadura. Aqui está ela. (Dá a chave ao Menino)

MENINO: Estupendo! Vamos colocar os disfarces.
(A Menina veste uma capa e coloca um par de óculos com nariz postiço. O Menino começa a vestir a fantasia de cavalo)

MESTRE: Não vai dar.

MENINA: O quê?

MESTRE: Não vai dar.

MENINO: Por quê?

MESTRE: São precisas duas pessoas para formar o cavalo. Essa fantasia é para dois.

MENINA: Então! Eu irei vender o cavalo, e sobram uma e duas pessoas.
(Aponta o professor)

MESTRE: Oh, não! Não posso fazer isso. Tenho uma terrível dor nas costas; não agüentaria ninguém montado em cima de mim, não posso fazer isso. É melhor pensarmos em outra coisa... Talvez se eu inventasse um cavalo mecânico!

MENINA: Não há tempo.

MESTRE: Meio cavalo mecânico.

MENINA: Quanto tempo leva para fazer um?

MESTRE: Uns cinco meses.

MENINO: Ah!

MENINA: Cinco meses não dá. Faça esse favor para nós, Mestre...

MESTRE: Não posso, minha dor nas costas é tremenda.

MENINA: Por favor...

MESTRE: Está bem. Eu fico sendo a metade do cavalo, mas com uma condição: ninguém montará nele.

MENINA: Obrigado.

MENINO: Então vamos lá. Uma perna aqui, outra lá, e o Sr. fica atrás, está bem?

MESTRE: Ai, ai... Minhas pobres costas.
(Vestem inteiramente a fantasia de cavalo. A Menina dá uns retoques em seu disfarce)

MENINA: Avante, cavalinho! Avante! Ao palácio!
(Saem com uma música de marcha)

II

No palácio o Rei termina seu discurso diário. O Bobo está com uma cara desolada, enquanto o Ministro está radiante. A Menina,

disfarçada, puxando o cavalo, coberto por um pano, aproxima-se do palácio.

REI: ...E foi assim, meu querido povo, que deixei este reino livre do terrível Gigante.

MINISTRO: Foi sua Majestade quem aprisionou o Gigante, por isso devemos tudo ao Rei. Viva o Rei!

VÁRIOS: Viva!

BOBO (para alguém da platéia):
Cada dia fico mais frustrado
Nunca sei como o Gigante foi aprisionado
Mas para o Rei agradar
Finjo sempre admirar
Viva o Rei, viva o Rei (Faz piruetas e cambalhotas) Viva! Viva o Rei!

MINISTRO: Não se esqueçam, o Rei precisa manter o monstro aprisionado na torre e espera que o povo contribua com presentes para que possa fortalecer ainda mais a guarda. Alguém trouxe presentes para sua Alteza?

MENINA (aproxima-se): Eu! Tenho algo para o Rei.

MINISTRO: Pois então, entre! (A menina entra trazendo o cavalo coberto, faz uma vênia e fala em voz de falsete)

MENINA: Majestosa Majestade. Trago um presente muito especial.

BOBO: É um presente real?

MENINA: Digno de um rei.

REI: Aproxime-se, ilustre desconhecida. Estou aguardando.

MENINA: Tenho certeza que Vossa Alteza irá gostar.

REI: O que é?

MENINA: É bastante diferente.

REI (ansioso): Vamos logo, pode descobrir.

MENINA: Se me permitirem, irei descobrindo aos poucos.

REI: Claro, claro, mas vamos logo.
(A menina retira o pano)

BOBO: Branco, preto, mas que belo animal!

Sem dúvida é um cavalo imperial.

REI: É mesmo bonito!

MINISTRO: Isso sim é que é presente.
Agradeço por Sua Alteza.

MENINA: Majestade. Trouxe este cavalo especialmente para o seu Zoológico.

REI: Muito obrigado. Mas é um animal tão belo, que eu mesmo quero usá-lo.

MENINA (preocupada): A dor nas costas do Mestre! (Ao Rei) Majestade... peço-lhe não fazer isso.

REI: Por que não?

MENINA: É um cavalo muito arisco, não se presta para montar.

MINISTRO: Nosso Rei é um ótimo cavaleiro, não teme animais bravos.

REI: Isso mesmo! Muito bem observado! Vou montá-lo.

MENINA: Por favor, Majestade! Este presente é perfeito para seu Zoológico, mais tarde trarei outro cavalo, ainda melhor que este, para Vossa Alteza cavalgar.

REI: Aceito o outro presente de bom grado, mas, só para provar a você que não tenho medo, quero andar também neste cavalo. Bobo! Suba no cavalo.

BOBO: Vovó sempre dizia: cavalo malhado é má montaria
Que monte o soldado, eu não me atreveria.

REI: Como ousa desobedecer a minhas ordens? Vamos! Monte!

MENINA: Majestade. Deixe para depois...

REI: Monte!

MENINA (à parte): E agora?

MINISTRO (ao Bobo): Como é possível você desobedecer ao Rei? Monte imediatamente, senão irei castigá-lo!

BOBO: Ao rei não desobedecerei
Não quero ser castigado
O cavalo eu montarei

Só estando impulsionado
(O bobo dá uns passos atrás e corre para pular sobre o cavalo)

MESTRE: Ai!

REI: O que foi isso?

MINISTRO: Não sei.

REI: Vamos! Pule! (O bobo se prepara novamente)

MESTRE: Ai!

MINISTRO: Muito estranho esse gritinho.

MENINA: Fui eu quem gritou. É que tenho muito dó do Bobo, o cavalo poderá dar um coice. Majestade! Não posso permitir que montem nesse cavalo.

REI: Faço o que quiser, você já me deu esse cavalo.

MENINA: Pois retiro o presente.

BOBO: (depressa)
Presente retirado
Não pode ser usado
Se o cavalo não é do rei
Nunca mais eu montarei

REI: O presente já foi dado e não pode ser retirado. Decreto que esse cavalo me pertence.

MINISTRO: Isso, Majestade! Seja enérgico, sem dúvida o cavalo lhe pertence.

MENINA: Eu darei o cavalo, mas se Vossa Alteza prometer que não irá montá-lo.

MINISTRO: Esse cavalo já é do Rei. E o Rei fará dele o que bem entender.

MENINA: Pois então eu o levo embora!
(Puxa o cavalo pelo arreio e vai saindo. Mas o Ministro segura o rabo, e o cavalo divide-se em dois)

BOBO: É mula-sem-cabeça!
(O Ministro desmaia sobre o Rei. A Menina continua andando com metade do cavalo, enquanto a outra metade anda em direção oposta)

REI: É uma armadilha! É o inimigo!
Agarrem o inimigo!
(O Rei empurra o Ministro, que acorda)

MINISTRO: É o inimi... (Desmaia novamente ao ver só metade do cavalo)

REI: Soldado! Agarre o inimigo!
(O Soldado entra e há toda uma correria. As duas partes do cavalo, no meio da confusão, se encontram e recompõem o cavalo)

MENINA: Corram!
(O Bobo dá um salto e monta no cavalo)

MESTRE: Ai, ai, ai, ai, ai (Levanta-se, tirando a fantasia) Ai, minhas costas... (À Menina) Você me prometeu que não trepariam nas minhas costas. Aiii... Assim eu não brinco mais.

REI: É o cavalo de Tróia! Agarrem o inimigo!

MENINO: Vamos fugir!

MESTRE (sentando-se): Aiii... Por que não trouxe minhas asas voadoras?

MENINA: Corra! (Sai de cena)

MENINO: Vamos, Mestre, senão nos apanham.

MESTRE: Com esta dor nas costas? Ui, ui, ui...

REI: Atenção! Usem a arma secreta, soltem a rede!
(Cai uma rede sobre o Mestre e o Menino, aprisionando-os)

REI: Levem os inimigos para as jaulas. Irão fazer parte do meu Zoológico. Mas primeiro quero que revistem bem os dois, talvez tenham outros truques.
(O Soldado revista os dois e encontra a chave)

SOLDADO: Encontrei esta chave!

REI: Deixe-me ver... Uma chave-mestra! Espertinhos, hem? Mas a mim ninguém engana! Pode levá-los.
(A Menina entra e tira o disfarce)

MENINA (ao Rei): É só a mim que você quer. Solte meus amigos, que eu me entregarei.

BOBO: A princesa! (Pausa geral)

REI: Seus amigos já não têm como escapar e pegarei você também, assim como peguei seu pai...

MENINA: Meu pai? Então foi você...

REI: Foi o Gigante! O Gigante pegou seu pai, mas eu peguei o Gigante, assim como agarro você agora. (Prende a Menina sem dificuldade) Soldado! Esta irá para o Zoológico com os outros. Leve todos! (O soldado prende a Menina e leva todos para a jaula)

MINISTRO (acordando): Onde está a mula?

REI: Imbecil! Não há mula. São os inimigos do reino, que queriam me enganar. Mas a situação já está dominada, por isso sou o Rei!

MINISTRO: E os inimigos? Quem são os inimigos?

REI: Os inimigos, oras, são os que estão contra o Rei. (A luz se apaga)

III

É noite. O foco de atenção deve ser mantido na jaula, onde estão presos a Menina, o Menino, o boi e o Mestre, que dorme.

MENINA: Deu tudo errado, não é? E tudo por minha culpa.

MENINO: Você não teve culpa nenhuma, até fez além do que podia. O verdadeiro culpado sou eu. Porque fui eu que acreditei que o Rei era bom e vim aqui vender o Tutuca. Se não fosse isso, nem nós, nem o Tutuca, nem ninguém estaria aqui.

MENINA: Se pelo menos a gente tivesse a chave-mestral!

MENINO: É. Até isso eu não soube esconder direito.

MENINA: Eles encontrariam de qualquer jeito...

MENINO: Agora não temos como escapar... E minha mãe? Ela deve estar preocupada comigo... Fiz tudo errado.

MENINA: Não desanime, logo sairemos daqui.

MENINO (ao boi): O que me vale é eu poder estar aqui perto de você. Ah! Tutuca, você viu, fizemos tudo para soltá-lo e acabamos, também, presos. (O boi faz cara triste)

MENINA: O Tutuca está triste, pobrezinho.

MENINO: Acho que ele está cansado de ficar preso. Sabe? O Tutuca gosta muito de correr pelo campo, não sabe viver aqui.

MENINA: Então ele é como eu... Estou presa há tão pouco tempo, mas já começo a sentir saudades do perfume das minhas flores. Gostaria de poder sair daqui e correr ao vento para ouvir o canto da natureza... Sabe? Eu sempre gostei de tudo isso, mas agora parece que gosto mais.

MENINO: É que, às vezes, é preciso que as coisas boas acabem para a gente saber quanto valem. (O Mestre começa a acordar)

MESTRE: Com cinco formigas vermelhas e cinco brancas poderei obter... Preciso anotar isso antes que me esqueça... Onde será que guardei o meu caderninho? (Começa a procurar como se estivesse em casa)

MENINA: Mestre!

MESTRE: Você viu meu caderninho? Deste tamanho, de capa preta...

MENINA: Mestre! Precisamos sair daqui!

MESTRE: Ham?

MENINO: O senhor esqueceu? Estamos presos!

MESTRE: Presos? Onde?

MENINO: Nessa jaula. Não lembra?

MESTRE: É mesmo! Como fui esquecer que, de caçador de insetos, virei caça?

MENINA: O senhor tem alguma idéia?
MESTRE: Para quê?
MENINA: Para fugirmos, ora essa!
MENINO: Então, tem alguma idéia?
MESTRE: Tenho muitas! O pó de corrosão que elimina estas grades num triz, o raio furador que pode abrir um túnel por aqui e até mesmo a pílula de encolher, que nos deixa tão pequeninos que podemos passar através das grades.
MENINO: Nada. Todas essas coisas estão no seu laboratório.
MENINA: E o que faremos para sair daqui?
MESTRE: Nada. Acho que não podemos.
MENINO: Ficamos na mesma, sem escapatória.
(O Bobo entra sorrateiramente)
BOBO: Psiu!
MENINA: Você ouviu?
BOBO: Psiu! Princesa!
MENINA: Quem é?
BOBO: Sou eu.
MENINO: O Bobo!
BOBO: Fale baixo! Vim aqui para ajudá-los.
MENINO: O quê?
BOBO: Vim para ajudá-los.
MENINO: Como?
BOBO: Ainda não sei, mas quero ajudar a princesa e seus amigos.
MENINA: Obrigado.
BOBO: Fui muito amigo do seu pai. Devo muito a ele, era um rei bom e justo.
MENINA: O que aconteceu a ele?
BOBO: Não sei, mas ainda vou descobrir.
MENINO: Espere! E o Rei atual, você não gosta dele?
BOBO: Não gosto não, só finjo gostar para poder descobrir a verdade.
MENINA: Que verdade?
BOBO: Sobre o Gigante. Eu não acredito que ele exista. Nunca ninguém o viu, além do Rei e do Ministro. E o Rei assusta os que querem ver...
MENINO: Mas todo o povo

acredita no Gigante.
BOBO: É por causa do discurso. Todo dia o Rei fala que o Gigante está preso, e o povo acredita.
MENINA: Então o Gigante não existe...
BOBO: Ainda não sei, mas acho que não.
(O Ministro entra de espada em punho)
MINISTRO: Fazendo confidências...
MENINO: O Ministro!
MINISTRO: Ouvi tudo, mas você pode continuar contando suas histórias, terá muito tempo para isso.
Soldado! Prenda o Bobo!
(Soldado entra e segura o Bobo)
BOBO: Com o Rei eu vou falar
Se você não me soltar
Largue-me! Não sou animal
Sou Bobo real
MINISTRO: Não adianta continuar com suas gracinhas. Prenda-o com os outros!
(O Bobo é preso na jaula, e o Soldado dependura a chave bem longe)
MINISTRO: Eu mesmo vou falar com Sua Alteza. Falarei que ouvi você inventando certas histórias do Gigante. O Rei não perdoa os mentirosos. Soldado! Tem certeza que a jaula está bem fechada?
SOLDADO: Sim, tenho certeza.
MINISTRO: Ninguém pode escapar dela?
SOLDADO: Ninguém.
MINISTRO: Passar bem. Vou providenciar para que vocês fiquem aí o resto de suas vidas.
(Sai o Ministro e o Soldado)
MENINA: E agora?
MENINO: Tem que haver um jeito de sairmos daqui.
BOBO: É impossível.
MENINO: Mestre! O senhor tem um jeito, não tem?
MESTRE: Nenhum.
MENINO: Hei de dar um jeito.

BOBO: Creia-me. Desta jaula não dá para sair.
MENINA: Talvez alguém nos ajude, mas quem?
(Pausa)
MENINO: Não há ninguém.
MENINA: Então... estamos perdidos?
MENINO: Perdidos? Sem saída?
BOBO: Sim. Estamos perdidos.

IV

Nesse momento, acendem-se as luzes do palco e da platéia. Os atores tiram suas caracterizações e todo o elenco vem falar com o público.

ATOR (MENINO): Interrompemos o espetáculo para que vocês possam decidir.
ATRIZ (MENINA): Decidir com quem está a verdade.
ATOR (BOBO): Se com o Rei e o Ministro, ou se com os outros.
ATRIZ (MENINA): É difícil descobrir a verdade.
ATOR (MESTRE): O bem e o mal existem, mas nem sempre a gente sabe o que é bom e o que é ruim.
ATOR (MENINO): Por isso, antes de continuarmos, queremos que vocês nos ajudem a resolver quem tem razão.
ATOR (BOBO): É, vocês é que vão resolver. Vamos lá. Quem diz a verdade? O Rei? (Espera resposta da platéia) Ou outros? (espera resposta).
ATOR (MENINO): Calma, calma. Não é fácil resolver.
ATOR (MESTRE): A verdade às vezes está encoberta.
ATOR (REI): Isso mesmo! Para resolver é preciso pensar bastante. Na minha opinião, o Rei da peça que vocês estão vendo é quem tem razão.

(O texto, neste trecho, é livre; o que deve haver é um diálogo com a platéia, procurando analisar o comportamento das personagens e as situações da peça. Esse diálogo, obviamente, fluirá de acordo com as condições do público e dele podem surgir idéias interessantes que devem ser ressaltadas. De qualquer maneira, ele precisa ser tão organizado quanto possível. Inclusive, a critério da direção, poderão existir na platéia espectadores instruídos para auxiliar no desenvolvimento dos debates. O que segue vale somente como sugestão, com perguntas que devem ser feitas individualmente para determinados espectadores.)

ATOR (REI): Não se esqueçam: foi o Rei que salvou o país do Gigante. (Para alguém da platéia) Não foi? (Resposta da platéia)
ATOR (MINISTRO): De qualquer forma o Rei é bom e justo, ele ajuda o povo. Não é verdade? (Resposta da platéia)
ATOR (MENINO): Ele tem (não tem) razão. O Rei ficou com o Tutuca e não pagou o preço justo. E enquanto o Rei pensava que o boi era um presente, achava que ele era muito bonito, depois, quando soube que precisava pagar, começou a achar o boi magro e feio. Quer dizer que o Rei é mentiroso.
ATOR (MINISTRO): Mas o Menino e os outros todos não vieram disfarçados para enganar o Rei? Não vieram? (Resposta) Então, eles também são mentirosos.
ATOR (MENINO): Eles vieram só para salvar o boi. Não são mentirosos não, o Rei é ladrão porque ficou com o boi sem pagar.

ATOR (REI): É porque o boi deu uma cabeçada nele.

ATRIZ (MENINA): E ele não ficou com o palácio? Não roubou o palácio da Menina?

ATOR (MINISTRO): Mas é que o Rei precisa de dinheiro para manter o Gigante preso. Não é? (Pergunta para uma ou várias pessoas até obter uma resposta afirmativa, ou ele mesmo afirma).

ATOR (MESTRE): E se o Gigante não existir?

ATRIZ (MENINA): Isso! Se o Gigante não existir é porque o Rei é mentiroso e ladrão.

ATOR (BOBO): Mas como é que a gente vai saber se o Gigante existe ou não?

ATOR (Ou alguém da platéia) Abrindo a porta da torre.

ATOR (MINISTRO): E se o Gigante estiver lá dentro? Vai escapar e pode arrasar todo o reino.

ATRIZ (MENINA): É muito difícil descobrir a verdade.

ATOR (MENINO): De qualquer forma, o Menino, a Menina e o Mestre estão presos só porque quiseram soltar o boi. Como o boi foi roubado, eles devem ser soltos. Vocês não acham que eles devem ser soltos? (Resposta) (Para alguém) Você também acha que eles devem ser soltos? (Resposta). Você poderia ir lá abrir a porta da jaula? (Pergunta até que alguém se dispõe a ir. Um ator irá explicar à criança como proceder na cena seguinte)

ATOR (MESTRE): Bem, já conversamos bastante. Acho que agora as coisas estão mais claras. Podemos continuar o espetáculo.

ATRIZ (MENINA): Isso! Vamos mostrar como a peça acaba.

ATOR (MENINO): Silêncio, por favor. Nós vamos voltar ao ponto em que o espetáculo parou. (Os atores

assumem novamente seus personagens e voltam às suas marcações. A cena a seguir começará repetindo exatamente o final da última)

V

MENINA: E agora?

MENINO: Tem que haver um jeito de sairmos daqui.

BOBO: É impossível.

MENINO: Mestre! O senhor tem um jeito, não tem?

MESTRE: Nenhum.

MENINO: Hei de dar um jeito.

BOBO: Creia-me. Desta jaula não dá para sair. Talvez alguém nos ajude, mas quem?

PRIMEIRA OPÇÃO PARA A CENA,

MENINO DA PLATÉIA: Eu!

MENINO: Você pode nos ajudar? Então pegue aquela chave e abra a porta.
(O menino da platéia deverá pegar a chave e abrir a porta)

SEGUNDA OPÇÃO PARA CENA, A SER USADA SÓ NO CASO DE NÃO HAVER NINGUÉM DA PLATÉIA PARA ABRIR A PORTA.

MENINO: Não há ninguém.

MENINA: Então... estamos perdidos?

MENINO: Perdidos? Sem saída?

BOBO: Sim. Estamos perdidos.

MESTRE: Espere! Tive uma idéia! Neste guizo do Tutuca deve ter um araminho. (Pega um arame dentro

do guizo do boi) Aqui está ele.
Agora é só enfiar na fechadura,
mexer um pouquinho e... clic, clic,
pronto! (A porta se abre).

SEQÜÊNCIA. (QUALQUER QUE TENHA SIDO A OPÇÃO TOMADA.)

MENINO: Abriu!

MENINA: Obrigada, você foi genial!

MENINO: Muito obrigado.

(Todos saem da jaula)

MENINA: Enfim estamos livres!

MENINO: Vamos embora! Vamos!

(O boi empaca)

MENINO: Tutuca! Não seja mole, vamos!

(O boi se desmelingue)

MENINA: Tutuca, isso não é hora de você

ficar cansado. Vamos, levante-se.

(Erguem o boi perna a perna)

MENINO: Tutuca! Você não quer ir pr'o

campo?

(O boi faz um gesto afirmativo)

MENINO: Então vamos!

(O boi e todos saem correndo.

Entra o Rei)

REI: Esperem! Vocês não podem

escapar!

MENINO: Corram! Ele sozinho não poderá
nos pegar.

REI: Esperem! Se vocês fugirem, soltarei o

Gigante! (Todos param na platéia)

Eu sei como soltá-lo, é bem fácil.

(Vai até a porta da torre, que está

fechada por uma trave) Basta que

eu vire esta trave! Então, querem

que solte o Gigante?

MENINA: O Rei tem coragem de fazer
isso? Soltar o Gigante para arrasar o
reino?

REI: Para prendê-los faço qualquer coisa.

MENINA: Mas você seria o primeiro a ser
devorado, o que prova que o
Gigante não existe. Vamos! Abra a
porta!

REI (perdendo a dignidade): Soldado! Os
inimigos estão fugindo!

(O Bobo corre para a torre e retira a
trava. As portas se abrem. Pausa e
expectativa)

MENINO: Não há Gigante! Era tudo mentira!

BOBO: O Gigante nunca existiu! Foi
inventado para amedrontar a
gente.

(Entram o Soldado e o Ministro)

REI: Me salvem!

MINISTRO: Estamos perdidos!

REI: Soldado! Prenda os inimigos!

SOLDADO: Você não é Rei.

(Segura o Rei e o Ministro)

MENINA: Onde está meu pai?

REI: Seu pai? Seu pai? Sumiu... É, sumiu
faz muito tempo!

MENINO: O pai dela era o verdadeiro Rei!
Onde ele está?

REI: O Gigante comeu.

MENINO: Mas como, se não há nenhum
Gigante?

MINISTRO: Eu não tenho nada a ver com
isso. Foi...

REI: Cala a boca!

MENINO: Deixa ele falar.

REI: Quem manda sou eu! Eu sou o Rei!

BOBO: Você não é Rei coisa nenhuma!
Você é um impostor.

REI: Mas vocês não podem ficar sem
Rei. Quem vai mandar?

BOBO: Ela! (Aponta a menina) Como
filha do verdadeiro Rei, ela é
Princesa e vai mandar.

MENINA: Eu?

BOBO: É.

MENINA: Eu não quero!

MENINO: É isso! Acho que não
precisamos de Rei!

BOBO: Você tem razão...

MENINO: Podemos escolher qualquer
um. O melhor, para fazer o que for
bom para todos.

REI: Bobagens!

BOBO: Não é bobagem, não. É isso aí.
Viva!

TODOS: Viva!

SOLDADO: O que eu faço com eles?

MESTRE: Prenda! Para mais tarde serem julgados. (O Soldado sai levando o Rei e o Ministro)

MENINO: E a minha mãe? Preciso dos remédios para ela.

BOBO: Acalme-se. Nesse palácio tem tudo o que ela precisa.

MENINA: E agora?

BOBO: Não precisa continuar. Eu mesmo posso terminar.

TODOS: Então fala!

BOBO: Aqui termina a história,
Que ao reino dará muita glória.
Haverá felicidade,
Pois descobrimos a verdade.
O mestre a suas pulgas vai voltar,
E o menino com a menina vai casar.
Mas este bobo, tão esperto,
Deixa um problema em aberto:
O falso Rei terá julgamento,
Logo após o casamento,
E vocês pensem no resultado,
Porque eu, cá, ficarei bem calado.

FIM

15 a 18 anos

(e para amadores adultos)

Os Dois Tímidos

Eugène Labiche - Trad: Osmar Cruz

Uma Consulta

Artur Azevedo

OS DOIS TÍMIDOS

Comédia em 1 ato

de Eugène Labiche - Trad: Osmar Cruz

PERSONAGENS:

TIBÉRIO FLORES
JÚLIO CORDEIRO, bacharel em direito
ANATÓLIO LOBO
CECÍLIA, filha de Tibério
ANA, criada

Interior da França - 1880

CENÁRIO:

Sala elegantemente mobiliada - Porta ao F, que dá para um jardim - Portas laterais - Vasos para flores sobre uma lareira - Jardineira, espelho, guarda-louça, relógio de parede, cadeiras e poltronas - Tinteiro, papel e canetas sobre uma mesa.

ATO ÚNICO

CENA I

ANA, depois CECÍLIA

ANA(Entrando de cafeteira na mão, dirige-se a uma das portas laterais): Senhor Lobo, aqui tem água quente. (Abre-se a porta, que se fecha imediatamente depois de ver-se um braço levar a cafeteira. Ana desce.) Muito presumido é o futuro noivo da pequena. Todas as manhãs leva hora e meia a vestir-se... As unhas é que lhe tomam mais tempo... É curioso vê-lo a limpá-las, raspá-las, cortá-las e limá-las!... Para as tratar, anda sempre munido de muitos instrumentos pequeninos... Naturalmente foram as unhas que encantaram meu amo... Na verdade, ele deixa-se encantar por

tudo e por todos... Parece impossível que um homem daquela idade seja mais tímido do que uma criança!... Não é capaz de dizer a ninguém que não!... A pequena já não sai ao pai!... Faz tudo que lhe apetece!... (Ouve-se Cecília cantar) Aí vem ela do jardim com o seu cestinho de flores.

CECÍLIA (Entrando): Ana, dá-me depressa os vasos que estão na lareira.

ANA: Pronto. (Ambas dispõem as flores nos vasos, que Ana coloca na floreira) Não sabe, menina, ele está se levantando... Agora mesmo lhe levei a água quente.

CECÍLIA: A quem?

ANA: Ao senhor Anatólio Lobo.

CECÍLIA: Se não tens outra novidade a dar-me... Essa não me interessa!

ANA: Ainda não reparou nas unhas dele?

CECÍLIA: Não...

ANA: O quê? Ainda não reparou? Olhe... São quase tão compridas como os dedos da minha mão...
Anteontem, ao abrir uma janela, partiu uma...

CECÍLIA (Ironicamente): Que grande desastre!

ANA: Bem sei que torna a crescer... Mas o seu futuro noivo pareceu-me muito contrariado... E desde esse dia chama-me sempre para lhe abrir a janela.

CECÍLIA: Já te pedi que não me falasses constantemente no senhor Lobo... E tu a insistires! Enfastia-me... Irrita-me... Aborrece-me...

ANA (Admirada): Aborrece o seu noivo?

CECÍLIA: O meu noivo!... O casamento ainda não se fez! Onde está o papai? (Leva um vaso com flores para a lareira)

ANA: O senhor Tibério está no escritório há muito tempo com um sujeito que veio de Paris.

CECÍLIA (Vivamente): De Paris. Um galante rapaz... Um jovem advogado?... Louro... de olhos azuis... Corado... De bigode pequeno...

ANA: Este tem os cabelos castanhos... É trigueiro... E usa umas barbas bicudas.

CECÍLIA: Não é o mesmo...

ANA: Creio ser caixeiro viajante que traz amostras de vinhos. O patrão não queria recebê-lo... Mas, como tudo o encanta, logo que lhe luziram as garrafas de vidro mandou-o entrar...

CECÍLIA: O papai devia dizer-lhe que não estava para o aturar...

ANA: Não sabe que ele tem tanto de tímido como de cabelos brancos...

CECÍLIA: Tens razão.

CENA II

Os mesmos e **TIBÉRIO**

TIBÉRIO (Entrando, cumprimenta e fala para fora da cena): Oh! senhor, é a mim que compete agradecer... Estou realmente encantado... (Descendo e mostrando duas pequenas garrafas de amostra) Não precisava... Mas encomendei quatro dúzias de garrafas das maiores...

CECÍLIA: Comprou vinho?

ANA: Com a adega cheia!

TIBÉRIO: Era descortez dizer que não... A um cavalheiro bem posto, que veio de Paris de propósito para oferecer a sua fazenda!... Porque, enfim, este homem incomodou-se...

CECÍLIA: Para vir incomodar o papai...

ANA (Ao F.): E o vinho é bom?

TIBÉRIO: Ele garantiu-me ser bom, velho e macio. Queres provar?

ANA (Indo até o guarda-louça buscar um copo): Vamos lá ver... (Bebe um gole e faz uma careta) Brrr.

TIBÉRIO: Logo vi que não era grande especialidade. Atrevi-me até a dizer-lhe... Com a máxima delicadeza... "O seu vinho... velho e macio... parece-me um tanto novo e áspero!" Mas para não o desgostar, como já disse, encomendei-lhe quatro dúzias de garrafas e das maiores.

ANA (Pegando nas amostras): É bom para vinagre.

CECÍLIA: E logo quatro dúzias... Tão cedo não lhe damos fim.

TIBÉRIO: Tanto melhor. O vinho é novo... Se durar muito tem ocasião de envelhecer... É áspero... E quer ser macio. Pois bem. O tempo tudo

amacia... E demos tempo ao tempo... E vamos matando o tempo e matando o bicho...

CECÍLIA: Antes que o tempo ou algum bicho nos mate... (Ouve-se um tocar de timbre.)

ANA: É o senhor Lobo que toca para eu lhe ir abrir a janela. (Sai)

CENA III

TIBÉRIO, CECÍLIA depois ANA

TIBÉRIO: O Lobo ainda não se levantou?

CECÍLIA: Ainda não. Só está visível entre as dez e as onze... É o costume...

TIBÉRIO: Não admira. Todas as noites, logo que o vendedor me traz as novidades, agarra no jornal, leva-o para o quarto e lê para adormecer. Estou desconfiado de que chega a decorar os artigos para os impingir em ocasião oportuna.

CECÍLIA: E o papai não lê o jornal?

TIBÉRIO: Leio-o no dia seguinte. As novidades são sempre novidades...

CECÍLIA: Ter novidades retardadas... Há de concordar que é um gosto muito desengaçado...

TIBÉRIO: Confesso-te que não gosto muito da graça. Se pudesses dizer-lhe qualquer coisa... Dar-lhe a entender que não deve privar-me de novidades frescas... Mas... sem que vás aquecer o gênio ao Lobo e sem que ele suspeite de que notei o seu procedimento...

CECÍLIA: Esteja descansado. Dir-lhe-ei o que me pede.

TIBÉRIO: Palavra? Tens coragem!

CECÍLIA (Resolutamente): E por que não? O Lobo não me mete medo!...

TIBÉRIO: Admiro o teu desembaraço. Tens dezoito anos, és do sexo fraco e és mais corajosa do que eu, que sou

velho e do sexo forte. A presença de um estranho em minha casa perturba-me... Aniquila-me...

CECÍLIA: Pobre papai.

TIBÉRIO: Mas espero em Deus que isto acabará breve

CECÍLIA: Como?

TIBÉRIO: Sim, todos este pedidos, estas apresentações... Fazem-me doente! Que queres! Tenho passado toda a vida no arquivo da minha repartição, em companhia de papéis velhos, falando com os meus botões, e quase sem ver viva alma. Não estou, por isso, habituado a conversar com pessoas que não conheço. Serei talvez um bicho de mato, mas... nem que me matem... Hei de sempre ser assim.

CECÍLIA: Mas o papai não conhece muito de perto o senhor Lobo?

TIBÉRIO: Muito de perto não... Foi-me recomendado pelo meu tabelião, o dr. Pancada, que conheço muito de longe, a ponto de não o reconhecer se torno a ver. O Lobo apresentou-se sem cerimônia. Falamos durante duas horas... sem que eu tivesse o trabalho de abrir a boca. Era ele quem fazia as perguntas e dava as respostas... E isso pôs-me imediatamente à vontade. Perguntou-me assim: "Bom dia, senhor Tibério Flores, está bem como parece?" E logo continuou: "Vejo-o bem disposto, e eu também estou bom, muito obrigado. O dr. Pancada falou por nós. Tanto melhor. É grande a minha alegria. Creia, sr. Flores, que muito me encanta vir ao seu jardim colher uma flor mimosa, que assim deve ser sua filha. Antevejo na pequena Cecília cabelos e olhos negros como as cerejas pretas, lábios purpurinos como as

melancias , maçãs do rosto vermelhas como as romãs, cútis alva como a sua pêra e dentes brancos como o seu melão, quero dizer: como a sua cabeça. Há de ser doce qual banana madura... Deve ser fresca que nem uma alface e estar mesmo a dizer boas!... Agrada-me extremamente ter saído de Paris para entrar no seio de sua família. Hein! O senhor não diz nada? Percebo. Está decidido. Concede-me a mão de sua filha. A seus pés deponho o meu agradecimento". Enfim, o homem parecia uma máquina, um relógio com toda a corda. O Pancada tinha-lhe arranjado a mola.

CECÍLIA: E afinal de contas?...

TIBÉRIO: Conta com a tua mão. Como acabas de ouvir, disse que lhe concedi. Depois, há quinze dias, aqui se instala, e dentro de outros quinze dias serás a esposa de Anatólio Lobo.

CECÍLIA: Quinze dias?!

TIBÉRIO: Pelo menos ele assim resolveu. Para aí não meto prego nem estopa...

CECÍLIA: Mas papai...

TIBÉRIO: O que é?

CECÍLIA: E agrada-lhe muito o senhor Lobo?

TIBÉRIO: É um rapaz encantador... com um dom de palavra de primeiríssima ordem...

CECÍLIA: É viúvo!... Não quero casar com um viúvo!...

TIBÉRIO: Mas...

CECÍLIA: Mas se, por acaso, se apresentasse outro pretendente?

TIBÉRIO: Outro pretendente! Novos pedidos... Novas entrevistas? Voltar ao princípio quando já chegamos ao fim?! Tudo, tudo menos isso! Perder o que está ganho era para

me fazer perder a paciência!... Ter de conversar com outro estranho, nunca! (Vai sentar-se perto da mesa.)

CECÍLIA: A pessoa de quem falo não é um estranho. É o senhor Júlio Cordeiro, advogado.

TIBÉRIO: De mais a mais! Não estou à altura de falar com um advogado, nem um advogado desce a falar com um simples arquivista.

CECÍLIA: É o sobrinho da minha madrinha!

TIBÉRIO: O sobrinho! O sobrinho! Nunca o vi nem o ouvi!

CECÍLIA: Parece que minha madrinha escreveu ao papai...

TIBÉRIO: Há três meses... Antes da aparição do Lobo... Mas não passava de um projeto no ar... E visto que o sobrinho não apareceu... é que não tornou a pensar em ti!

CECÍLIA: Tenho a certeza de que ainda não deixou de pensar em mim...

TIBÉRIO: Tens a certeza? Ora vamos... Fala-me francamente... Contigo não me importa falar. O que se passou?

CECÍLIA (Sentando-se-lhe nos joelhos): Nada! Ele nem sequer me falou...

TIBÉRIO: Muito bem! É cá dos meus. Não é de conversas com estranhos...

CECÍLIA: No dia daquele grande jantar que a titia deu para festejar o seu aniversário, e que o papai não quis assistir...

TIBÉRIO: Não gosto de reuniões... Vê-se muita gente...

CECÍLIA (Continuando): Eu estava à mesa, perto do senhor Cordeiro... Ele corava... Não sabia o que fazia...

TIBÉRIO: Sei disso por experiência própria.

CECÍLIA: Começou por partir um copo...

TIBÉRIO: Mau começo para uma declaração amorosa...

CECÍLIA: Depois... quando lhe pedi água... deu-me sal...

TIBÉRIO: Talvez seja surdo.

CECÍLIA: Não é, papai. Não é surdo. Estava perturbado. Não resta dúvida.

TIBÉRIO: E daí?

CECÍLIA: E daí... Já se vê que para um rapaz que é advogado... que fala em público... estar perturbado a tal ponto... (Baixando os olhos) é preciso haver uma razão...

TIBÉRIO: E essa razão... é que te ama?

CECÍLIA (Levantando-se): E se assim acontecesse?

TIBÉRIO (Levantando-se) Se assim acontecesse... já teria vindo... Não veio, não te ama. E ainda bem. O pé em que as coisas estão com o Lobo... a respeito da tua mão... não pode admitir o Cordeiro...

ANA (Entrando): Meu senhor, uma carta que veio pelo correio. (Sai.)

CECÍLIA (Vivamente): É a letra da minha madrinha.

TIBÉRIO: Vejamos. Não percas a cabeça. Será outro convite?!... Isto é insuportável! (Lendo) "Senhor Tibério Flores. Permita-me que lhe apresente meu sobrinho Júlio Cordeiro, de quem lhe falei há meses. Ama a nossa querida Cecília..."

CECÍLIA (Com alegria): Não lhe disse que tinha a certeza...

TIBÉRIO: Por esta é que eu não esperava! Temos complicações! (Continuando a leitura) "Os seus sonhos dourados são obter a mão de sua filha. Era meu dever acompanhá-lo hoje para tratar deste importante assunto, mas estou com uma indisposição. Ele apresentar-se-á sozinho."

CECÍLIA: Vamos vê-lo... Que felicidade!

TIBÉRIO: Não estou em casa para ninguém!

CECÍLIA: Papai!

TIBÉRIO: É impossível atender o Cordeiro... Dei a minha palavra ao Lobo... E que queres que eu faça entre dois pretendentes?!

CECÍLIA: Prefira o Cordeiro... e despeça o Lobo...

TIBÉRIO: Eu?! Não pode ser. Na luta entre ambos... seria contrariar as leis da natureza... se o Cordeiro vencesse o Lobo (Vendo Lobo que sai do quarto) Caluda! Aí vem ele!

CENA IV

Os mesmos, **LOBO** e **ANA**

LOBO (Entrando): Bom dia, querido sogro...

TIBÉRIO (Cumprimentando): Senhor Lobo...

LOBO (Cumprimentando Cecília): Minha encantadora noiva... está hoje muito bela... muito apetitosa...

CECÍLIA: Muito obrigada. Acha-me muito apetitosa?!... É que não tem fastio...

TIBÉRIO: Amigo Lobo... Dormiu bem?

LOBO: Perfeitamente. (A Cecília): Levantei-me talvez um pouco tarde?

CECÍLIA: Nem por isso...

TIBÉRIO: É que o senhor não gosta do campo: de respirar o ar puro e livre da madrugada... (Vivamente) Isto não é uma censura...

LOBO: Eu? Assistir ao despertar da natureza... Não conheço quadro mais belo! As flores abrem seus cálices, as vergôntes curvam-se para prestar homenagem ao sol nascente... (Examina as unhas) A borboleta enxuga as asas, ainda úmidas, dos beijos da noite... (Tira um pequeno instrumento da algibeira e lima as unhas.)

TIBÉRIO (À parte, sentando-se): É muito presunçoso!...

LOBO (Continuando a tratar das unhas): A abelha diligente começa as suas visitas à rosa, enquanto a toutinegra...

CECÍLIA (À parte): É maçador! (Bruscamente, a Lobo) Que novidade traz o jornal?

LOBO: O jornal?!

CECÍLIA: Ontem à noite o senhor o levou para seu quarto... e meu pai não pôde ler...

TIBÉRIO (À parte, levantando-se): Invejo o desprendimento de minha filha!...

LOBO: Mil perdões, senhor Tibério, foi por esquecimento.

TIBÉRIO: Não faz mal...

LOBO (Tirando o jornal da algibeira): Nem sequer o li.

TIBÉRIO: Não leu? Então, guarde-o, senhor Lobo.

LOBO (Insistindo em entregar-lhe): Tenha a bondade...

TIBÉRIO (Recusando): Por quem é...

LOBO (Tornando a metê-lo na algibeira) Já que tanto insiste... (Vai arranjar a gravata no espelho.)

TIBÉRIO (À parte): E não vi a cotação dos fundos públicos que tanto me interessava...

ANA (Entrando): Senhor...

TIBÉRIO: O que é?

ANA: É o bilhete de visita de um sujeito que o procura... (Entrega o cartão a Tibério.)

CECÍLIA (Aproximando-se vivamente do pai): Um sujeito?... (Depois de olhar repentinamente para o cartão) É ele! É Júlio Cordeiro!

TIBÉRIO (Baixo): Oh! Com seiscentos diabos!... E diante dos outros?... Que fazer?

CECÍLIA (Baixo): O pai não pode negar-se ao sobrinho da madrinha! (Alto, a Ana) Manda entrar. (Ana sai.)

LOBO: Uma visita?!... Veja lá, meu sogro,

não se esqueça de que temos de falar sobre o casamento.

TIBÉRIO: Não me esqueço... Ora essa, meu caro Lobo! (Baixo, a Cecília) Ao menos, acompanha-o.

CECÍLIA: Quer vir comigo, senhor Lobo?

LOBO: Da melhor vontade. Aonde vamos?

CECÍLIA: Regar as minhas flores.

LOBO (Friamente): O sol está tão quente...

CECÍLIA: Mais uma razão... Não quero que morram de secura. Vamos; venha.

LOBO: Com todo o gosto.

CECÍLIA (À parte, saindo com Lobo): Decididamente, este homem agarrou-nos com unhas e dentes...

CENA V

TIBÉRIO e **ANA**

TIBÉRIO (Só): Meu Deus! Meu Deus! Meu Deus! Que situação! Um pretendente aceito... Instalado... E um outro!... Também um advogado... Deve ter uma língua de prata... Ou de ouro!... Vai-me confundir com a sua língua!.. Conheço-me bem. Sou capaz de lhe dizer: "Sim" como ao outro!... E serão dois!

ANA (Anunciando): O senhor Cordeiro! (Sai.)

TIBÉRIO (Assustado): Ele! Que dizer-lhe?! (Mirando-se e servindo-se de um pretexto) Vou-me vestir convenientemente. (Sai apressado. Cordeiro aparece.)

CENA VI

CORDEIRO (Só) (Entra timidamente, muito

perturbado e cumprimentando baixinho); Meu senhor... Minha senhora... Tenho a honra... (Olhando em volta); É boa! Ninguém! Tanto melhor! O que mais receava era encontrar alguém... Assusta-me a idéia de me encontrar em presença do pai da pequena... Desde aquele jantar em que parti um copo... tenho vindo todos os dias a esta cidade a fim de pedir a mão dela... Chego no trem do meio-dia... Não ousei entrar e torno a partir passando duas horas. Se isto continuasse, tinha de tomar uma assinatura do trem de ferro... Mas hoje... tive coragem e bati à porta. E minha tia, que não me pôde acompanhar!... Vejo-me forçado a ser eu próprio... Sozinho... que ... (Assustado) Mas como há de ser isto? Será possível dizer-se a um pai: "Senhor, tenha a bondade de me dar sua filha para levar para a minha casa, e..." (Revoltando-se) Não! Estas coisas não se podem dizer assim! E nunca me atreverei... (De repente) Se fosse embora!... Não me viram!... Vou-me!... Voltarei amanhã... ao meio-dia. (Sobe e encontra-se junto da porta com Cecília.)

CENA VII

CECÍLIA e CORDEIRO

CORDEIRO (Defendo-se): Já é tarde!

CECÍLIA (Fingindo surpresa): Se não me engano... é o senhor Dr. Júlio Cordeiro...

CORDEIRO (Perturbado): Sim, meu senhor...

CECÍLIA: Hein?

CORDEIRO (Emendando): Sim, senhorita...

CECÍLIA: A que feliz acaso devemos a honra de sua visita?

CORDEIRO: É, de fato foi um acaso... Passava ... Procurava o escrivão de fazenda...

CECÍLIA: Ah!

CORDEIRO: Tenho de falar com o escrivão de fazenda... Vi uma porta... bati... Mas vejo que me enganei... (Cumprimentando) Minha senhora, tenho a honra de...

CECÍLIA: Mas espere um pouco... Meu pai há de estimar poder vê-lo.

CORDEIRO: Não o incomode... Retiro-me...

CECÍLIA: De maneira nenhuma!... Queira sentar-se.

CORDEIRO (Topando numa cadeira): Com o máximo prazer... Mas não estou cansado... (Tira as luvas e torna a calçá-las vivamente.)

CECÍLIA (À parte): Pobre rapaz! Como está perturbado!

CORDEIRO (À parte): Como ela é bonita!

CECÍLIA (Vendo entrar Tibério): Meu pai!

CORDEIRO: Meu Deus!

CENA VIII

CECÍLIA, CORDEIRO e TIBÉRIO

(Tibério entra, muito perturbado. Vem vestido de preto.)

CECÍLIA: Papai, o senhor Dr. Júlio Cordeiro... (Tibério e Cordeiro conservam-se em duas extremidades da cena, não ousando levantar-se os olhos um para o outro.)

TIBÉRIO (À parte): Coragem... Assim é preciso... (Cumprimentando Júlio de longe) Meu caro senhor... estimo muito... certamente...

CORDEIRO (Balbuciando): Eu, meu caro senhor, é que... certamente...

TIBÉRIO (À parte): Tem um

aspecto imponente.

CORDEIRO (À parte): Teria feito melhor se me tivesse ido embora!...

CECÍLIA: Sem dúvida têm que falar... E deixo-os.

TIBÉRIO e **CORDEIRO** (Querendo detê-la): Como!

CECÍLIA: Preciso preparar a sobremesa. (A Cordeiro) Sente-se... (A Tibério) E o papai também... (Ambos sentam-se. Baixo, a Cordeiro) Coragem! (Sai.)

CENA IX

TIBÉRIO e **CORDEIRO** estão sentados em frente um do outro e muito embaraçados.

TIBÉRIO (À parte): Eis-nos sós... Tem cara de quem há de ser muito atrevido...

CORDEIRO (À parte): Nunca me senti tão contrariado. (Inclinando-se) Meu caro senhor...

TIBÉRIO: Meu caro senhor... (À parte) Vai-me pedir a mão de Cecília.

CORDEIRO: V. Ex^ª. recebeu sem dúvida uma carta de minha tia.

TIBÉRIO: Recebi. E como está ela?

CORDEIRO: Perfeitamente.

TIBÉRIO: Estimo, estimo.

CORDEIRO: Salvo o reumatismo, que há oito dias não a deixa...

TIBÉRIO: Estimo, estimo... que não seja nada de grave!

CORDEIRO: Mas espero que o bom tempo... O sol...

TIBÉRIO (Vivamente): O meu barômetro sobe!

CORDEIRO: O meu também... Tem graça! Dois barômetros que sobem ao mesmo tempo.

TIBÉRIO: É mau para as minhas roseiras, que vão secar.

CORDEIRO: O senhor Tibério Flores é

amador de flores?...

TIBÉRIO: Apaixonado pelo reino vegetal...

CORDEIRO: Eu também!

TIBÉRIO: Muito me alegro. (À parte) Até aqui, vamos muito bem.

CORDEIRO (À parte): Tem cara de muito boa pessoa... Se eu experimentasse. (Alto, comovido, levantando-se) Na sua carta minha tia... dignava-se... anunciar-lhe a minha visita...

TIBÉRIO (À parte, levantando-se): Agora é que são elas! (Alto) Com efeito... Com efeito... Ela, porém, não me indicava precisamente... o fim...

CORDEIRO: Ela não lhe disse?

TIBÉRIO: Não. Não me deu bem a entender...

CORDEIRO (À parte): Meu Deus!... Mas, nesse caso, é ainda mais difícil... (Alto, com esforço) Senhor... É a tremer...

TIBÉRIO (Fugindo ao assunto): Que sol! Repare neste sol!... Vai queimar tudo!...

CORDEIRO: Costumo tapar com esteiras... (Prosseguindo): É a tremer que venho solicitar o favor de...

TIBÉRIO (Como acima): Quer refrescar-se?

CORDEIRO: Obrigado! Não tomo nada entre as refeições.

TIBÉRIO: Eu também não... Uma vez, tinha muito calor... Apeteceu-me um copo de cerveja... E fez-me mal...

CORDEIRO: Estimo...Estimo... Venho solicitar o favor ...

TIBÉRIO (Fazendo-se desentendido): O senhor cultivava roseiras!

CORDEIRO: Cultivo, sim senhor.

(Continuando) Senhor, é a tremer...

TIBÉRIO (Oferecendo-lhe um cigarro) É servido?

CORDEIRO: Não tomo nada entre as refeições!... (Continuando) É a

tremer que venho solicitar... o favor... de obter...

TIBÉRIO: O quê?

CORDEIRO (Perturbado): De obter... De obter...

TIBÉRIO: Então o senhor estaca?

CORDEIRO: Justamente de obter algumas estacas de suas roseiras...

TIBÉRIO (Vivamente): Com o máximo prazer...

CORDEIRO: Mas, meu caro senhor...

TIBÉRIO: Eu próprio corro a buscá-las...

CORDEIRO (À parte): E vai-se... (Alto) Senhor Tibério...

TIBÉRIO: Estou encantadíssimo com a sua pessoa... (À parte) Até que me vejo livre dele... Uff!... (Sai apressado.)

CENA X

CORDEIRO e CECÍLIA

CORDEIRO: Foi-se embora! E não encontrei uma palavra sequer que traduzisse o meu pensamento dominante!... Sou um bruto, um imbecil, um asno, um cretino!...

CECÍLIA (Entrando alegremente): Então, senhor Júlio?

CORDEIRO: Ela!

CECÍLIA: Falou com o meu pai?

CORDEIRO: Sim, senhorita!

CECÍLIA: E... ficou contente com a entrevista?

CORDEIRO: Fiquei encantadíssimo!... E a prova é que seu papai foi buscar-me o que lhe pedia.

CECÍLIA (Com ingenuidade): Buscar-me?

CORDEIRO: A menina, não... As estacas de roseiras...

CECÍLIA (Admirada): Estacas?

CORDEIRO: Sim, menina, durante um quarto de hora - custa crer - só falamos em roseiras. Queria pedir a sua mão, mas... Estaquei... e pedi... estacas...

CECÍLIA: E por quê?

CORDEIRO: Porque estou atacado de uma deplorável enfermidade... Sou tímido!...

CECÍLIA: Também o senhor?

CORDEIRO: Mas tímido até ao idiotismo, até à imbecilidade! Era mais fácil matarem-me do que conseguirem que eu dissesse alto o que há três meses venho dizendo baixo... Isto é, que a amo, que a adoro, que a senhorita é um anjo!

CECÍLIA: Mas parece-me que o senhor agora disse-o muito bem

CORDEIRO (Admirado de sua audácia): Disse-o!... Perdão! Não esperava... Escapou-me... Não o tornarei a dizer... Nunca mais... Juro-lhe!...

CECÍLIA (Vivamente): Não jure!... Não lhe peço juramento!... Tímido... Um advogado!... A timidez deve prejudicá-lo na advocacia...

CORDEIRO: Só advoguei uma vez... E não tornarei mais...

CECÍLIA: O que lhe aconteceu?

CORDEIRO: Minha tia procurou-me um cliente... Porque Deus é testemunha de que não fui eu quem o procurou. Era um homem violento... Tinha batido com um cacete nas costas da mulher...

CECÍLIA: E o senhor defendia-o?

CORDEIRO: Vai ver se o defendi!... Chegou o dia do julgamento e todos os meus colegas estavam na Boa Hora. Tinha preparado um discurso brilhante. Sabia-o de cor. De repente, nota-se um profundo silêncio... E o juiz diz-me, em tom amável: "Tem a palavra o senhor defensor!" Levanto-me. Quero falar... Impossível! Nada, nem uma palavra! Nem uma sílaba! O auditório olhava-me; o juiz repetia-me: "Tem a palavra..." E era precisamente a palavra que me faltava! O meu cliente gritava:

CENA XI

“Então, senhor...” Enfim, faço um esforço!... Alguns sons articulares saem da minha garganta: “ Peço para o acusado todo o rigor da lei!” ... E deixo-me cair na cadeira!

CECÍLIA: E o cliente?

CORDEIRO: Foi condenado a seis meses de prisão, custas e selos do processo.

CECÍLIA: Foi bem feito!...

CORDEIRO: A pena foi inferior ao que ele me fez sofrer! Também não quis receber honorários... Verdade é que o meu cliente se esqueceu de me oferecer. E agora que a senhora me conhece... Veja se posso dirigir-me a seu pai pedindo-a em casamento...

CECÍLIA: Eu é que não posso pedir-lhe a minha mão para a dar ao senhor.

CORDEIRO (Ingenuamente): Decerto... Não há remédio senão esperar que a tia melhore!

CECÍLIA (Vivamente): Esperar! Mas o senhor não sabe que existe outro pretendente?!

CORDEIRO (Estremecendo): Outro?

CECÍLIA: Instalado aqui... Recolhido por meu pai...

CORDEIRO: Meu Deus, um rival!

CECÍLIA: Eu, porém, não o amo: e, se me forcarem a desposá-lo, morrerei certamente de dor.

CORDEIRO: Morrer, a senhorita? (Com resolução) Onde está seu papai? Que apareça sem perda de tempo!

CECÍLIA: O senhor falará?

CORDEIRO: Sim, falarei.

CECÍLIA: Veja lá.

CORDEIRO: Creia. Mande-o falar comigo e verá depois...

CECÍLIA: Vou procurá-lo!... Coragem! Coragem!... (Sai)

CORDEIRO (Só): Sim, falarei!... Falarei, não!... Há outro meio mais... Melhor... Vou escrever!... A minha pena é arrojada. (Sentando-se à mesa) Esta carta é o meu salvamento!... (Escreve rapidamente, falando sempre) Não cora... Nem treme... e eu posso começar para aí a partir copos!... (Dobra e escreve a direção) “Exmo. Sr. Tibério Flores”. (Pondo um selo, por costume) Agora o selo... Não lhe falta mais nada.

TIBÉRIO (Fora): Aqui as tem. Acabei de cortá-las.

CORDEIRO (Comovido): Ele, já! (Mostrando a carta) Não posso entregar-lhe em mão!... Ah! O relógio!... (Põe vivamente a carta no relógio e afasta-se.)

CENA XII

CORDEIRO e TIBÉRIO

TIBÉRIO (Entrando): Meu caro senhor... aqui tem as estacas

CORDEIRO (Perturbado): Obrigado (À parte) Não viu a filha! (Indicando) No relógio!.. No relógio!...

TIBÉRIO (Intrigado): No relógio!?...

CORDEIRO: Está uma carta. Voltarei a buscar a resposta! (Sai apressado.)

CENA XIII

CECÍLIA e TIBÉRIO

TIBÉRIO (Só): No relógio?!... Uma carta?... (Vai buscá-la.)

CECÍLIA (Entrando): Tenho-o procurado por toda a parte (Olhando,

admirada) O senhor Cordeiro onde está?

TIBÉRIO: Saiu há bocado, mas deixou uma carta no relógio...

CECÍLIA: Como?

TIBÉRIO (Vendo a direção): É para mim! E pôs selo!...

CECÍLIA (Impaciente): Vejamos, papai, vejamos depressa!...

TIBÉRIO (Lendo): "Exmo. Sr., Amo sua filha!... Não, não amo!..."

CECÍLIA: Hein?

TIBÉRIO (Continuando): "Adoro-a!"

CECÍLIA: Ah!

TIBÉRIO: Afasta-te; não deves ouvir estas coisas...

CECÍLIA: Já as sabia.

TIBÉRIO: Então, não te afastes. (Continuando a leitura) "Adoro-a"!
(Interrompendo-a) Mas como as soubeste?

CECÍLIA: Foi ele quem as disse.

TIBÉRIO: Eu faria o mesmo!
(Reconsiderando) Mas foi muito inconveniente.

CECÍLIA: O resto... O resto...

TIBÉRIO: Já acabo o resto. (Lendo) " De V. Ex^a. só tenho duas coisas a esperar: ou a mão de sua filha ou um lugar em um convento."

CECÍLIA: Então, papai!

TIBÉRIO: Pois bem. Visto que ele me concede a escolha, ofereço-lhe um lugar num convento.

CECÍLIA: Papaizinho...

TIBÉRIO: Não procure enternecer-me!

CECÍLIA: O papai que me ama tanto...

TIBÉRIO: Não, menina, não te amo tanto como pensas ou como dizes...

CECÍLIA (Acariciando-o): Bem sei. Já não gosta de mim, não quer minha felicidade, não atende as minhas súplicas, não ouve o meu coração, só deseja a minha desgraça, só tenho direito ao seu ódio, em paga do amor que lhe tributo.

TIBÉRIO (À parte): Como é carinhosa!

(Abraça-a) Mas que queres que diga ao Lobo?

CECÍLIA: Sim... compreendo... A sua timidez!

TEBÉRIO: A minha timidez! Não sou tímido!

CECÍLIA: Oxalá não o fosse!

TIBÉRIO: Um homem é para outro homem...

CECÍLIA: Certamente.

TIBÉRIO: Não tenho medo do Lobo! Dir-lhe-ei... sem me incomodar... que...que... (A Cecília) Que diabo hei de dizer-lhe?

CECÍLIA: Vê... Aí está o empecilho... Falar! (Vivamente) Faça como o senhor Cordeiro...

TIBÉRIO: O quê?

CECÍLIA: Não fale... Escreva!

TIBÉRIO (Satisfeito): Escrever... Tens razão... Vou escrever já!

CECÍLIA (Fazendo-o sentar-se à mesa): Depressa, depressa... Não há tempo a perder.

TIBÉRIO (Sentando-se e pegando uma caneta): Vais ver. (Escrevendo) Exmo. Sr. (A Cecília) Depois? Que porias na carta?

CECÍLIA (Ditando): "O seu pedido de casamento lisonjeia-me..."

TIBÉRIO (Escrevendo): "E honra-me". (Falando) Adoçemos a pílula!

CECÍLIA (Ditando): "Mas é-me impossível dar andamento aos seus projetos de casamento com minha filha".

TIBÉRIO (Escrevendo): "Com minha filha". (Falado) Mas isto não basta, é preciso achar uma razão.

CECÍLIA: Tenho uma.

TIBÉRIO: Dize, então.

CECÍLIA (Ditando): "Creia, meu caro senhor, que neste caso só obedeço a considerações muito particulares que não diminuem o respeito com que tenho a honra de me inscrever..."

TIBÉRIO: Chamas a isto uma razão?

CECÍLIA: É uma razão diplomática.

LOBO (Dentro): Leve isto para o meu quarto.
TIBÉRIO: Ele!...
CECÍLIA: Retiro-me.
TIBÉRIO: Vais-te embora?
CECÍLIA: Chame a Ana, e... encarregue-a de entregar a carta.
TIBÉRIO: É uma boa idéia! (À parte) Esta minha filha é forte em expediente!...
CECÍLIA (Beijando-o e saindo): Adeus, papai... Quanto lhe quero...

CENA XIV

TIBÉRIO e LOBO

TIBÉRIO (Só): Querida filha! (Toca o timbre) Chamemos a Ana.
LOBO (Aparece): Então, meu sogro, o casamento pode realizar-se para a semana?
TIBÉRIO (À parte, levantando-se): Não é a Ana! (Alto) Talvez...
LOBO: É conveniente evitar demoras...
TIBÉRIO: Ah! Sim! (À parte) Se a pateta da Ana tivesse aparecido!... (Alto) Meu genro!... Não, por enquanto, meu caro senhor. Escrevi uma carta... Uma carta importante...
LOBO (Sem entender): Que grande nova... E nem uma palavra a respeito de minha noiva.
TIBÉRIO: Que temos?
LOBO: Acaba de chegar o presente.
TIBÉRIO: Qual presente?
LOBO: O presente para a minha futura.
TIBÉRIO: O Sr. já comprou?... (À parte, com desprezo) Já comprou o presente de núpcias!...
LOBO (Limando as unhas com um pequeno instrumento): Há de vê-lo!... Creio que não é mau!... Duas pulseiras de ouro, com brilhantes... (Consigno próprio) que me fizeram partir uma unha...

TIBÉRIO: A carta que acabei de escrever...
LOBO: Também pensei no meu sogro...
TIBÉRIO: Em mim...
LOBO (Tirando da algibeira uma caixa de tabaco, de ouro): Uma lembrança... Uma tabaqueira... de ouro...
TIBÉRIO: Oh senhor!... Não, meu genro, tenha a bondade...
LOBO: Não me agradeça. Tenha a certeza de que o estimo muito.
TIBÉRIO: E eu também. (À parte) Um homem que oferece tabaqueira de ouro!... É impossível...
LOBO (Olhando para a mão, à parte): Maldita unha! (A Tibério) Vou ao meu quarto e daqui a cinco minutos estou de volta para conversarmos (Entra no quarto).

CENA XV

TIBÉRIO depois CORDEIRO

TIBÉRIO (Só): Realmente não havia meio de o desdizer! Já comprou o presente de noivado! Vou rasgar a carta!... E o outro? O Cordeiro... que não tarda a buscar a resposta... Que empecilho!... Espera... O sobrescrito não tem nome!... (Indo à mesa) Vou pô-lhe o do Cordeiro... Minha filha não pode casar com dois!... E... Visto que o outro já comprou o presente de núpcias... (Ri) "Exmo. Sr. Dr. Júlio Cordeiro, digno advogado em Paris". Ponhamos um selo. (Levantando-se) E agora... para o relógio!... (Coloca a carta no relógio)
CORDEIRO (Entrando): Perdão, meu caro Sr., sou eu...
TIBÉRIO: No relógio!... No relógio!... (Sai.)

CENA XVI

CORDEIRO e CECÍLIA

CORDEIRO (Só): No relógio? (Corre a pegar a carta) Não leria ele? Ah, sim, é a resposta. O relógio é a nossa caixa de correio. Estou comovido! Não ouse abri-la! (Lendo) "Exmo. Sr. O seu pedido de casamento lisonjeia-me e honra-me". (Falando) Como ele é bondoso! (Lendo) "Mas é-me impossível dar andamento aos seus projetos de casamento". (Cai sentado numa cadeira, perto da floreira) Ah, rejeitado!... Estava certo disso!

CECÍLIA (Entrando): O senhor Júlio já viu?

CORDEIRO: Seu pai? Sim, senhora... Eis a resposta! (Dá-lhe a carta.)

CECÍLIA (Vendo-a): Hein? A carta que ditei?!... Mas não é para o senhor!...

CORDEIRO (Mostrando-lhe a direção): "Exmo. Sr. Dr. Júlio Cordeiro, digno advogado em Paris".

CECÍLIA: Foi ele que lhe entregou?

CORDEIRO: Ele próprio! Por meio do relógio!

CECÍLIA (Indignada): É demais! Faltar à sua palavra! Brincar comigo como uma criança!

CORDEIRO (Idem): Sacrificá-la!

CECÍLIA (Com resolução): Não tem dúvida. Eu não sou tímida! Senhor Júlio...

CORDEIRO (Idem): Senhorita?

CECÍLIA: Mande-me buscar uma carruagem.

CORDEIRO: Uma carruagem? Para quê?

CECÍLIA: Sabe-lo-á... Ande! Apresses-se!

CORDEIRO: Imediatamente. (À parte) Que energia! (Sai apressado.)

CENA XVII

CECÍLIA, depois **TIBÉRIO**, depois **ANA**

CECÍLIA: É assim que meu pai cumpre as suas promessas! Veremos qual dos dois vence! Ou ele... ou eu!... (Põe vivamente um chapéu que está na cadeira.)

TIBÉRIO (Entrando): Com que cara ficaria o Cordeiro? (Vendo a filha) Cecília, aonde vais?

CECÍLIA (Descendo e atando as fitas do chapéu): Vou sair... Deixo-o.

TIBÉRIO: Aonde vais?

CECÍLIA: Internar-me num convento.

TIBÉRIO: Num convento?

CECÍLIA: Sim, visto o seu amor paterno não ter a força precisa para libertar sua filha de um pretendente que ela detesta.

TIBÉRIO: É-me impossível! O Lobo já comprou o presente de núpcias! Duas lindas pulseiras de ouro puro com brilhantes... E acaba de me oferecer uma tabaqueria de ouro.

CECÍLIA: E o papai sacrifica sua filha a uma tabaqueria! Adeus, meu pai!

TIBÉRIO: Não, nunca! Não te sacrifico! O Lobo é amabilíssimo, e depois é muito tarde... O consórcio deve realizar-se em breve.

CECÍLIA: Finja-se doente e adie o casamento para as Calendas Gregas... (Tira o chapéu e o chale.)

TIBÉRIO: Doente! Impossível! Acabei de lhe falar há cinco minutos!

CECÍLIA: Que importa! Uma tontura de cabeça... Nada mais fácil... (Chamando) Ana, traze depressa o chambre de meu pai.

TIBÉRIO (Protestando): Não, não quero!

ANA (Trazendo um chambre): Pronto! É coisa de cuidado?

CECÍLIA: Não. Uma tontura de cabeça!
(A Ana) Um copo de água com açúcar. (Dá o chambre a Tibério)
Vista isso, que eu o ajudo.

TIBÉRIO (Vestindo o chambre): Visto o chambre mas protesto contra semelhante comédia...

CECÍLIA: A outra manga!

TIBÉRIO: E previno-te de que não darei nem uma palavra...

CECÍLIA: Está combinado. (Fazendo-o sentar numa poltrona) Sente-se! (A Ana) Uma almofada e um tamborete!

ANA (Trazendo os objetos perdidos): Pronto.

CECÍLIA: Aí vem o Lobo! (Agarra no copo de água com açúcar e trá-lo para perto da poltrona onde está Tibério.)

CENA XVIII

Os mesmos e **LOBO**

LOBO (Entrando): Ó senhor Tibério...
(Vendo-o) Oh! Meu Deus!

CECÍLIA: Meu pai acaba de ser atacado subitamente...

LOBO: De quê?

ANA: De uma tontura de cabeça...

CECÍLIA: Sofre muito. Não é verdade, papai?

TIBÉRIO (À parte, sem responder):
Protesto com o meu silêncio!

LOBO: Pobre Tibério!... Talvez um calmante o aliviasse...

ANA: Talvez...

TIBÉRIO (Vivamente): Isso não.

CECÍLIA (Vivamente): Vai melhor?
(Dando a Tibério o copo de água com açúcar) Beba, meu pai!

TIBÉRIO (À parte): Não tenho sede!
(Bebe.)

LOBO (Mirando a mão): Não convém brincar com a saúde. (Limando a

unha com um pequeno instrumento) A saúde é como a fortuna... Ninguém a aprecia convenientemente senão quando a perde.

ANA (Baixinho, a Cecília, mostrando-lhe Lobo): Que trabalho que as unhas lhe dão...

TIBÉRIO (À parte): Decididamente ficarei sempre assim! Que calor me faz o chambre!...

CECÍLIA (A Lobo): As tonturas de cabeça, em meu pai, são prenúncio de alguns meses de doença, e se os negócios do senhor Lobo o chamassem a Paris...

LOBO: Ora essa!... Deixar o senhor Tibério... doente? Nunca!

TIBÉRIO (À parte): Excelente homem!

LOBO: Afinal esta indisposição não demorará o nosso casamento.

CECÍLIA: Como?

LOBO: A presença do senhor Tibério não é necessária no ato matrimonial... Uma autorização escrita por ele é suficiente...

CECÍLIA: Meu pai tão cedo não poderá escrever...

CENA XIX

Os mesmos e **CORDEIRO**

CORDEIRO (Entrando): A carruagem espera-a!

LOBO: Qual carruagem?

CORDEIRO: Oh! Senhor Anatólio Lobo!

LOBO (À parte): Que maldito encontro!

CORDEIRO: Tem passado bem, desde que...

LOBO (Vivamente): Perfeitamente!

TIBÉRIO: Conhecem-se?

CORDEIRO: Sim, senhor. Tive a honra de defender este cavalheiro. Foi o meu primeiro cliente.

CECÍLIA (A Tibério): Que foi condenado a

seis meses de prisão, custas e selos do processo.

TIBÉRIO (Levantando-se assustado): Heia! (A Lobo) O senhor esteve preso?

LOBO: Uma simples questão... num momento de ira.

CECÍLIA: Este senhor bateu com um cacete na primeira mulher.

ANA (Descendo): Que horror! (Arruma a poltrona e o tamborete).

TIBÉRIO: Então, o senhor!

LOBO: Não era um cacete, era uma bengala.

TIBÉRIO (Abraçando a filha): Minha querida Cecília! (A Lobo) Retire-se, senhor!... Bater numa mulher!... Leve o presente de núpcias e tome lá a tabaqueira!... (Dá-lhe por inadvertência a tabaqueira de osso).

LOBO: Perdão! Não é esta!

TIBÉRIO (Com dignidade, entregando-lhe a outra): Tome-a lá!

LOBO (A Tibério): Sinto-me satisfeito por este pequeno incidente ter-lhe restituído a saúde. (Saindo, a Cordeiro) Imbecil!

CENA XX

CORDEIRO, CECÍLIA e TIBÉRIO

TIBÉRIO: Hein! Que disse ele?

CECÍLIA (Baixo e vivamente, a Cordeiro): Agora pode pedir-me... Calce as luvas.

CORDEIRO: Mas é que...

CECÍLIA: Não tenha medo!... Meu pai é mais tímido que o senhor.

CORDEIRO (Animado): Ah! É tímido? (Calça as luvas)

CECÍLIA (Baixo, a Tibério) Vai pedir-lhe a minha mão! Calce as luvas!

TIBÉRIO: Mas é que...

CECÍLIA: Ele é mais tímido do que o papai...

TIBÉRIO (Animado): Ah! É tímido! (Calça as luvas).

CORDEIRO (Resolutamente): Senhor! Pela segunda vez, peço-lhe a mão de sua filha.

TIBÉRIO: O senhor pede-me num tom...

CORDEIRO: É o tom que me é próprio, senhor.

TIBÉRIO: Pois concedo-lhe, senhor.

CORDEIRO: Concede-me num tom...

TIBÉRIO: É o tom que me é próprio, senhor.

CORDEIRO: Senhor!!!

TIBÉRIO: Senhor!!!

CECÍLIA (Intervindo, à parte): Querem ver que agora é que se lembram de brigar! (Alto) Senhor Júlio, o papai convida-o para jantar.

TIBÉRIO: Com a condição de não me partir os copos! (À parte) Dar-lhe-ei a provar o meu vinho... novo e áspero... impingido por velho e macio!...

CECÍLIA: E de hoje para o futuro que todos lhes chamem os destímidos... e não os dois tímidos.

FIM

UMA CONSULTA

Comédia em um ato

de Arthur Azevedo

PERSONAGENS:

UM DOUTOR
UMA SENHORA

CENÁRIO:

O teatro representa um consultório de advogado.

ATO ÚNICO

CENA I

(Ao se levantar o pano, o doutor está sentado a uma mesa cheia de papéis, examinando com muita atenção uns autos, consultando livros etc. De repente, ouve-se um grande barulho de louça quebrada, barulho que parece vir do teto. O Doutor ergue-se furioso)

O DOUTOR: Isto é insuportável! Não tenho licença de estudar?... Mora cá por cima um médico velho, que tem a mania de louça antiga. É um colecionador! Quer pendurar enormes pratos à parede, tem a vista cansada, e de vez em quando é isto que se vê... Quero dizer: que se ouve! E eu preciso estudar tranqüilamente o meu processo de amanhã. Trata-se do tesoureiro de uma repartição pública, que desfalcou o cofre confiado à sua guarda. O crime está provado, mas é indispensável convencer o júri de que o

homenzinho é puro como uma flor... E de que, longe de ter desfalcado o cofre, pôs lá muitas vezes dinheiro de seu bolsinho... (Novo barulho de louça quebrada). Mas vão lá trabalhar com um vizinho destes! Decididamente, preciso arranjar um interior... Na minha vida falta alguma coisa... Se eu tivesse família, pegava nestes autos e me metia em casa ... Mas o meu isolamento aborrece-me... Estou aqui, estou casado, mas com quem? (Suspira) (Batem à porta) Pior! Entre quem é.

CENA II

O DOUTOR, A SENHORA

(A senhora entra e pára no meio da cena, intimidada).

O DOUTOR: Queira sentar-se, minha

senhora, e dizer o que ordena. (À parte) É bonita!

A SENHORA (Sem sentar-se): Desculpe-me, Dr... Estou surpresa... Supunha encontrar...

O DOUTOR: Esteja à vontade, minha senhora, e tenha toda confiança em mim. Este consultório é um consultório.

A SENHORA: Sim, mas é que eu julgava... (Baixa os olhos).

O DOUTOR (À parte): É linda! (Alto) Aqui tem uma cadeira.

A SENHORA: Estou perturbadíssima... (Senta-se) À vista da sua grande reputação, supus que o Dr. fosse mais velho...

O DOUTOR (De pé): A suposição é lisonjeira para mim.

A SENHORA: Julguei encontrar aqui um homem de cabelos brancos e venerando aspecto... Se o Dr. tivesse sessenta anos, eu com certeza estaria mais senhora de mim...

O DOUTOR: Infelizmente só tenho pouco mais de metade, e os meus cabelos estão pretos. Quanto ao aspecto venerando, pode ser perfeitamente substituído pela intenção honesta de pôr os meus serviços à disposição de V. Ex^ª.

A SENHORA: Devo parecer-lhe ridícula...

O DOUTOR: Oh! minha senhora! (Vai buscar uma cadeira e senta-se).

A SENHORA: O Dr. não é culpado de ser tão moço, e...

O DOUTOR: E...?

A SENHORA: É verdade que, quando me indicaram o seu nome e me fizeram notar a bonita reputação que tem adquirido, não me disseram que o Dr. fosse sexagenário; fui eu que o imaginei assim, como se a velhice fosse um

auxiliar imprescindível da ciência. Peço-lhe que me perdoe não ter sabido dominar minha impressão

O DOUTOR: Mas por amor de Deus, minha senhora! Estou lisonjeadíssimo.

A SENHORA: Um dos meus defeitos é não saber dissimular; a minha fisionomia é um livro aberto.

O DOUTOR: Não é um defeito: é uma qualidade.

A SENHORA: Será, mas às vezes bem perigosa... As impressões e os pensamentos, por mais inocentes que sejam, não devem transparecer nos olhos. Infelizmente não aprendi a dissimular nem mesmo diante de meu marido.

O DOUTOR: É casada?

A SENHORA: Viúva.

O DOUTOR: Tão nova?

A SENHORA: Meu marido era muito... mas muito mais velho que eu. Vendo-me órfã aos 17 anos, ofereceu-me a sua proteção. Era tão bom, tão paternal para mim! Por isso tive um grande desgosto quando o perdi, depois de ano e meio de casados. A minha viuvez foi uma segunda orfandade.

O DOUTOR: Tem um filho?

A SENHORA: Não, senhor... Estou sozinha no mundo, como quando morreu meu pai... Mas nessa ocasião tive a felicidade de encontrar um amigo... E que amigo! Meu marido era todo desvelos e carinhos, para compensar, dizia ele, a penosa existência a que me obrigava a sua idade madura.

O DOUTOR: Naturalmente V. Ex^ª. vivia metida em casa.

A SENHORA: Nunca fui a um baile.

O DOUTOR: Oh!

A SENHORA: Mas vejo, Dr., que lhe

estou fazendo perder tempo.
O DOUTOR: De modo algum, minha senhora, V. Ex^a. vem consultar-me, não é assim? Pois bem, naturalmente compreenderei melhor o motivo da sua consulta desde que estiver ao fato do seu caráter, dos seus hábitos, do seu modo de vida.

A SENHORA: Tem razão, doutor! As contrariedades exercem grande influência sobre a saúde e o espírito. Tudo me aborrece. Sou muito nervosa.

O DOUTOR: Sim?

A SENHORA: Excessivamente nervosa!

O DOUTOR: Deveras? Mas talvez... Continue, minha senhora.

A SENHORA: Disse-lhe que nunca fui a um baile; entretanto, não há nada tão salutar como o exercício... Mas com quem hei de ir aos bailes? Uma viúva moça não tem licença para nada. Suspiro pelos quarenta anos, para não ter que dar tão por miúdo contas à sociedade.

O DOUTOR: Oh! Não diga isso, minha senhora... Aos vinte anos ... Vossa Excelência tem vinte anos?

A SENHORA: Pouco mais ou menos.

O DOUTOR: Pouco menos?

A SENHORA: Pouco mais.

O DOUTOR: É a mesma coisa. Nessa idade a mulher é soberana... Toda a gente a admira... Todos os olhares dizem que é bonita... Todos os lábios repetem... Mas aos quarenta anos a soberana abdica... Os olhares desviam-se dela... Os lábios emudecem quando ela passa... E a pobrezinha o melhor que tem a fazer é ficar em casa rezando ou jogando a bisca em família.

A SENHORA: Não tive tempo de constituir

a minha soberania, e já agora creio que jamais reinarei. Mas, ainda uma vez, Dr., receio roubar-lhe o tempo.

O DOUTOR: Não, não, não, minha senhora! Ouvindo-a, indefinidamente... Na minha vida são tão raros os momentos agradáveis... Assisto de contínuo a cenas tão dolorosas... Tão repugnantes...

A SENHORA: Mas quantos lhe devem a vida!

O DOUTOR: Oh! Minha senhora! agradeço muito a V. Ex^a. o conceito em que me tem!

A SENHORA: Foi justamente esse conceito que me fez bater com tanta confiança à sua porta. O Dr. há de curar-me.

O DOUTOR (Muito admirado): Curá-la?

A SENHORA: Curar-me, sim! De que se admira? Pareço-lhe sadia?

O DOUTOR: Certamente... com essas cores...

A SENHORA: Pois saiba que estou bastante doente.

O DOUTOR (À parte): Enganou-se de porta (Aponta para o teto)

A SENHORA: Creio que tenho o coração afetado.

O DOUTOR: Sim? (À parte): Devo desfazer o engano?

A SENHORA: Sofro de palpitações, insônias, pesadelos... Tudo isso provém, talvez, da vida aborrecida que passo.

O DOUTOR: Que conta fazer?

A SENHORA: O Dr. mo dirá. Não sei o que é: alimento-me bem, sou naturalmente alegre... Mas... É esquisito: choro por dá-cá-aquela-palha, principalmente à noite, quando estou sozinha... na forma do costume. Deito-me, e as horas

passam com uma lentidão... Uma lentidão!... Revolvo-me no leito sem conseguir conciliar o sono, acendo a vela, leio... E pela manhã levanto-me tão fatigada... tão fatigada... que nem ânimo tenho de passar os olhos pelos jornais.

O DOUTOR: E ninguém que a distraia... que...?

A SENHORA: Ninguém. Às vezes vou à rua do Ouvidor com a baronesa de Pecumam, que é amiga.

O DOUTOR: Conheço-a.

A SENHORA: Mas a baronesa tem filhos, precisa cuidar dos arranjos da casa, e não pode estar todos os dias às minhas ordens. Foi ela quem me aconselhou que o consultasse.

O DOUTOR (Depois de uma pausa, levanta-se): Minha senhora, o meu dever seria confessar-lhe que não sou digno de sua confiança... que não posso curá-la... que devo renunciar ao prazer de lhe ser útil...

A SENHORA: Meu Deus! Estou assim tão mal? Já não há esperança de salvamento? Oh! Eu sou tão moça ainda...

O DOUTOR: Vinte anos... Pouco mais ou menos.

A SENHORA: Oh! salve-me, salve-me, Dr.!...

O DOUTOR: V. Ex^ª. pede: não posso resistir. Salvá-la-ei!... (Senta -se)

A SENHORA: Aqui tem o meu pulso.

O DOUTOR: Que lindo pulso!... E que mão!... Mas tão branca... tão branca... É um sintoma, sabe?

A SENHORA: De quê ?

O DOUTOR: De... de... de hematose...

A SENHORA: Que vem a ser isso?

O DOUTOR: Oh! A hematose... é tudo e não é nada... Um doente muito sujeito a vertigens, que tem?

Hematose! Outro, que padece nevralgias... Outro que digere mal... Outro que sente dores na espinha, e os pés frios, e o diabo! Que tem? Hematose! Tudo isso é hematose!... (À parte, levantando-se) Nunca disse tanta asneira!...

A SENHORA: Que costuma receitar-lhes?

O DOUTOR: Costeletas e vinho do Porto.

A SENHORA: É um remédio fácilimo de tomar.

O DOUTOR: Sim, mas há hematose e hematose. O tratamento da moléstia depende muito do sexo, da idade, do órgão atacado...

A SENHORA: Em mim o órgão atacado é o coração.

O DOUTOR: Em mim também.

A SENHORA: O Dr. sofre do coração?

O DOUTOR: Muito.

A SENHORA: Ninguém o dirá... Parece tão bem disposto!

O DOUTOR: O mal atacou-me de repente... E creio que nunca mais me deixará!

A SENHORA: Oh!... E eu?... Ficarei boa?...

O DOUTOR: Não sei. (Pausa) Preciso auscultá-la.

A SENHORA: Pois se precisa...

O DOUTOR: V. Ex^ª. sabe... O coração está lá dentro escondidinho... Não sabemos, não podemos saber como se comporta. Quem é lá senhor desse músculo impertinente e perverso, que às vezes se põe aos saltos, sem que saiba como nem por quê! (Levanta-se) Se visse como o meu está agitado, minha senhora!

A SENHORA: Vamos, Dr.... Ausculte-me!

O DOUTOR: Mas esta capa...

A SENHORA: Quer que tire a capa?

O DOUTOR: O ranger da seda não me deixaria observar. (Ela tira a capa e dá-lhe) (À parte) É lindíssima!...

A SENHORA: Vamos?

O DOUTOR: Veja como tremo!

A SENHORA: Receio que a moléstia esteja adiantada, não é assim?

Agradeço-lhe o interesse que manifesta por mim. Terei a coragem precisa para morrer!

O DOUTOR (Com calor): Não fale em morrer... Morrer, quando pode espalhar a felicidade com um sorriso... Com um simples olhar!... Mas... V. Ex^a. desculpe: a minha sensibilidade faz-me esquecer de que sou médico... Vejamos esse coração! (Ajoelha-se e encosta o ouvido ao coração da Sra.).

A SENHORA: Ouve?

O DOUTOR: Ouço. Pudera!

A SENHORA: Está agitado?

O DOUTOR: Muito menos que o meu.

A SENHORA (Depois de uma pausa): Pronto?

O DOUTOR: Ainda não. Oh! como são felizes os médicos!...

A SENHORA (Erguendo-se e afastando-se): Senhor!...

O DOUTOR (Erguendo-se): Quero dizer: como são felizes os médicos quando podem curar os seus doentes!

A SENHORA: Quer dizer com isso que me poderá salvar?

O DOUTOR: Se V. Ex^a. quiser. Dê-me a sua mão. Verifiquemos se o pulso acompanha os movimentos do coração.

A SENHORA: Mas, afinal, qual é o seu diagnóstico?

O DOUTOR: O seu coração, minha senhora, sofre de uma moléstia que poderemos designar pelo nome de inatividade. Não há nada mais prejudicial que um músculo ocioso. O seu coração funciona com muita irregularidade, ou por

outra, não funciona absolutamente. Daí os aborrecimentos, as lágrimas, as insônias, os ataques de melancolia...

A SENHORA: E que remédio me aconselha? Diga, Dr.! Costeletas e vinho do Porto?

O DOUTOR: Não, não, não! Outra coisa... Oh! É preciso resignar-se... Vou prescrever-lhe um medicamento que, apesar de doce, poderá parecer-lhe muito amargo... Quem sabe?...

A SENHORA: Não importa!

O DOUTOR: Antes de receitar, quero informar-me de alguns sintomas... Responda com franqueza: há pouco, quando apertei a mão de V. Ex^a., o seu coração não bateu mais apressado?

A SENHORA: Não sei.

O DOUTOR: Quando ainda agora estava a seus pés... doente, muito mais doente que V. Ex^a., não observou como eu tremia?... (Pausa) Minha senhora, o seu mal é a indiferença!... Deixe-se amar por mim, e ficará completamente restabelecida!...

A SENHORA (Com dignidade): Senhor, essa linguagem me surpreende nos lábios de um médico ilustre, que eu supunha digno da confiança de uma senhora honesta!...

O DOUTOR (Resolutamente): Eu não sou médico!

A SENHORA (Pondo a capa): Meu Deus!

O DOUTOR: Sou advogado.

A SENHORA: Oh! Mas isto é uma infâmia!

O DOUTOR: Ouça, por piedade!

A SENHORA: Deixe-me sair, Sr.!(Vai a sair)

O DOUTOR: Oh! Não!... Os seus olhos prenderam-me! Mal os vi atravessar

aquela porta, a minha alma voou por inteira para eles! Quando percebi que tinha havido confusão de doutores, já não era tempo de readquirir a minha coragem!

A SENHORA: Era tempo de não abusar da minha confiança; era tempo de guardar o respeito que me é devido!

O DOUTOR: Não lhe faltei com o respeito, minha senhora. E quem se atreveria a isso? V. Ex^ª. é tão pura, é tão casta, que nenhum desalmado ousaria ofendê-la com uma palavra... Com um simples gesto!...

A SENHORA (É preciso dar expressão a esta fala para que dela resulte um efeito cômico): O Senhor esqueceu-se de que me auscultou! Auscultar-me! Já não poderei erguer a cabeça sem corar! Deus me livre de que se saiba que fui auscultada por um advogado!

O DOUTOR: Quem o saberá?

A SENHORA: Sabe o senhor, e é quanto basta para a minha vergonha...

O DOUTOR: Entretanto, jamais esquecerei que senti bater o seu coração, e que o meu correspondia febrilmente... Apaixonadamente... Fui vencido pela beleza e, sobretudo, pela sua ingenuidade... Não resisti!

A SENHORA: Adeus, Sr. (Sobe a cena).

O DOUTOR: Não vá ainda... Ouça...

A SENHORA (Sobe mais a cena): Senhor, nós não nos conhecemos.

O DOUTOR: Oh! Eu conheço-a, minha senhora! V. Ex^ª., é a personificação do encanto. E se quer saber quem sou eu, dir-lhe-ei que sou um homem honrado que trabalha e, graças a Deus, consegue alguma coisa: chamo-me Santos Lima.

A SENHORA: Santos Lima!

O DOUTOR: Não tenho família... Vivo só como V. Ex^ª. atacado deste mal, que se chama o isolamento. E agora então que a amo... E vou perdê-la!

A SENHORA: O senhor foi advogado da baronesa Pecumam...

O DOUTOR: Tratei da questão do testamento do marido.

A SENHORA: E não lhe levou nada por isso.

O DOUTOR: O barão era muito amigo de meu pai.

A SENHORA: O Sr. salvou a baronesa da miséria.

O DOUTOR: Oh, minha senhora!

A SENHORA: Já sei quem é ... E sei que tem muito valor, que é advogado de futuro. O que eu não sabia é que fosse capaz de abusar da confiança de uma senhora!

O DOUTOR: Esmague-me a seus pés, mas tenha alguma tolerância por uma falta de que V. Ex^ª. foi a principal culpada. Antes de vê-la eu tinha ao menos o espírito tranquilo... Agora, que eu vou perdê-la para sempre, adeus, trabalho! Adeus, glória!... Vá, minha senhora, vá, e leve consigo esses despojos... A minha alma, o meu coração, a minha inteligência!

A SENHORA: E eu sem perceber que o Sr. era um advogado!

O DOUTOR (Com um tom muito natural): Acha-me eloqüente? Defendo a minha vida? É o coração que fala! Se V. Ex^ª. não lhe dá ouvidos, só me resta morrer!

A SENHORA (Com lentidão): Quer que vá chamar o vizinho? (Aponta para o teto).

O DOUTOR: Não seja cruel.

A SENHORA: Não sou cruel : sou leviana.

Venho consultar um médico, entro em casa de um advogado, e fico meia hora a ouvi-lo. Devo parecer-lhe um armazém de defeitos.

O DOUTOR: Se os tem - o que não creio - neutralize-os com uma única virtude: a indulgência.

A SENHORA: Diga antes: a credulidade.

O DOUTOR: Creia que meu amor é sincero. Seja a minha médica:

salve-me...

A SENHORA: Engana-se: não sou médica, sou advogada; mas tomarei conta da sua causa. Apareça.

O DOUTOR: Bravo! E o consultório? É...?

A SENHORA (Estendendo-lhe a mão): Na rua das Laranjeiras, nº 180.

(O Dr. beija-lhe a mão e ela sai, depois de fazer, à porta, um gesto afetuoso).

FIM

Peças de Natal

Cena de Natal

Renata Pallottini

Boa Noite, Felipe

Jair Therezinha Aginsky Dânia

O Segredo de Natal

Agar Aguiar Caruso

CENA DE NATAL

Um Ato

de Renata Pallottini

(A partir de 10 anos)

PERSONAGENS:

JESUS: adolescente

JOSÉ: velho, de barba e cabelos brancos

MARIA: mulher de 30 anos, mais ou menos

LEVI: um menino

TIAGO: um rapaz

UMA MULHER E DUAS CRIANÇAS

CENÁRIO:

Sala rústica com uma mesa retangular ao centro e quatro bancos ao redor. Fundo e laterais em pano escuro. Uma porta à direita e outra à esquerda. (Entram Jesus e José, este apoiado naquele, trazendo uma ferramenta e um pedaço de madeira)

JESUS: Vem, meu pai. Deves estar cansado. Trabalhaste muito, hoje. Já não é para tua idade.

JOSÉ: (Sentando-se) Minha idade é a de sempre, filho. Os velhos não mudam, senão pela morte. Tu é que trabalhaste mais, hoje. Já estás fazendo belas coisas, sozinho!

JESUS: É verdade. Terminei hoje o berço. É o primeiro que faço sem teu auxílio. Achaste bom meu trabalho?

JOSÉ: Bom, meu filho. (Pausa) Muito bom. Eu ensinei tudo o que sabia no meu ofício: a madeira mais

leve, o golpe mais certo, o entalhe mais fino. Hoje és tão bom carpinteiro como José da Galiléia. Quando eu não mais existir, tuas mãos lembrarão o meu nome.

JESUS: Mas só com minhas mãos poderei honrar o teu nome, pai?

JOSÉ: Com tuas mãos e com tuas palavras e com teu coração honrarás pai e mãe. Com a obra que de tuas mãos saia, com o bem que façam tuas palavras, com o amor que abrigas em teu coração. Eis como honrarás pai e mãe.

JESUS: Não te entendo. O que faço com minhas mãos é obra minha,

CENA DE NATAL

Um Ato

de Renata Pallottini

(A partir de 10 anos)

PERSONAGENS:

JESUS: adolescente
JOSÉ: velho, de barba e cabelos brancos
MARIA: mulher de 30 anos, mais ou menos
LEVI: um menino
TIAGO: um rapaz
UMA MULHER E DUAS CRIANÇAS

CENÁRIO:

Sala rústica com uma mesa retangular ao centro e quatro bancos ao redor. Fundo e laterais em pano escuro. Uma porta à direita e outra à esquerda. (Entram Jesus e José, este apoiado naquele, trazendo uma ferramenta e um pedaço de madeira)

JESUS: Vem, meu pai. Deves estar cansado. Trabalhaste muito, hoje. Já não é para tua idade.

JOSÉ: (Sentando-se) Minha idade é a de sempre, filho. Os velhos não mudam, senão pela morte. Tu é que trabalhaste mais, hoje. Já estás fazendo belas coisas, sozinho!

JESUS: É verdade. Terminei hoje o berço. É o primeiro que faço sem teu auxílio. Achaste bom meu trabalho?

JOSÉ: Bom, meu filho. (Pausa) Muito bom. Eu ensinei tudo o que sabia no meu ofício: a madeira mais

leve, o golpe mais certo, o entalhe mais fino. Hoje és tão bom carpinteiro como José da Galiléia. Quando eu não mais existir, tuas mãos lembrarão o meu nome.

JESUS: Mas só com minhas mãos poderei honrar o teu nome, pai?

JOSÉ: Com tuas mãos e com tuas palavras e com teu coração honrarás pai e mãe. Com a obra que de tuas mãos saia, com o bem que façam tuas palavras, com o amor que abrigas em teu coração. Eis como honrarás pai e mãe.

JESUS: Não te entendo. O que faço com minhas mãos é obra minha,

cidade de Davi nasceu hoje o Salvador que é Cristo, o Rei.”

JESUS: Cristo?!...

JOSÉ: O Rei.

(Jesus, surpreendido com a palavra de José, volta-se interrogativamente para Maria)

MARIA: Ainda não é chegada a tua hora...

JOSÉ: E os magos...

MARIA: Eram sábios do Oriente e também estes a estrela guiou. Vieram e adoraram, oferecendo ouro, incenso e ervas aromáticas, e te ungiram.

JOSÉ: E depois voltaram para as suas terras, levando consigo o seu ouro, porque disse o senhor: “Não terás outros deuses diante de mim.” Mas conosco deixaram o perfume do seu amor.

MARIA: E então percebi, filho, que eras - não meu - mas um bem de todos, e que sempre o serias. Senti meus braços vazios e meu coração pesado de amor por ti. Porque eras pequeno e senhor, e eu, tua mãe, em ti repousava.

JESUS: E partimos de Belém?

MARIA: Teu pai levou-nos.

JOSÉ: É que também a mim, em sonhos, veio um Anjo e me disse: “Toma o menino e sua mãe e foge para o Egito. Porque Herodes procura o menino para o matar.” E assim fiz e fugimos para o Egito.

MARIA: Onde viemos para Nazaré, que é tua terra desde então.

JESUS: Longo caminho fizemos nós...
(Levantando-se) Sabes, mãe? Hoje fiz meu primeiro trabalho, inteiramente só. É um berço, e meu pai disse que está bem feito.

MARIA: Sei bem de quem é este berço. É para o pequenino de Marta. Temo que a pobre criança não chegue a usá-lo. Está muito doente.

JESUS: Oh, mãe! Eu lhe fiz o berço com tanto amor!

JOSÉ: Não te entristeças. É bom tudo aquilo que se faz com amor.

JESUS: E no entanto, quando o estava terminando, juraria que vi dentro uma criança, rosada e linda, que me sorria e me acenava com suas mãozinhas redondas... Mãe, tens certeza de que ela não viverá?

MARIA: Assim me disseram.

JOSÉ: O Senhor faz o que é bom. Não nos cabe a nós julgar seus desígnios, mas apenas respeitá-lo e amá-lo sobre todas as coisas.

JESUS: Mas, pai, não teria essa criança nascido para a maior glória do Senhor? Para servi-lo e amá-lo sobre todas as coisas?

JOSÉ: Se ela deve morrer, é morrendo que o servirá. O senhor é o Absoluto.

JESUS: Pode alguém com sua morte servir ao Senhor?

JOSÉ: Quem sabe? Uma só morte pode redimir tantas vidas...

MARIA: Filho, soube que o primo Tiago virá de sua casa para cear conosco hoje.

JESUS: Tiago? E virão também crianças?

MARIA: Virão algumas crianças.

JESUS: Eu queria que sempre, nas festas do meu natal, houvesse muitas crianças e que elas vestissem suas melhores roupas e comessem bolos e recebessem presentes!

MARIA: Em nossa casa há apenas pão.

JESUS: Mas eu vejo crianças felizes ao meu redor...

MARIA: Elas virão. Todas as crianças gostam de festas...

JOSÉ: Bem me lembro, na Páscoa de há três anos, da alegria que reinava em Jerusalém, onde chegamos para a celebração. Dentre os romeiros, quantos meninos brincavam pelos caminhos! O doce ruído de seus jogos alegrava nossos ouvidos e tornava mais leve a longa jornada.

JESUS: Também eu brinquei com os meninos, na cidade. Parávamos junto às tendas dos mercadores onde os peregrinos buscavam ofertas para o templo. Foram horas de alegria para mim.

MARIA: Mas de apreensão foi a hora em que descobrimos, teu pai e eu, que havias ficado em Jerusalém e não estavas entre os parentes e amigos na viagem de volta.

JESUS: Bem sei, mãe. Esqueci-me de tudo, entre os doutores do templo. Perguntei-lhes, e eles me responderam; interrogaram-me, e eu lhes respondi. Porém mais respondi eu a eles que eles a mim.

JOSÉ: Não foste humilde...

JESUS: Meu pai, eu sabia mais do que eles!

JOSÉ: Ainda assim não foste humilde.
(Entra Levi)

LEVI: Senhora, Marta te chama.
(Maria sai e Levi se aproxima de Jesus)

JESUS: Qual é teu nome?

LEVI: Levi.

JESUS: Ficarás para a minha ceia?

LEVI: Sim.

JOSÉ: Senta-te, menino. (Levi senta-se aos pés de Jesus)

JESUS: Pai, as crianças são sem mancha, não é?

JOSÉ: Assim é, meu filho.

JESUS: Por isso é delas o Reino dos Céus.

JOSÉ: Delas e dos humildes e dos pobres e dos bons...

JESUS: Quisera que fossem elas a estar comigo onde eu estiver para sempre!

JOSÉ: Elas estarão lá.

JESUS: Então por que Herodes quis matar as criancinhas? Que mal lhe poderia vir delas?

JOSÉ: Esperava encontrar-te entre elas.

JESUS: E que mal lhe poderia fazer eu?

JOSÉ: De ti não pode vir nenhum mal.

JESUS: Pai, amar a uma criança é amar a Deus. Ofendê-la é ofendê-lo. E é do céu receber o Reino confiado e humilde como um menino. (Pausa) (Afaga a cabeça de Levi) Pai, eu me sinto só.

JOSÉ: Ninguém sabe quão grande pode ser a solidão. Ninguém, nunca, pôde medi-la. Mas todas as grandes coisas foram criadas na solidão. O homem falha ao homem; só Deus não falha nunca.

JESUS: Sim, pai.

JOSÉ: Que faz teu pai, menino?

LEVI: É curtidor. Faz sandálias.

JESUS: E tu, que farás, quando cresceres?

LEVI: Não sei. Gostaria de ser carpinteiro como vós. Hei de tirar da polpa da figueira burrinhos e barcos... um carro pequeno para brincar...

JESUS: Eu fiz um barquinho com a polpa da figueira. Queres vê-lo? (Levi acena que sim)

JOSÉ: Vai, filho. Mostra-o a Levi.

JESUS: Sim, meu pai. (Saem Jesus e Levi) (José apanha uma ferramenta e põe-se a usá-la num pedaço de madeira. Vai cantarolando trechos de salmos)

JOSÉ: Eu te louvarei, Senhor, de todo o

meu coração. Contarei as tuas maravilhas. Deus é a minha luz e toda a minha salvação. De quem eu me recearei?

(Maria entra, apressada, e José levanta os olhos do trabalho e a interroga com o olhar)

MARIA: A criança está à morte.

JOSÉ: Não o digas a teu filho, se não te perguntar.
(Entra Tiago)

TIAGO: Senhor... Senhora... Vim para a ceia de meu primo.

JOSÉ: Bem-vindo és sempre à nossa casa, Tiago. Senta-te. Vou à oficina guardar as ferramentas. Logo estarei de volta.
(José sai)

MARIA: (sentando-se) O Senhor seja contigo, primo. Como estão os de tua casa?

TIAGO: Temos saúde e pão, senhora. Deus é bom conosco. Onde está meu primo?

MARIA: Saiu, por pouco tempo. Voltará logo, com seu pequeno amigo.

TIAGO: As crianças o querem muito, não é?

MARIA: Sim, ele também quer às crianças. Sente-se irmão delas, como se todos tivessem nascido de um mesmo pai. E, sem dúvida, assim é.

TIAGO: Sim, do grande Pai.

MARIA: Meu filho me traz apressada. Suas palavras e seus pensamentos não são para a sua idade. Sei que cheio de mistérios é o seu destino e me antecipo em sofrimento e em cuidados.

TIAGO: Todos os filhos dão cuidados.

MARIA: Sim, é verdade. Mas não teria sido a mim reservado maior quinhão de dores?

TIAGO: Se assim for, senhora, maior glória tereis na Eternidade.

(Reentra José)

JOSÉ: Quem fala em Eternidade?... Uma palavra tão remota em lábios jovens... Em minha boca deveria estar.

(Durante a cena seguinte, Maria sai e volta com os pratos de barro e o pão, arrumando a mesa)

TIAGO: É aos jovens que a Eternidade preocupa, senhor.

(Entra Jesus com Levi, que traz um barquinho na mão. Senta-se o menino no chão e põe-se a brincar)

TIAGO: Primo! Feliz natal desejam-te os da minha casa! Que Deus te guarde!

JESUS: Que Deus nos guarde a todos. Senta-te e descansa; tens os pés empoeirados. Deixa que os lave.

TIAGO: Primo, não hoje. Hoje deves estar alegre e rir e ser servido. Estou bem, não te preocupes. Vê, minha mãe manda-te este manto para te agasalhar no inverno que chegou

JESUS: Agradece-lhe por mim.
(José, Jesus e Tiago sentam-se ao redor da mesa)

JESUS: Mãe, não te sentarás conosco?

MARIA: Não é do costume do nosso povo, meu filho.

JESUS: Senta-te hoje, eu te peço. Pai, não queres?

JOSÉ: Sim. Senta-te. Deves partir o pão que dividiremos com nosso hóspede. (De cabeça baixa, em atitude de oração) Senhor, pedimos-te a bênção para esta ceia que se inicia. Concede tua graça ao nosso hóspede, como aos de nossa casa. E ao nosso filho, hoje, no dia de seu natal...

JESUS: Pai...

JOSÉ: ... Concede-lhe o que lhe há destinado, pois tu és o Rei e o Reino. (A Maria) Partirás o pão e o servirás.

MARIA: (levantando-se para a tarefa)
Que neste pão esteja sempre a alegria.

JESUS: A alegria hoje não é completa. O menino ali...
(Irrompe a vizinha)

VIZINHA: Senhora, o menino vive!

MARIA: Quem, o menino de Marta?

VIZINHA: Sim, o menino de Marta, que já agonizava. Quando o deitavam no bêrço, para que a mãe não lhe visse a morte...

MARIA: Sim?...

VIZINHA: ...Ah! Louvado seja Deus! O menino sorria, estava salvo, e agitava as mãozinhas redondas...
Vinde, senhora, vinde todos, o menino vive!

JOSÉ: Filho, o berço que fizeste!

JESUS: Mãe, posso ir ver o menino?
(Maria acena que sim)

JESUS: Vem, Tiago. Vem, Levi. Vamos ver a criancinha.
(Saem os três; pausa bem longa)

JOSÉ: Ficaste triste... Não te alegraste com a cara do menino?

MARIA: Sim, alegrei-me e rendo graças ao Senhor... Porém...

JOSÉ: Porém...

MARIA: É o destino do outro menino que me inquieta. O destino do meu menino.

JOSÉ: Então também percebeste que foram as suas palavras e as suas mãos construindo o berço que salvaram a criança...

MARIA: Percebi e inquietei-me. Quão estranho será o seu destino...

JOSÉ: Será estranho, sim. Tudo nele é estranho. Não é mesmo um estranho também para nós?

MARIA: Por que ele não pode ser como todas as outras crianças?... Por que não pode ser só meu? Só nosso...

JOSÉ: As criaturas nunca pertencem às criaturas; são sempre de Deus. E este, então, que é o próprio Deus...

MARIA: Assusta-me o seu destino. Sofrerá tanto...

JOSÉ: Sim, sofrerá muito. Para isso, porém, nasceu. Seu sofrimento aliviará o sofrimento de toda a humanidade, desta geração e de todas as gerações, até a consumação dos séculos.

MARIA: Será necessário o sacrifício de sua própria vida.

JOSÉ: A sua vida, pela vida de todos os homens. O que hoje vimos é uma antecipação do que virá. E talvez o senhor não permita que assistamos. A uma simples palavra sua os doentes serão curados, os cegos enxergarão, os paralíticos andarão. Com um gesto seu, os pecadores serão convertidos, os pobres serão consolados e os ricos viverão na Caridade. E se só com uma palavra e um gesto tanto conseguirá, o que não há de ser para toda a humanidade o sacrifício de sua vida?

MARIA: E então, nós...

JOSÉ: Nós? Nós louvaremos o Senhor, que se compadeceu do seu povo e lhe mandou a salvação. Nós aceitaremos os seus desígnios, ainda mais com alegria do que com resignação, e entoaremos hinos de louvor à sua glória.

(Entram Levi com duas crianças,
Tiago e Jesus)

JESUS: Mãe, o menino se salvou!

JOSÉ: (ajoelhando-se) Que, pelo teu
natal, infinitas graças Deus sempre
conceda a seu povo!...

MARIA: (ajoelhando-se) O Senhor seja

louvado... Faça-se a sua vontade.
(Ajoelham-se Tiago, Levi e as
crianças, enquanto Jesus levanta a
mão direita num gesto de bênção.
Escurece-se a cena, conservando-
se apenas um fecho de luz sobre
a cabeça de Jesus)
Cai o pano em quadro vivo

FIM

BOA NOITE, FELIPE

(Menção honrosa no concurso “Prêmio Narizinho”, da CET, de 1965)

de Jayr Therezinha Aginsky Dânia

Peça infantil em 2 atos

(A partir de 6 anos)

PERSONAGENS:

PEDROCA, o menino
FELIPE, o peruzinho
A VELHA DO VALE
O GALO BOSSA NOVA
A PATA VAIDOSA
A PORCA PORCALHONA
O GATO PROFESSOR
ZÉ BAMBU, 1.º bandido
JOÃO BARRIGA, 2.º bandido
Vozes

CENÁRIO:

(único): Descrição no texto

I ATO

(A primeira cena passa-se à frente da cortina. Pela direita surgem correndo um menino e um peru. O menino chama-se Pedroca: é loiro, pés no chão, maltrapilho. Traz ao ombro um cabo de vassoura, em cuja ponta está amarrada uma trouxinha. O peru chama-se Felipe, veste vistosos trajes de cetim. Sua idade mental representa uma criança de 4 a 5 anos. Quando os dois entram no palco, vêm cansados e sentam-se no chão, com estrépito.)

PEDROCA: Ufa! Corremos que não foi brincadeira!

FELIPE: Será que estamos livres daqueles bandidos? Ai, ai, minhas perninhas!

PEDROCA: Estou tão cansado! E que fome!

FELIPE: Vamos comer um pouco, Pedroca?

PEDROCA: Deixa ver se tem alguma coisa aqui. (Desamarrando a trouxa; Felipe espicha o pescoço em direção à trouxa). Só tem um naco de pão! (Começa a comer. Depois olha para o peru, que está muito triste, olhando de esguelha; divide o pão com o amigo, que sorri)

FELIPE (Espichando-se no chão): Meus

olhos estão pesados... Você não está com sono, Pedroquinha? (O palco escurece um pouco)

PEDROCA: Se estou! (Deitando-se também. Os dois ficam em silêncio um pouquinho, até quando Felipe senta-se rapidamente, assustado)

FELIPE: Pedroca, acorda, Pedroca! (Sacudindo o menino)

PEDROCA (Acordando): Que é? Que foi? (Levanta-se assustado)

FELIPE (Choramingando): Você não me deu boa noite!... (E chorando) E nem cantou para mim!...

PEDROCA (Suspirando): Que belo susto você me pregou! Já pensei que eram os bandidos! (O peru continua choramingando, com as mãos nos olhos) Está bem, não precisa chorar mais. (Em tom paciente) Você canta junto, está bem?

FELIPE: "Tá"! (E os dois entoam a canção, que deve ter um acompanhamento de piano. Uma luz azulada cai sobre eles, enquanto o resto do palco fica completamente no escuro)

"Boa noite, Felipe"
canção de ninar:
Boa noite, Felipe
Venha cá descansar
Que a noite convida
A dormir e a sonhar

FELIPE: Boa noite, Pedroquinha!

PEDROCA: Boa noite, Felipe!
(Os dois deitam-se e adormecem profundamente. Após alguns segundos, as luzes clareiam um pouco, enquanto desaparece a claridade azul, anunciando a aurora. Neste instante vêm entrando, pelo lado esquerdo, os

dois bandidos. Um deles é magro, alto, com o nariz comprido. Veste-se com um terno de cetim preto e gravata amarela. Sobre a cabeça, uma comprida cartola roxa, com fita também amarela. Nas mãos traz uma rede grande, de caçar borboletas, e um chicote. Chama-se Zé Bambu. O outro é baixo e barrigudo. Careca. Veste terno de cetim alaranjado, com um grande laço preto servindo de gravata. Na mão, uma enorme lata de biscoitos. Chama-se João Barriga. Os dois aproximam-se, de costas, devagar, olhando para todos os lados. Quando estão bem próximos de Pedroca e Felipe, é que vêem.)

JOÃO BARRIGA: Olha, Zé Bambu, quem está aí (Apontando para os dois deitados).

ZÉ BAMBU (Irônico): É mesmo, João Barriga; nem procuramos estes dois palhaços, hein! (Com a ponta do sapato começa a cutucar os dois que dormiam, até acordá-los)

JOÃO BARRIGA: Acordem, acordem, preguiçosos! Não temos tempo a perder! (Os dois acordam assustados e, sentados mesmo, se abraçam)

FELIPE (Olhando para Pedroca e falando trêmulo): Estou com medo, Pedroquinha!

ZÉ BAMBU: Ah! Está com medo, não é? E é pra estar mesmo, pois o senhor vai virar o melhor peru assado de Natal que já se viu! Ah, ah, ah!

PEDROCA (Levantando-se e ficando um pouco afastado dos demais - bem perto do público): Mas que bando malvado! Quer a todo o custo

roubar o meu peruzinho amigo!
FELIPE (Chamando Pedroca com a mão e ainda com voz trêmula):
Pedroca! Me ajuda aqui!
(Nesta altura os bandidos deram-se as mãos, formando roda, com o peru dentro. O chicote e a rede embaixo do braço de Zé Bambu).

ZÉ BAMBU: Pare de berrar! Seu peru chorão! Vou prendê-lo já, já! Com Pedroca ou sem Pedroca. (Dizendo isto, pega a rede e enfia na cabeça de Felipe, que chora copiosamente)

JOÃO BARRIGA: Segura com força, Zé Bambu; olha que ele foge! (João Barriga encontra-se um pouco afastado; enquanto fala, vai enchendo a boca de biscoito, deixando cair um pouco no chão)

PEDROCA (Ainda afastado e virando-se para falar com Zé Bambu): Vocês vão ou não vão soltar meu amigo?

ZÉ BAMBU: Não vamos não! Ou melhor... Quem sabe se você concordar conosco. (Fala fazendo sinais para João Barriga)

PEDROCA: Concordar com o quê?

ZÉ BAMBU: Entrar para nossa quadrilha, ora essa! Vida boa! E esse aí também (apontando para Felipe).

PEDROCA (Virando-se para Felipe e falando indignado): Felipe! É agora! Agüenta a mão que lá vou eu! Prepara as pernas para correr! (Dizendo isto, vai-se aproximando do grupo e com uma rasteira derruba João Barriga - que já havia tampado a lata de biscoitos - e, com uns passinhos de capoeira, vai brigar com Zé Bambu. Enquanto isto, Felipe joga fora a rede, corre um pouco e fica

torcendo de longe, com gestos de quem luta, bem expressivos. Pedroca consegue derrubar o bandido e sai correndo pelo lado esquerdo, juntamente com Felipe)

ZÉ BAMBU (Levantando-se e virando-se para o outro, que ainda está sentado no chão): Também você!... É um molenga, "seo" comilão!

JOÃO BARRIGA (Falando e cuspido bolacha): O que você queria que eu fizesse, Zé Bambu?

ZÉ BAMBU: Levanta logo e vamos atrás deles! (João Barriga levanta-se e os dois saem correndo pelo mesmo lado que os dois primeiros. Passam-se alguns segundos e aparecem correndo Pedroca e Felipe, que desaparecem pelo outro lado. Logo a seguir, surgem também os dois bandidos. E isto acontece algumas vezes, sendo que, nas últimas, só aparecem Pedroca e Felipe)

PEDROCA (Mal podendo falar, de tão cansado): Meu Deus! Conseguimos despistá-los! Ai, ai, acho que vou ter uma coisa!

FELIPE (Cambaleando): Me ajuda, Pedroca! Vou ficar aqui mesmo, peru não é cavalo de corrida! (E cai pesadamente no chão)

PEDROCA (Correndo ansioso para o amigo): Felipe, deixe de bobagens! Coragem! Vamos! Aqueles bandidos não nos alcançam mais! Venha! Daqui se enxerga um lindo vale! (Dizendo isto, levanta-se e põe a mão sobre os olhos para ver ao longe. Dá uns pulinhos, feliz) Anima-te, Felipinho! (Levanta a cabeça do outro, que abre os

olhos e escuta) Olha, logo ali tem uma casinha! Vem, levanta que é perto! (Ajuda o outro a levantar-se e vão andando, um apoiando o outro, enquanto a cortina vai-se abrindo, deixando ver o cenário)

CENÁRIO

De um lado, um casebre de madeira pintado de rosa desbotado com algumas manchas. Há uma janela virada para o público. Telhado de palha. Ao lado da casa vemos uma cerca de tela, toda arrebitada, com um portãozinho aberto. Do lado oposto, um poço que pode ser feito de Eucatex pintado. Ao fundo, algumas montanhas pintadas numa tela grande, de papelão. Nesta tela há pequenos furos que servirão na última cena para fazer o firmamento estrelado. O chão é coberto de areia; perto do poço, uma árvore seca. Aqui e ali alguma vegetação. À porta um banco de madeira.

PEDROCA: Cá estamos. Olha, Felipe, ali tem água! (Os dois correm para o poço, ficando de costas para o público e para a casinha. Puxam a corda com o balde e tomam água com grande algazarra. Neste instante, surge de dentro da casinha a Velha do Vale, alta, magra, com roupas compridas de cetim azul-claro. Touca amarelo-claro na cabeça, deixando ver a cabeleira branca. Ela traz na mão um cestinho com laranjas e uma faca. Quando vai sentar-se no banco, ao lado da casa, é que dá

com a presença dos dois. Fica parada no meio da ação e grita alto, fingendo-se de brava):

VELHA DO VALE: Ei, vocês dois aí, que querem, me sujando a água? (Os dois levam um grande susto, deixando cair o balde dentro do poço, respingando água para todos os lados) Venham cá, seus traquinas, venham cá! (Ablanda a voz e senta-se) Não, não estou zangada com vocês, só queria pregar-lhes um bom susto! (Ri alto) (Os dois aproximam-se receosos, Felipe segura a mão de Pedroca e começa a chorar)

FELIPE: Buuuuuuu!

VELHA DO VALE: Ora, ora, não precisa chorar! Posso saber agora o que fazem por aqui? Fugiram de casa, não é?

PEDROCA: De casa não, dona... Mas de uns bandidos!...

VELHA DO VALE: Bandidos?

PEDROCA E FELIPE: É sim! (juntos)

PEDROCA: Eles queriam pegar este aqui! (Aponta para Felipe) Para vendê-lo, agora que é Natal... (Interrompe-se olhando para Felipe, que, com a mão nos olhos, retorna a chorar)

FELIPE (Soluçando): Eles queriam pegar também o meu irmão gêmeo aqui (aponta para Pedroca - a velha faz um gesto rápido com a cabeça, de espanto, ao ouvir "gêmeo"), para que fosse da quadrilha deles, de ladrões!

VELHA DO VALE: Pobrezinhos! Vocês não têm ninguém? Quero dizer, família, alguém?...

PEDROCA (Tristemente): Ninguém!

FELIPE: Buuuuuuu!

(Pedroca bate no ombro do amigo

para consolá-lo. Justamente nesta hora, por trás da cerca, começam a aparecer algumas figuras, que estavam deitadas no chão, dentro do cercado. Percebe-se que estavam ouvindo a conversa. Felipe pára de chorar. Vão saindo uma a uma pela portinhola. Primeiro, o Galo Bossa Nova, com um macacão inteiriço, branco, de cetim. Na cabeça, espécie de touca de borracha branca com crista vermelha. Os cabelos caem pela testa. Os sapatos, alaranjados. Uma cauda com penas coloridas. Debaixo do braço traz um violãozinho. Atrás dele aparece a Porca Porcalhona, com um macacão cor de rosa, rabinho, cabeleira preta curta, bem despenteada. Vem comendo algumas bananas. Segue a Pata Vaidosa, de macacão de cetim amarelo claro. Anda com os pés para dentro, como pato. Traz em cada braço muitas pulseiras e anéis; usa uma bolsinha. Colares no pescoço. Chapeuzinho na cabeça. Por último aparece o Gato Professor. Veste macacão de cetim preto, chapéu de formatura, bigode de gato e rabinho. Todos deixam escapar alguns sons próprios: o Gato dá uns miaus espaçados; a Pata uns quá-quás; o Galo uns cocoricós, acompanhados de acordes de violão, a Porca uns cuim-cuins. Vão aproximando-se)

VELHA DO VALE: Aproximem-se, meus queridos. (Voltando-se para Pedroca e Felipe) Quero apresentar-lhes minha família.

(Aponta um por um; vão dando um passo à frente) Este é o Galo Bossa Nova. Muito boa pessoa, só que precisa freqüentar mais o barbeiro! (O Galo faz uma curvatura e vai saindo, tocando e cantando: "O Pato... vinha cantando alegremente...") Esta é a Porca Porcalhona; muito boa pessoa, muito prestativa. (A Porca, que já havia comido algumas bananas, começa a jogar as cascas para cima, deixando-as no chão) Junte isto, sua porcalhona, vá pô-las no lixo! (A Porca obedece, fazendo caretas. Cada vez que se abaixa, geme alto). Esta (mostra a Pata) é a Pata Vaidosa, muito boa pessoa (repete com ênfase), só que precisa perder esta mania de empetecar-se de bugigangas.

PATA VAIDOSA: Quá-quá. Não fale assim, Velha do Vale (esnobe), não quero perder esta mania! Adoro as minhas jóias! (Sai com muita pose)

VELHA DO VALE: Este último aqui é o Gato Professor (o qual faz enorme curvatura). Boa pessoa, só que é muito distraído; vive no mundo da lua! (O Gato afasta-se, recitando patético)

GATO PROFESSOR: ...Batatinha quando nasce...

(Pedroca adianta-se e fica no centro de todos, que haviam-se colocado em semicírculo)

PEDROCA: Este aqui é Felipe, o Peru, muito boa pessoa. Meu maior e único amigo! Só... que precisa perder esta mania... de chorar à toa!

FELIPE (Adiantando-se e apontando o menino): Este é Pedroca, meu

irmão gêmeo! Muito boa pessoa! E não tem mania nenhuma; gosto dele como ele é! Até que gosto de vê-lo limpar o nariz, toda hora, com a manga do paletó!

(Todos riem alto. A Velha senta-se, começando a descascar uma laranja, que, quando tiver descascado, dividirá ao meio, ficando com metade e dando metade a Pedroca)

VELHA DO VALE: Quer dizer, então, que vocês andam por aí... Não moram com ninguém (Pedroca e Felipe fazem que não com a cabeça). E o que pretendem fazer? Passar a vida toda de lá pra cá, como ciganos?

PEDROCA (Com veemência): Não! Eu quero estudar! Serei muito importante! Quero construir pontes, estradas... Estradas sem fim! (Fala entusiasmado. Todos admiram. O Gato Professor bate palmas)

VELHA DO VALE: Pedroca, você é um bom menino! (Os demais concordam com a cabeça) E você vai vencer! Mas... por enquanto... que não sabe nem por onde começar, por que não fica aqui com a gente? Aqui terá amigos e sossego! Nós o ajudaremos no que pudermos, "tá"? (Enquanto a Velha falava, os demais haviam-se aproximando e aguardavam a resposta de Pedroca, que, com a laranja na mão e a boca aberta, permanecia mudo de estupefação) A casa não é lá essas coisas, mas bem que dá! Eu sozinha (levanta-se do banco onde estava e mostra a casa) a construí com estas mãos

aqui! E faz muito... muito tempo. E tem agüentado cada temporal!

PEDROCA (Recuperando a fala):

luuuupppiiiiiii. (Dá uns pulos de alegria e ri alto. Pega a Velha pela cintura e começa a dançar. O Galo toca violão; o Gato dança com a Porca, e a Pata rodopia sozinha. Felipe faz acrobacias de alegria. Pedroca pára de rodopiar) Nunca ninguém me ofereceu uma casa para morar! Estou tão contente! (Aproxima-se de Felipe e afaga-lhe a cabeça) Ele também pode ficar, não é, Velha?

VELHA DO VALE: Mas claro! Pois não é o seu irmão gêmeo? (Põe a mão na boca, escondendo o riso, e aproxima-se de Felipe, coçando-lhe a cabeça. Este fica envergonhado)

PEDROCA: Nunca esquecerei este Natal! A senhora (aponta a Velha) será a minha querida avozinha, que nunca tive! E vocês (aponta para os demais), a minha querida família! (Enquanto Pedroca fala, Felipe espicha-se no chão e adormece)

VELHA DO VALE (Reparando no peru): Pobrezinho! Dormiu! E que rápido! É o cansaço! (A Porca vai até à cerca, onde há uma coberta colorida pendurada, e a coloca em cima de Felipe) Venha, Pedroca, você também precisa descansar. Amanhã conversaremos melhor! (Fala bocejando) As emoções também me deixaram exausta! (Entrando na casa com Pedroca, vira-se para os outros) Boa noite, meus queridos! (Todos respondem e acomodam-

-se no chão. O palco escurece novamente. As sombras dos dois bandidos aparecem. Como silhuetas. Uma faz um sinal. A outra concorda com a cabeça. Depois afastam-se na ponta dos pés).

FIM DO PRIMEIRO ATO

II ATO

(Abre-se a cortina, com o mesmo cenário, e o Galo levanta-se, ficando em pé sobre o banco).

GALO BOSSA NOVA: Cocorococó, cocorococóoo. Acordar, levantar de uma vez sóóóóóó.
(Os animais, espreguiçando-se, vão-se levantando. A Pata vai lavar-se no poço. Ajeita suas pulseiras. Tira um pente da bolsinha, começando a pentear-se. O Gato pega um caneco que está próximo ao poço, começa a gargarejar. A Porca vai até a cerca cantarolando e traz uma espiga de milho, comendo-a com ganância. Felipe espreguiça-se; faz que escova os sapatos, assobiando, cumprimenta a Porca que passa. Tira depois um pirulito do bolso, chupando-o. A Velha sai da casinha com um avental vermelho, batendo bolo em uma tigela)

VELHA DO VALE: Bom dia! Bom dia! (Tom alegre). Como vocês sabem (não pára de bater), hoje é véspera de Natal, e por isso precisamos comemorar com muita alegria! Vou fazer um grande bolo! (Ao ouvir

isto, todos se aproximam felizes - a Velha pára um pouco de bater, olhando para os demais) Acho bom cada um dar uma ajudazinha!

PORCA PORCALHONA: Cuim! Cuim! Eu vou ajudar, eu vou ajudar! Deixa lamber a panela, Velha?

VELHA DO VALE: Hom'essa! (Batendo com o pé, zangada) Isto é ajuda?

PORCA PORCALHONA: Está bom, cuim, cuim: vou... Vou procurar frutinha no mato para você fazer uma salada, quer?

VELHA DO VALE (Com brandura): Está bem, queridinha! Vá lá, vá!

PATA VAIDOSA: Vou ajudar você, Velha! (Fala esnobe)

VELHA DO VALE: Quer varrer o terreiro para mim?

PATA VAIDOSA (Com muito espanto): Varrer, eu? Vou sujar-me toda! Quá-quá. Vou fazer outra coisa, sabe, Velha.

VELHA DO VALE (Parando de bater o bolo e olhando a Pata): O que então você quer fazer?

PATA VAIDOSA (Com um tom misterioso): Vou arrumar os presentes! (Dá uma risadinha e sai de cena. A Velha sacode a cabeça sorrindo)

FELIPE (Que estivera brincando de amarelinha, afastado, aproxima-se da Velha): Puxa, o Pedroca ainda está dormindo?

VELHA DO VALE: Está, sim! Que cansado que ele estava!

FELIPE: Preguiçoso é o que ele é!

VELHA DO VALE (Olhando para Felipe): Você quer buscar a forma do bolo lá dentro?

FELIPE: É pra já! (Sai correndo, entra na casa. Ouve-se um barulho enorme

de panelas caindo, e o peru volta correndo com a forma na mão, entregando-a à Velha)

VELHA DO VALE (Procurando pelos lados): Onde está o Galo Bossa Nova?

GALO BOSSA NOVA (Saindo de trás da casa, com cara amuada): Estou aqui!

VELHA DO VALE: Que cara é essa? Algum bicho te mordeu?

GALO BOSSA NOVA: É que... É que... Você nem liga mais para mim... Agora tem "outros" (acentuando) amigos...

VELHA DO VALE (Com espanto): Mas Galo Bossa Nova! Está com ciúmes? Ora, ora (Abraçando-o)... Esta é novidade para mim! Você sabe muito bem que o coração da Velha aqui dá para gostar do mundo inteiro! Pois fique sabendo que você é o meu cantor predileto! (O Galo dá um imenso sorriso e faz "coricó") Vamos, ensaie uma música para esta noite, está bem?

GALO BOSSA NOVA: Mas claro! E é pra já! (Afasta-se, dedilhando o violão) "Capoeira me mandou dizer que já chegou..." (Aí o Galo pára e chama alto pelo Gato) Ei, Gato Professor, venha cá ensinar-me alguns versos! (O Gato acerca-se e afastam-se da cena juntos) (Pedroca assoma à porta, bocejando. Felipe aproxima-se do amigo)

FELIPE: Dorminhoco! Dorminhoco!

PEDROCA: É mesmo! (Acerca-se da Velha, enfiando o dedo na tigela e lambendo-o. A Velha finge dar-lhe um pontapé, pois traz as mãos ocupadas. Felipe e Pedroca estão

com os braços entrelaçados)

FELIPE: Sabe, Pedroca, amanhã é Natal! E ela sabe fazer bolo! (Aponta para Velha) Preciso arranjar um presente para você, Pedroca! Vou procurar... (Afasta-se aos pulos)

PEDROCA (Sentando-se no banco, perto da Velha): Estive pensando, Velha! Primeiro tenho que arrumar um emprego; depois, então, arranjo uma escola para mim. Sabe, eu já sei ler um pouquinho!

VELHA DO VALE (Olhando para o menino): Ajudaremos você, Pedroca. Pode estar certo disso! (Ouve-se uma grande algazarra. A Porca, a Pata, o Gato, o Galo e Felipe entram correndo e gritando juntos. É uma confusão! Quá-quá; cuim, cuim; miao, miao; glu, glu, glu; cocoricó etc. O Galo corre pelo palco em todas as direções. A Velha espanta-se, olhando para todos os lados. Pedroca fica em pé sobre o banco. Surgem então, por trás da casa, os dois bandidos - chicote e rede na mão de Zé Bambu. Todos se agrupam no canto oposto, menos Felipe, que é o mais ingênuo. Os bandidos agarram-no, amarrando-o com uma corda)

PEDROCA: Soltem Felipe! (Aproximando-se) Seus bandidos nojentos! (Cospe de lado, entre dentes)

JOÃO BARRIGA: Cale a boca, menino metido! Olhe o chicote! (Apontando para Zé Bambu)

VELHA DO VALE: Vocês não têm vergonha de perseguir um menino e um peru? Covardes, isto é o que vocês são!

ZÉ BAMBU: Olha, Velha, o chicote! (Estala o chicote perto da Velha, que

recua. O outro bandido está perto de Felipe, mantendo-o amarrado)
JOÃO BARRIGA (Cantarolando): Quem ri por último, ri melhor! Ah! Ah! Ah! Era uma vez um lindo peru com farofa!

FELIPE (Trêmulo, com a mão nos olhos, choramingando): Seu bandidinho, você implicou comigo, por que, hein? Não gosta de peruzinhos, é?

ZÉ BAMBU: Não gosto? Adoro todos os perus, principalmente recheados com passas e castanhas! João Barriga! (Volta-se para o segundo bandido) Vá arranjar alguns gravetos, ligeiro, para fazermos uma fogueira. Minha barriga ronca de fome! Ah, ah, ah! Faremos nosso Natal agora mesmo! Ah, ah, ah! Ligeiro, hem, João Barriga! (Felipe soluça e se lastima. O Gato e a Porca saem de cena na ponta dos pés, sem que os bandidos percebam. João Barriga também sai, à cata de gravetos)

PATA VAIDOSA (Aproxima-se de Zé Bambu - próximo ao público. Vem meio de lado, nervosa e chorando, torcendo um lençinho entre os dedos; às vezes enxuga os olhos): Senhor bandido! O Senhor não vai soltar o peruzinho? (Pronúncia esnobe, de novo-rico)

ZÉ BAMBU: Mas claro que não! Não me amole!

PATA VAIDOSA: E se... E se... fizéssemos... uma troca?

ZÉ BAMBU: Que troca? (Para o público) Esta Pata é louca!

PATA VAIDOSA: Eu... tenho (soluços) muitas jóias... Poderei trocá-las pela liberdade de Felipe! (Fala o final de uma vez só)

ZÉ BAMBU (Interessado): Jóias? Olhe, Pata,

se você estiver brincando comigo, também irá para a panela! (A Pata balança a cabeça com força, negativamente) Deixe-me ver essas jóias!

PATA VAIDOSA: Estão aqui (Vai retirando suas jóias. Aperta-as contra o peito dramaticamente e as entrega ao bandido)

ZÉ BAMBU (Rindo às gargalhadas, ao examinar as "jóias"): Ah, ah, ah! Você chama isso de jóias? (Rindo ainda) Uma porcaria de frutinhas secas e pedrinhas sujas! (Jogando tudo no chão) Chega de palhaçada! Suma-se da minha frente, senão já lhe torço este pescoço. Jóias! Bah! (A Pata começa a catar suas bugigangas do chão, chorando muito! Ouve-se agora um estranho ruído, que se aproxima, imitando sons de fantasmas. São correntes se arrastando e gemidos)

ZÉ BAMBU: O que é isto? (Assustados, os demais se agrupam, com medo. Felipe treme da cabeça aos pés. Pelo lado oposto da casa, vêm surgindo duas figuras envoltas em lençóis, imitando fantasmas. Uma está amarrada à outra por uma corrente. O primeiro fantasma é gordo)

1º FANTASMA (Voz da Porca Porcalhona): Olha ali quem procuramos! (Voz cavernosa) Vamos levá-lo conosco. O seu companheiro também!

2º FANTASMA (Voz do Gato Professor) (Com uma vela na mão): Viemos levá-los para pagarem por seus crimes! (Voz trêmula)

ZÉ BAMBU (Desconfiado, aproximando-se): Vieram levar-me? (Aproxima-se

mais) Vieram levar-me, não é?
(Arranca rapidamente os dois lençóis, aparecendo a Porca Porcalhona e o Gato Professor, muito desolados do insucesso de sua farsa. Zé Bambu dobra-se de rir. Riso mau. Enquanto ele se aproximava dos fantasmas, Pedroca, a Velha e o Galo acercaram-se do peru, tentando desamarrá-lo. Mas não dá tempo) Sabidinhos, heim? Saiam daí! Já chega de asneiras! (Pedroca, a Velha e o Galo ficam quietos, mas não se afastam de Felipe, como se estivessem fazendo uma barreira em volta do peru)

PEDROCA: Não sairemos daqui!

VELHA DO VALE: Quero ver o que você pode fazer! (Virando-se para o bandido) Não deixaremos que se aproxime.

GALO BOSSA NOVA: Sei bicar e dar esporadas!

ZÉ BAMBU (Dando alguns passos): Vocês pensam que são espertos? Pois olhem! (Tira do bolso uma caixa de fósforos, junta do chão uma varinha que, ao contato com o fogo aceso, pega fogo. A varinha deve estar com a ponta embebida em álcool, para acender-se rapidamente. Deve ser comprida. Zé Bambu, com a vara incandescente, aproxima-se da casinha) Vamos ver se saem daí ou não! (A Velha leva a mão ao peito. Felipe sacode a cabeça com força. Pedroca faz que pega uma pedra)

VELHA DO VALE: Pois queime minha casinha, seu bandido! Pode queimá-la! (Soluçando) Não me

importo. O que é certo é que não levará Felipe! (Dizendo isto, esconde a cabeça com o avental e soluça alto) (Ao longe, ouvem-se uns latidos de cães. O barulho aumenta com sons também de apitos. João Barriga chega correndo, gritando, sem fôlego)

JOÃO BARRIGA: Zé Bambu, foge, foge! Os guardas vêm aí! Com muitos cachorros! Corre! (Os apitos aproximam-se. Zé Bambu, assustado, sai correndo na frente de João Barriga. Ouvem-se vozes gritando: "Pega, pega, pelo atalho!" O som vai sumindo, os apitos e latidos distanciando-se) (Pedroca desamarra Felipe e os dois abraçam-se. Os outros amigos, juntando-se todos, apertam-se num único abraço. Há risos de alegria. Escurece lentamente o palco, até ficar bem escuro. Ao longe, vêem-se as estrelinhas. Há só um foco de luz, no centro, enquanto todos vão-se sentando no chão. A Velha sai correndo, com jeito cômico; entra na casinha e volta trazendo um lindo bolo. A Pata segue-a, trazendo muitos pacotes enfeitados)

VELHA DO VALE (Olhando para todos): Feliz Natal! Feliz Natal, meus queridos!

CORO DE TODOS: Feliz Natal! (Felipe enxuga os olhos com as mangas. Está sentado perto de Pedroca)

VELHA DO VALE: Antes de partir o bolo, precisamos cantar uma música para o Menino Jesus!

PEDROCA: Eu não conheço nenhuma!

PATA VAIDOSA: Nem eu!

PORCA PORCALHONA: Nem eu!

GATO PROFESSOR: Nem eu!

GALO BOSSA NOVA: Nem eu!

VELHA DO VALE: Nem eu!

FELIPE: Eu conheço! Aquela música,
Pedroca, que você fez para mim!

PEDROCA (Envergonhado): Aquela não
serve, Felipe! É música de dormir!
Não é de Natal!

VELHA DO VALE: Serve, sim! Natal é a festa
da amizade! Nada mais bonito
que amizade! E você, Pedroca, fez

a música para o seu amiguinho,
por isso ela vale muito! Nos ensine
a música, Pedroca, que todos
cantaremos!

(Pedroca e Felipe entoam juntos, e
depois todos. Uma luz azulada
cobre todo o palco)

Boa noite, Felipe
Venha cá, descansar
Que a noite convida
A dormir e a sonhar

FIM

O SEGREDO DE NATAL

de Hagar Aguiar Caruso

(A partir de 6 anos)

PERSONAGENS:

ESPÍRITOS (ajudantes do Papai Noel)
A FADA DO NATAL
MENINA
PRINCESA ANABELA: a boneca mais bonita do mundo
ESPÍRITOS DE BONECA: qualquer número

CENA:

"Hospital Papai Noel das Bonecas"

TEMPO:

Véspera de Natal

VESTIMENTAS:

ESPÍRITOS: Usam vestes marrom e bonés pontudos.
FADA DO NATAL: Usa vestes brancas e traz na mão a sua varinha. Usa uma coroa na cabeça.
MENINA: Vestido comum
ESPÍRITOS DE BONECA: Usam roupas de festa, azuis, vermelhas, amarelas e de outras cores, curtas ou compridas. Devem usar chapeuzinhos enfeitados com flores, ou então fita nos cabelos.
PRINCESA ANABELA: Usa um vestido comprido até os pés, prateado ou dourado; usa uma coroa fulgurante na cabeça.

CENÁRIO:

Um letreiro grande no fundo da cena diz "Hospital Papai Noel das Bonecas". Sobre a porta, ao lado direito, lê-se: "Depósito". Um banco de trabalho com ferramentas e bonecas para serem consertadas, no meio da cena. Três ou quatro banquetas ou cadeiras perto do banco. Uma mesa pequena, no centro, com cartas sobre ela; alguns envelopes devem estar no chão.

Quando se abre a cortina, todos os Espíritos, menos o 3º, são vistos no palco. Alguns estão no banco a consertar bonecas; outros, ao redor da mesa, lêem as cartas.

1º ESPÍRITO (erguendo as mãos): Cartas, cartas!

2º ESPÍRITO (apanhando as cartas do chão): De toda parte!

3º ESPÍRITO (entrando com uma sacola cheia de cartas que esvazia sobre a mesa): E mais cartas vêm chegando!

4º ESPÍRITO: Posso até repetir as cartas nos meus sonhos: "Querido Papai Noel, na semana passada a boneca mais linda que tenho caiu e quebrou o braço. Poderá você, por favor, fazer um novo braço, para o Natal?"

5º ESPÍRITO: Ou isto: "A minha Juliana precisa de uma nova cabeleira".

6º ESPÍRITO: Ou então: "O meu cãozinho Peralta fez um buraco na minha boneca favorita e todo o enchimento está escapando por ele".

7º ESPÍRITO: Ou: "A minha bonequinha precisa de uma nova perna".

8º ESPÍRITO (pondo as mãos na cabeça): Braços, pernas, cabeleiras, enchimentos! Será que as cartas não têm um fim?

9º ESPÍRITO: Essas ordens de última hora me deixam maluco!

10º ESPÍRITO: Especialmente neste ano, quando os materiais são tão escassos!

1º ESPÍRITO (levantando um punhado de cartas): Há pedidos aqui para quinze pernas e vinte braços.

2º ESPÍRITO: Aqui está uma carta de uma menina paraplégica pedindo uma cabeleira loura para a sua boneca.

3º ESPÍRITO: Uma cabeleira! Onde a encontrar?

4º ESPÍRITO: Não temos um só caracol de cabelos nesta casa!

5º ESPÍRITO: Se ao menos recebêssemos

à tarde um novo estoque de materiais!

6º ESPÍRITO: Isso é impossível!

7º ESPÍRITO: Você tem razão. Temos algumas horas só; Papai Noel começará logo a sua viagem.

8º ESPÍRITO: Urge fazermos o melhor possível com o que temos em mãos. Venham, vamos ver o que temos no nosso depósito.

9º ESPÍRITO: É tão pouco o que temos lá; posso até mencionar coisa por coisa. Não há sinal de cabeleira loura...

10º ESPÍRITO: Que pena! É uma vergonha para nós desapontar a criança paraplégica.

1º ESPÍRITO: Uma vergonha! Isso corta-me o coração!

TODOS: E o meu! E o meu! (Limpam as lágrimas)

2º ESPÍRITO: Quem sabe em algum canto do depósito podemos encontrar ao menos um anel ou dois de alguma cabeleira loura...

3º ESPÍRITO: Vamos, companheiros. Façamos uma busca em regra no depósito. (Saem todos pela porta do depósito, menos dois, o 4º e o 5º, que ficam trabalhando com as cartas)

4º ESPÍRITO: Nós ficaremos para abrir as cartas que acabam de chegar. (Ele e seu companheiro abrem cartas, lêem em silêncio e fazem anotações)

5º ESPÍRITO (lendo uma carta com surpresa): Que é isto? Uma menina que quer a sua boneca perdida de volta para o Natal!

4º ESPÍRITO: Mas isso não pertence ao nosso departamento!

5º ESPÍRITO: Não; temos que enviar esta carta para o Escritório "Seção de Perdidos e Achados" do Papai Noel.

- 4º ESPÍRITO:** Perdidos e achados? Olerê?
Tenho uma idéia! (Bate palmas de contentamento e, correndo para a porta do depósito, grita):
Companheiros, companheiros!
Venham depressa! (Os espíritos entram correndo)
- 6º ESPÍRITO:** Que é? Que aconteceu?
- 4º ESPÍRITO:** Tenho uma idéia. Talvez possamos arrumar uma cabeleira para a boneca da menina paraplégica.
- 7º ESPÍRITO:** Você quer dizer que não devemos de maneira alguma desapontá-la, não é?
- 4º ESPÍRITO:** Talvez não a desapontemos.
- 8º ESPÍRITO:** Maravilhoso! Conte-nos sua idéia!
- 4º ESPÍRITO:** Bem; vocês se lembram da Princesa Silenciosa, não?
- TODOS:** Naturalmente, naturalmente.
- 9º ESPÍRITO:** Ela foi encontrada há um ano perto de uma estrada!
- 10º ESPÍRITO:** E ela nunca foi reclamada. Tem morado até agora com a Fada do Natal.
- 1º ESPÍRITO:** E a Fada diz que ela é a boneca mais bonita, mais querida, a mais generosa do mundo inteiro!
- 2º ESPÍRITO:** Ela chama-se Princesa Anabela, creio.
- 3º ESPÍRITO:** Sim, Princesa Anabela; e seus olhos são azuis como o azul do céu!
- 4º ESPÍRITO:** E o seu cabelo é da cor do ouro. Agora escutem a minha idéia! (Chama os companheiros para junto dele e cochicha-lhes alguma coisa. Todos afirmam com a cabeça)
- 5º ESPÍRITO:** Você acha que ela faria isso?
- 4º ESPÍRITO:** A Fada do Natal diz que ela é a mais generosa, a mais querida boneca do mundo, não é?
- 6º ESPÍRITO:** Sim, mas será possível?
- 7º ESPÍRITO:** Bem, não nos custa fazer o pedido.
- 8º ESPÍRITO (Virando-se para o 1º Espírito):** Você corra à casa da Fada do Natal e veja que espécie de barganha podemos fazer com a Princesa Anabela.
- 9º ESPÍRITO:** Você é muito jeitoso; poderá persuadir a princesa a ajudar-nos.
- 1º ESPÍRITO:** Tentarei! (Sai pela esquerda)
- 10º ESPÍRITO:** Venham, trabalhemos, amigos! Talvez terminemos os últimos pedidos antes que ele volte. (Todos começam a consertar bonecas. Assobiam enquanto trabalham)
- 2º ESPÍRITO:** Vocês acham que a Fada do Natal aprova nosso plano?
- 3º ESPÍRITO:** Naturalmente! A Fada do Natal aprova tudo que é feito com o verdadeiro espírito do Natal.
- 4º ESPÍRITO:** A questão principal é: a Princesa Anabela aprovará?
- 5º ESPÍRITO:** Escutem, ouço alguém do outro lado da porta...
- 6º ESPÍRITO (olhando para a esquerda):** É o nosso companheiro que regressa. (Entra o 1º Espírito. Todos correm para saudá-lo)
- 7º ESPÍRITO:** Conte-nos: como se desempenhou você?
- TODOS:** Sim, sim, conte-nos depressa!
- 1º ESPÍRITO (tirando uma cabeleira loura do bolso):** Ela me deu todos os anéis de sua linda cabeleira!
- 4º ESPÍRITO:** Todos os anéis de sua cabeleira! Mas nós pedimos só seis!
- 1º ESPÍRITO:** Eu sei, mas ela insistiu em me entregar todos os anéis, pois quer que a boneca da menina paraplégica tenha a cabeleira mais linda do mundo!

8º ESPÍRITO: Que coração de ouro!

9º ESPÍRITO: É uma verdadeira princesa!

1º ESPÍRITO: E ainda não é tudo. Depois que eu falei sobre a escassez do nosso material, ela insistiu para que eu trouxesse isto, e isto! (E ele vem retirando do bolso um braço, uma perna e um vestido de boneca em prata e ouro)

TODOS: Quão bondosa é ela!
Como é generosa!

1º ESPÍRITO: E tudo que ela pediu em troca foi fazê-la voltar para o ponto ao lado da estrada onde ela foi encontrada há um ano. Ela diz que tem um pressentimento de que sua pequena dona vai passar pela estrada hoje.

10º ESPÍRITO: Céus! A menina não a reconhecerá no estado em que se encontra!

2º ESPÍRITO: É verdade! Ela sem um braço, uma perna, e sem a bela cabeleira crespa, sem o lindo vestido...

1º ESPÍRITO (com tristeza): Não quero nem pensar no seu desapontamento se não for encontrada. Ela está ansiosa por se encontrar com sua dona agora no Natal.

3º ESPÍRITO: Escutem; que será? Parece que ouço passos...

1º ESPÍRITO (olhando para a esquerda; todos os mais olham também):
Quê? É uma criança com uma boneca quebrada! Oh! É alguém que traz a Princesa Anabela!

2º ESPÍRITO: O que sobrou da bela Princesa, você quer dizer!

3º ESPÍRITO: Ela se encaminha para cá; quem sabe quer que consertemos a boneca...

(Entra uma menina pela esquerda, abraçando uma boneca quebrada)

MENINA: (Ofegante, mas com o rosto alegre e feliz): Eu descobri sua oficina e vim correndo para contar-lhes a feliz nova; encontrei finalmente a minha boneca, a minha linda Princesa Anabela. Vejam! (Mostra-lhes a boneca) Não é a mais linda boneca do mundo? Oh! Como sou feliz! (Beija a boneca) Agora vou correndo para casa dar a notícia à mamãe. Até logo! Feliz Natal! (Sai correndo pela esquerda)

4º ESPÍRITO: Bem, muito bem!

5º ESPÍRITO: Ela não sentiu falta do braço e da perna.

6º ESPÍRITO: Nem da cabeleira de ouro!

7º ESPÍRITO: Nem do rico vestido.

(Entra a Fada do Natal, como por encanto, pela esquerda)

FADA DO NATAL: Não, meus amigos; e a Princesa Anabela não sentirá também. Seus corações estão tão cheios de amor pelo próximo que nada mais importa. (Olha para as bonecas por consertar, no banco) Vejo que ainda há alguma coisa para terminar nestes últimos minutos.

8º ESPÍRITO: Sim, precisamos apressar nosso trabalho, pois em algumas horas o Papai Noel estará aqui para recolher as bonecas. Vamos, companheiros! Trabalhar! (Ele encaminha-se para o banco, seguido dos outros)

9º ESPÍRITO: Aqui está uma boneca que precisa da perna da Princesa Anabela.

10º ESPÍRITO: E esta precisa de um braço.

1º ESPÍRITO: O vestido que a princesa

mandou vai bem nesta aqui.

2º ESPÍRITO: E a cabeleira dourada vai na boneca da menina paralítica.
(Ergue a boneca)

TODOS: É isso mesmo! Isso mesmo!
(Colocam bonecas em caixas)

FADA: Como a menina vai se sentir feliz!
E como vai ficar agradecida a vocês, Espíritos!

3º ESPÍRITO (ajudando a arrumar as caixas perto da porta à esquerda):
Bem, nosso trabalho está terminado.

4º ESPÍRITO (com um suspiro): Sim, finalmente. Descansemos um pouco; já não é sem tempo, não?
(Ele procura um jeito de se acomodar no chão; outros se espreguiçam com mostras de cansaço)

FADA: Escute, escute, não durma tão depressa! (Ela toca o que se acomodou no chão, com a vara)
Você não há de querer perder a dança dos Espíritos de Boneca!

5º ESPÍRITO (bem acordado): Não, certamente! É o mais lindo acontecimento da ocasião!

FADA: Eles estão a caminho neste instante. (Olha à esquerda)
Venham, venham, queridinhos! É a hora do bailado.
(Os Espíritos de Boneca entram pela esquerda, unem as mãos e dançam em círculo. Depois da dança, fazem uma cortesia de cabeça a todos os Espíritos)

ESPÍRITOS DE BONECA: Obrigados, caros amigos! Obrigados por nos fazerem belos outra vez.

FADA: Sim, obrigada, muita vezes obrigada, amigos! Cada ano, pelo Natal, vocês proporcionam

felicidade às bonecas, dando-lhes uma nova vida e beleza. Como prova de sua apreciação, elas vêm dançar para vocês. Neste ano trouxeram uma nova atração, uma linda e amável dançarina. Aqui está ela agora!

(Princesa Anabela entra correndo pela esquerda e dança em todas as direções da cena. Ela usa um vestido de ouro e prata, e uma coroa na cabeça. Todos da cena a aplaudem efusivamente no final da dança)

ESPÍRITOS (em coro): Maravilhoso! Encantador! Quem é ela? Qual o seu nome?

FADA: Meus amigos, é o espírito da Princesa Anabela!

ESPÍRITOS: Princesa Anabela! (Anabela curva-se)

1º ESPÍRITO: Interessante! Pensei que a reconhecesse! Mas ela está mais encantadora ainda do que quando a encontrei em sua casa, Fada do Natal! (Anabela sorri, atira um beijo e dança em direção à porta esquerda, seguida dos Espíritos de Boneca)

2º ESPÍRITO: Ela não se parece com aquela que esteve aqui nos braços da menina.

3º ESPÍRITO: Sem um braço e sem uma perna.

4º ESPÍRITO: Sem sua cabeleira e sem seu vestido.

FADA: Não, ela é mais linda agora do que em qualquer outro tempo de sua vida. Sua mãezinha acha-a mais encantadora que nunca! Vista pelos olhos do amor, Anabela será sempre a mais linda boneca do mundo.

5º ESPÍRITO: Talvez o milagre se tenha-
dado quando ela se ofereceu
desprendidamente para ajudar a
boneca da menina paralítica.

FADA: Talvez! Ela é sábia, apesar de sua
pouca idade. Ela sempre me dizia:
"Tudo o que é feito em nome do
amor não é feito em vão. O

coração torna-se maior e mais
lindo com a dádiva que fazemos".

ESPÍRITOS: "Mais lindo com a dádiva que
fazemos".

1º ESPÍRITO: Sim, esse é o segredo do
Natal!

FADA: O segredo da vida, podemos
afirmar.

FIM

Nota: Esta peça foi extraída do livro: "Natal do Palco", de Hagar Aguiar Caruso,
publicado pela Imprensa Metodista, São Paulo.

AVISO IMPORTANTE

As peças publicadas por "Teatro da Juventude" poderão ser encenadas pelos alunos de todas as instituições de ensino, tanto da capital como do interior, bem como por jovens amadores filiados a bibliotecas, clubes ou outras entidades culturais e sociais,
livres de pagamento de direitos autorais.

As apresentações profissionais em teatro, rádio, televisão etc. estarão sujeitas às normas sobre direitos autorais estipuladas pela Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), cuja sucursal, em São Paulo, encontra-se sediada à Avenida Ipiranga, 1123, 8º andar - Tel.: (011) 229-9011.

CARO LEITOR

Para receber a Revista Teatro da Juventude, envie-nos as seguintes informações

Nome da escola ou instituição: _____

Endereço: _____

Nome do diretor ou responsável: _____

Número de alunos ou sócios: _____

Idades: de ___ a ___ anos

Já realizou espetáculo teatral? _____

Qual o gênero (peça, show, música, declamação ou outro)? _____

**Endereço: Secretaria de Estado da Cultura
Revista Teatro da Juventude
Rua da Consolação, 2333, 9º andar
Cep.: 01301-100 - São Paulo - SP**



FOTOLITO E IMPRESSÃO

**IMPrensa OFICIAL
DO ESTADO S.A. I.M.E.S.P.**

Rua da Mooca, 1.921 – Fone: 291-3344

Vendas, ramais: 257 e 329

Telex: (011) 34557 – DOSP

Caixa Postal: 8231 – São Paulo

CGC (MF) N° 48.066.047/0001-84



IMPrensa OFICIAL
DO ESTADO S.A. IMESP
SÃO PAULO - BRASIL
1995